N.º 1 COIMBRA, 1 DE NOVEMBRO DE 1883 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director — **TRINDADE COELHO**

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

Para Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

ANNUNCIOS — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente, preferindo-se os srs. directores do correio para melhor ordem na expedição.

IMPORTANTE. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porém, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal. A phototypia é executada em França.

Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.

Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente — o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

Declaração. — O 2.º numero do *Panorama Contemporaneo* sairá só no dia 15 de dezembro proximo. A Empreza reserva este tempo para receber as respostas dos correspondentes com a designação do numero de assignaturas que angariarem. Acceitam-se correspondentes em todas as localidades.

Solicitamos de todos os cavalheiros a quem remettemos este numero o favor da sua resposta, de que impreterivelmente carecemos.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

PARA PORTUGAL — anno 24 numeros, 2$400 réis; semestre 12 numeros, 1$200 réis; trimestre 6 numeros, 720 réis; numero avulso, 30 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

PARA O ULTRAMAR — assignatura realisavel só por um anno, 3$200 réis fracos.

Ao cobro — cada numero 40 réis.

Acceitam-se correspondencias em todas as linguas com a percentagem de 20 %, ou com um numero grátis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente, pedindo-se os assignantes estrangeiros o favor de mandar ordem ou cheque.

Importancias. — Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como despacho de agencia. Tambem a distincções. Recebemos, porém, que estamos muito agradecidos.

Cada numero será acompanhado d'uma gravura em cartão, sobre cartão, cobrindo a população, industrial com o tempo, representando scenas de cidade, villa, monumentos, obras d'arte e bellezas pittorescas de Portugal. A photographia é executada em Europa.

Sairá regularmente no dia 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a cores e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel album de gravuras em folio, unico no seu genero em Portugal, e as suas provas serão procuradas por quem comprehender bem isto.

Cabe-nos ainda ao nosso trabalho apresentar a melhor recommendação — o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é extraordinariamente barato.

Annuncia-se ao clima de que for enviado a Empreza um exemplar.

Declaração. — O 2.º numero de *O Panorama Contemporaneo* sairá no dia 15 de dezembro proximo. A Empreza reserva este tempo para receber as respostas dos correspondentes com a designação do numero de assignaturas que angariarem. Acceitam-se correspondentes em todas as localidades.

Solicitamos de todos os cavalheiros a quem remettemos este numero o favor da sua resposta, de que importará evidentemente encommenda.

N.º 1 COIMBRA, 1 DE NOVEMBRO DE 1883 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTOR

TRINDADE COELHO

OUVERTURE

FOI-SE o verão, meu amigo, a boa quadra da villegiatura alegre por campo e praias, desassombrada da labuta infinita de mil pequeninos negocios que desgastavam lentamente o fio delicadissimo da tua paciencia e te faziam crer doente, não?

Roupas leves na mala, fartura de linhos brancos, porte-viagem a tiracollo, binoculo de campo, e lá te foste sem mesmo saberes para onde, no generoso intuito de tonificar a haustos plenos de oxygenio muito vivo o teu sangue — o teu pobre sangue depauperado nos labores da vida burocrata.

Tres mezes magnificos, confessa.

Dia a dia o jogo irregular dos teus pulmões enfraquecidos reanimava-se de novas forças, dilatava-se-te amplamente o torax sem difficuldade de aspiração, e era perfeita a *hematose* até á ultima particula do teu sangue. Esplendida saude, emfim. Tinhas mais ageis os musculos e com mais phosphoro o cerebro, rejuvenescias de momento a momento, raciocinavas melhor tambem. Deitavas-te regaladamente e adormecias logo. Ia a noite de um somno. Acordavas leve como uma penna e sentavas-te na cama, desentorpecido e agil. Vestias-te e sahias, madrugador como um melro. Tomavas para o campo. Magnifica manhã! Esgaçavam-se nos cimos as gazes da nevoa matinal, gralhava no ar a pardalada de vôos irrequietos, que espreitara do ninho o primeiro rosicler da alvorada e partira ares em fóra espadanando as azas. Hora em que a natureza tem virilidades assombrosas de forças, e sobre homens e cousas paira uma quietação benefica e tranquillamente ideal. Que frescura de tintas e de cambiantes!

Muitas vezes tiveste vontade de umas azas possantes que te levassem por aquelle azul fóra, com que rasgasses a paisagem de lado a lado, indo de arvore em arvore e indo de flor em flor, gralhando, cantando e rindo, a fazer côro com as aves e algazarra com os pardaes, acompanhando, calado, o bando silencioso das pombas, que têm segredos de amor nos vôos mansos, pousando nos vergeis a tal hora floridos, a sugar o orvalho do coração das flores, subindo ás arvores a levar sustento aos pequenos passaros implumes, que aconchegados dormem no fundo macio dos ninhos.

Não rompera ainda o sol, e o céu era alto e de um azul uniforme e suavissimo. A macular-lhe a doçura nem uma nuvem sequer. Aspiravas um ar muito fresco, que te levava saude aos pulmões. Andavam pelo ambiente as emanações suaves dos arvoredos em flor, que te embriagavam como um licor finissimo, feito de essencias de rosas e sorvido em

pequeninos beijos do bico de uma pomba muito branca. Os teus olhos tinham deslumbramentos de verduras, se a contemplar a paisagem se projectavam espaço além. Alvejavam nos longes os povoados. Em toda a extensão nem um palmo de terra inculta. Havia muita vida n'aquella quietação apparente da natureza, que se expandia em bellezas de toda a ordem. No socego calmo da noitada refizera-se das lutas de todo um dia.

Na copa dos arvoredos nem um atomo de pó ella deixara, viste?

Ménagère exemplar, tinha tudo na melhor ordem aguardando a visita do sol, esse debochado sublime que horas depois havia de polluir com os seus beijos de sensualidade abrazadora todo aquelle frescor de viços e de cores. Do coreto dos arvoredos melros ensaiavam solicitos a partitura de recepção. E quando o sol apertava, regressavas a casa procurando as sombras. Sentavas-te á mesa e comias com appetite.

Foste tambem para uma praia.

Quando o sol vinha dar á terra o seu banho morno de luz, já tu havias tomado o teu delicioso banho de mar, muito destemido, semi-nu, affrontando com a tua pericia de nadador experimentado, a golpes certeiros de braços e pernas, como um *gentleman* distincto, a bravura da onda que crescia, que avançava recurvando-se em attitude de ginete refreado, espumante nas cristas, raivosa do teu atrevimento, e que por fim ia quebrar-se na praia n'uma especie de desalento, para de novo retroceder veloz e de novo investir comtigo. E tu sempre sereno, no jogo regular da tua fleugma, boiavas-lhe no dorso, como se imponderavel fosses, e achavas delicioso o combate que levavas de brincadeira.

De taes exercicios quotidianos sahiram-te refeitos os musculos, mais globulado o sangue e mais rico de seivas, estou n'essa.

Bello tempo! E depois as pescarias, caçadas ás gaivotas na companhia de rapazes estrepitosamente alegres, despedindo gargalhadas como flechas, mettidos em barcos que vós mesmos fazieis voar, remos em punho, lembras-te? E os *pic-nics* em sitios pittorescos, na companhia de boas mulheres novas, tentadoras na frescura da sua carnação setinosa e lactea, que te pareciam adoraveis na singeleza alegre dos *pompadours,* vivas e loquazes nas frivolidades attrahentes da conversa, que dirigias a teu gosto para um fim muito particular, todo teu, e então os *pic-nics?*

Ah, meu caro, estás a sentir saudades d'essa vida, não negues.

A praia... as barraquinhas de lona em longas fileiras de campanha... o club... aquella walsa... as *matinées*... Muito puro é o crystal da tua memoria, finissimo! Que vês através d'elle? Não te canças de espreitar o kaleidoscopo, não!

Mas um dia o mar começou a rugir extranhamente. Dir-se-hia que o abalavam presentimentos fundos de desgraça, ou que entre si as ondas planeavam naufragios, tempestades temerosas que abrissem abysmos nas aguas. Toldava-se de nuvens a limpidez azul das manhãs, tinha somnolencias o sol, chovia de quando em quando umas pequeninas bategas que faziam deserta a praia e tristonhos os passeios. Juncto dos barcos amarrados os pescadores praguejavam olhando o mar enraivecido. Rareavam no ar as andorinhas e na praia as mulheres. Em crepes de nuvens densas finava-se o sol no occidente. Adeus, occasos de purpura e oiro, noites prateadas de luar!

Vinha ahi o inverno.

Passavas os dias n'um café e matavas a nostalgia do tedio a golpes de bilhar. Emquanto o parceiro jogava, semsaborão como tu, ficavas-te a olhar a rua pelas portas amplamente abertas, apoiado ao taco, distrahido. Lá fóra a chuva cantava no *trottoir,* começavam as primeiras lamas. Sujeitos muito enroupados, gollas alevantadas alguns, recolhiam-se apressados fechando estabalhoadamente os chapeus, arrumando-os depois a um canto, «que escorressem p'r'ahi.»

— Estamos no inverno, hein?

Que sim, fazias-lhe com a cabeça, «sempre era uma pirraça!»

E ruas além, obedecendo aos horarios, abalavam os carros, repletos de passageiros, muita bagagem em cima, coberta de oleado espesso por onde a agua escorria. Os de dentro fechavam as portinholas á pressa, que se molhavam. Na imperial os guarda-chuvas apinhavam-se investindo uns com os outros a cada solavanco. Estendiam-se cobertores sobre as pernas, aconchegavam-se as roupas os passageiros. Á prova do bom e do máu tempo os cocheiros inclinavam sobre a testa a aba recurva do chapeu e chicoteavam por alli fóra, sem dó. Trombeteavam na corneta os conductores. Os de dentro diziam os ultimos adeus. A toda a brida! força!

E como um bando alado de aves muito negras perpassavam-te na mente as lembranças da vida que ahi vinha, os teus affazeres domesticos, os teus deveres impreteriveis de officio, mil e uma apoquentações, cuidados de toda a especie, um verdadeiro martyrio.

E depois — inverno!

As arvores sem folha, esqueleticas na nudez dos seus compridos ramos, as terras encharcadas e lamacentas, os ninhos sem aves, a pardalada muda, baixo e torvo o céu esfarrapando-se em nuvens, nem sequer um riso de sol, animando a tristeza das cousas e dos homens, beiraes correndo perpetuamente, madreporas de neve coalhando a paisagem e congelando tudo onde pousam!

O inverno, meu amigo, vem ahi o inverno! As eternas noites em que tu acordas cem vezes, não logrando ver a madrugada sorrir-te da janella; o vento, a chuva, o tedio! Impossiveis taes noitadas, pois não?

Ora bem. Penso que então te devem ser agradaveis as lembranças dos sitios que percorreste em melhor quadra, cheio de sol e de alegria, jogo magnifico de pulmões, corpo sadio e alma em festa. Dize.

Foste ao Bussaco, a Cintra? Estiveste na Figueira, percorreste as nossas praias? E campo tens visto muito? Monumentos, obras d'arte, que as temos notabilissimas, conheces tudo isso? Perdoa, mas nas tuas excursões de *touriste* alguma cousa ha-de ter falhado ao teu exame.

Pois bem, meu amigo, completal-o-ha o nosso jornal, este jornal que tens entre mãos e que tu reconheces original, na perfeição artistica do trabalho ao menos. Póde formar com o tempo magnificos volumes de incontestavel merecimento, atravez dos quaes o nosso paiz desfile triumphalmente, a todo o porte de velha majestade respeitavel.

Artisticamente, o nosso jornal será aprimorado e elegante, como é de esperar da arte franceza, o *pschutt* da arte moderna, tão finamente aristocrata, tão parisiense emfim. Litterariamente, confiamos no talento e boa vontade dos escriptores que nos auxiliam e que têm nome feito na litteratura, uns, e nas academias como homens de sciencia, outros.

E inverno além, meu amigo, receberás com toda a regularidade a nossa visita quinzenal, ser-te-hão menos longas as noites e mais supportavel o tedio da estação quando, com o

nosso jornal entre mãos, bem commodamente recostado e entre as delicias de um *breva,* tu nos leres *au coin du feu,* sentindo crepitar no fogão a lenha esbrazeada, emquanto lá fóra o vento gemer nos beiraes, a chuva cahir em torrentes, se alastrarem de neve os campos e o frio congelar tudo...

TRINDADE COELHO.

COIMBRA

COIMBRA tem todas as qualidades artisticas de uma bella composição scenographica: observada de longe, de qualquer dos seus pontos de vista da margem esquerda do Mondego, que lhe lava os pés sujissimos, como um cão submisso e amoroso lambe as chagas do dono, ella é de um pittoresco, de uma frescura, de uma garridice, que alegra o espirito mais sombrio e chega a cançar a attenção pela suavidade dos contornos, pela correcção irreprehensivel do desenho, pela transparencia do colorido, pela regularidade geometrica da paisagem. Vista porém de perto, do buraco do ponto de qualquer janella da baixa, d'entre os bastidores escuros, azeitados e sebentos das suas ruas estreitas e tortuosas, ou de cima, das urdiduras emmaranhadas do bairro alto, é adoravel tudo o que fica fóra da área da cidade, deliciosa a paisagem que a cerca e envolve por todos os lados n'um immenso festão de verdura, mas Coimbra propriamente é asquerosa e ignobil.

De modo que o viajante encontra-se aqui na difficil e inquieta situação de só estar bem onde não está. Se está em Coimbra acha encantadores os arredores, se vae para os arredores vê que Coimbra é lindissima.

É por isso uma verdadeira composição scenographica: vista de longe é adoravel, vista de perto é um montão de borrões, no sentido stricto do termo.

O municipio e o estado têm feito de longe em longe uns pequenos esforços para introduzir a frescura da paisagem circumstante dentro dos muros da cidade, mas a cidade, blindada com duas couraças, é tão refractaria á inoculação do aceio, que se desconfia estar vaccinada contra a limpeza, porque lhe não pega.

Na ultima epidemia da cholera asiatica que invadiu Portugal em 1856, e que veiu a Coimbra, onde fez sérios estragos, não foi atacado o mais immundo bairro que ha na cidade, e que consta d'aquelle dedalo inextricavel de ruas, becos e travessas que se atolam em porcaria no espaço que medeia entre as ruas da Sophia, Visconde da Luz e Calçada pelo norte e o caes pelo sul. E não sabem porque não entrou alli a cholera? Porque teve medo. Os microbios da cholera com effeito chegaram á bocca da rua dos Sapateiros em esquadrão cerrado para atacarem o bairro, mas os microbios do typho, das perniciosas, do garrotilho, do sarampo, da escarlatina, das intermittentes e outros que por alli vivem em doce convivio ha muitos seculos como em sua casa tocaram a rebate na egreja de S. Bartholomeu, reuniram as suas hostes, ergueram barricadas asquerosas de trapos velhos, louças partidas, cabeças de sardinha pôdre, intestinos de gallinhas, gatos estripados, ratos mortos, latas ferrugentas, abdomens de cães arrebentados, e á vista de taes preparativos os microbios da cholera taparam as ventas para não vomitarem o almoço e fugiram a pés de cavallo.

O bairro alto, onde está a Universidade, pesa sobre Coimbra com a impertinencia massadora e ecclesiastica de um barrete de theologo, inundando-a de porcarias de todo o genero,

desde a *sebenta* até aos trajos jesuiticos dos seus academicos. Por isso Coimbra tem esta singular qualidade, que é tanto mais triste quanto mais habitada. Em agosto e setembro com effeito, mezes em que a Universidade se fecha e a academia se dispersa pelo paiz á cata de namoros e de empregos publicos, Coimbra é triste mas não é sombria. Nos outros mezes do anno porém, em que a mocidade das escholas lhe enche as suas ruas, ella toma o aspecto de um fino lenço de *baptiste* com lagrimas de graxa. É horrivel.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

MADRIGAL

QUANDO toda de branco, á hora do sol posto,
Na luz crepuscular d'uma tarde d'Agosto,
Solto o cabello d'oiro, em extasi d'amor,
Vaes, palida, atravez do teu jardim em flor,
Para fitar, beijar teu seio alabastrino,
Vesper abre no azul o seu olhar divino,
Mavioso o rouxinol gorgeia na espessura
Julgando ver da lua a face argentea e pura,
E a cotovia acorda e diz alvoraçada:
—Cantemos! que além vem rompendo a madrugada!...

GUERRA JUNQUEIRO.

NOVAS COLUMNAS DE HERCULES

(AO NIHILISMO)

MYTHOLOGICO heroe da primitiva lenda,
Essa barreira erguida á viração medieva,
Titanico poder da tua mão tremenda,
Ante a luz dissipou-se; e foi batendo a treva.
Non plus ultra... acabou; mas, outra vez se eleva!
Parecia afundar-se a tragica legenda
Oh Hercules audaz! E eil-a de novo...; horrenda!
No Atlantico sumiu-se e foi surgir ao Neva!
Eu, almejando o fim, não justifico os meios.
Se é, porem, santa a dôr que te devora os seios
Moscovita! de pé, luctando face a face!
E á turgida caudal do rebramir dos póvos,
Invadindo e talando os horisontes novos,
Que o término vedado emfim se despedace!

1882.

LUIZ OSORIO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Os admiradores incondicionaes de V. Hugo, publicando a êsmo as cartas olympicas e estridulas como foguetes de tres respostas do grande homem, deram umas tonalidades burlescas ao genero epistolar impresso. Camillo é um dos temerarios intransigentes que usam rir-se das cartas dos sabios estampilhadas com direcção da Eternidade. Elle o confessa. Diz-nos que se não recorda bem do que escreveu, mas que se a sua carta é um simples boletim sanitario e não tem pedagogias impertinentes nem impertigamentos de velho, a podemos publicar. Ella ahi vae. O leitor supprimirá as expressões amaveis que Camillo nos dirige e que elle certamente escreveu por mero *mot de la fin* delicado e amigo.

Eis a carta do *sacerdos magnus* da litteratura portugueza:

... Sr.

A carta extremamente delicada de V. encontra-me no acto de sahir de Seide para procurar em outros ares algum alivio a inveterados achaques que me vão tirando a alegre diversão do trabalho. Vou para a beira-mar; e lá, assim que eu pudér — sem corresponder ao que V. parece esperar de mim — escreverei o meu nome entre os dos seus collaboradores menos desvanecidos. Folgo muito de acompanhar, de longe, a mocidade. Deixe V. mentir a injustiça que me perfila na linha adversa aos moços de infalliveis esperanças. Sou talvez o unico velho a confessar que os rapazes de ha trinta annos, no páreo das sciencias uteis, estavam tão longe da juventude actual quanto V. e os seus congeneres estão dos que hão-de ser rapazes d'aqui a cincoenta annos, ao fim das evoluções maravilhosas que se prophetisam. O que se tem andado nos ultimos trinta annos sobre uma charneca baldia foi pouco; mas a mocidade, ainda assim, encontra muitos matagaes esmoitados, e não tem razão se zomba dos fatigados operarios do passado pelo facto de elles solicitarem um canto nas aguas-furtadas do Pantheon. Eu, por minha parte, nada peço, porque tudo quanto fiz cifra-se n'uma grande alcofa de brochuras inuteis, das quaes apenas se colhe uma lição: — é que esse acervo de livros representa uma independencia modesta em uma aldeia barata. O meu nome é conhecido nas livrarias: nas secretarias não.

Queira V. acreditar na minha sincera estima pelo seu talento que me não é desconhecido, e dispôr do de

V., etc.

C. de V., 16—10—83.

Camillo Castello Branco.

HOËNÉ WRONSKI

O distincto naturalista, sr. Gaspar Ribeiro Sotto-mayor, brindou-nos com este trecho *inedito* do notavel e profundissimo mathematico e philosopho polaco — H. Wronski. O original que nos enviou foi escripto pelo proprio punho de Mlle. Bathilde Conscillant, a antiga bordadeira, e por ella directamente remettido ao nosso amigo. Este documento, como os leitores verão, é interessante pelo caracter de insistencia fixa e pela prolixidade com que o notavel hallucinado insiste na *déraison* de atacar a razão. É precioso, porque põe em relevo d'um modo frisante a anomalia funccional d'este cerebro protentoso, que attingiu a suprema loucura de antever a possibilidade da previsão do futuro pelo instrumento mathematico. Como inedito, pois, e como documento biographico para reconstruir a individualidade cerebral d'este

doente genial e assombroso, é que damos inserção na revista a este desregramento mystico do celebre Messias da Polonia. Eis o artigo:

(INÉDIT)

CONTRE-REFLEXIONS SUR LA PRÉTENTION QUE LA RELIGION EST HORS DE LA RAISON

Un homme qui renonce à la raison est un fou, qu'il faut conduire à Charenton[1] et non à une Eglise chrétienne. — Le caractère principal et essentiel de la religion de Jésus-Christ, est la *raison*, par laquelle seule elle se distingue de la religion des juifs. Demandez-le aux théologiens, et ils vous le diront comme moi. — Otez la raison du Nouveau-Testament, et vous retombez dans l'Ancien-Testament.

Quelques prêtres ignares et quelques fanatiques qu'ils ont endoctrinés, pour conserver l'autorité de leur ignorance, ont voulu prêcher en France la nécessité de renoncer à la raison pour devenir religieux. Ces impies ne pouvaient comprendre que conseiller ici la nécessité de renoncer à la raison, c'est tout bonnement conseiller la folie, comme seule chose digne de la religion. — Aussi, qu'en est-il arrivé? — Tous les hommes raisonnables de la France ont considéré la prétendue religion de ces gens comme un hôpital des fous; et ils ont ainsi tourné le dos à la religion catholique. — C'est en effet de cette manière que la religion a été perdue en France.

Mais, ce qu'il y a de vraiment risible dans cette stupide prétention d'exclure la raison de la religion et généralement des choses divines, c'est que les imbéciles qui ont cette prétention, sont mille fois plus fous que les fous de Charenton. En effet, les fous de Charenton, quoique véritablement privés de la raison, cherchent néanmoins à imiter la raison dans leurs actions et dans leurs paroles, tandis que les fous qui veulent exclure la raison de la religion, se servent, bien ou mal, de la raison elle même pour faire leurs ridicules arguments contre la raison. — Comprenez-vous cela, mon cher lecteur? — Tachez de le comprendre, et tout à coup il vous viendra la lumière qui vous fera voir que vous ne dites pas un mot, que vous n'écrivez pas une ligne, qui ne soient *au nom de la raison*. Autrement, tout ce que vous dites et tout ce que vous écrivez serait de la *déraison*, c'est-à-dire, de la *folie*. Et certes, vous ne prétendez pas déraisonner ou dire des folies quand vous argumentez à votre façon sur la raison et sur la religion.

Reconnaissez donc, avant tout, que vous n'avez pas le droit de dire ou d'écrire un seul mot sans vous mettre d'abord à genoux devant la raison; car, hors de la raison, vous voyez que vous ne pouvez ni parler ni écrire autres choses que des déraisons, des folies. C'est tellement vrai que la seule *prétention d'attaquer la raison* vous place évidemment hors du droit d'être écouté, parce que, hors de la raison, vous ne pouvez que *déraisonner*, et personne n'est obligé, même en politesse, d'écouter ou de lire vos folies.

Sachez, cher lecteur, que *Dieu* c'est la *raison elle-même*, et que la *foi* n'est rien autre que notre *sentiment intime de la raison*. Quand vous comprendrez ces grandes choses, c'est-à-dire, quand vous comprendrez ce qu'est la *raison dans l'univers*, vous pourrez parler de Dieu, de la foi, et de la religion. Avant cela, ne le faites pas; car, vous ne pouvez que ravaler ces choses sacrées au-dessous de leur haute et infinie dignité, que la raison seule, par laquelle Dieu a créé le monde, peut, sinon compendre encore, du moins faire respecter.

N'oubliez pas, cher lecteur, qu'en prétendant attaquer la raison, vous perdez par là même le droit d'être écouté; et par conséquent que, si vous persistez dans cette prétention, vous devez au moins être assez raisonnable pour ne pas le tenter une seconde fois; car, en tout temps, que pourriez-vous dire, *hors de la raison*, autre que des déraisons, des folies? Et certes, personne ne se laisserait prendre à les lire une seconde fois.

Copié sur l'original et collationné.

BATHILDE CONSCILLANT
Fille adoptive et secrétaire de H. Wronski.

---

[1] **Maison ou hôpital pour les fous, à Paris. (B. C.)**

ONOMATOLOGIA PORTUGUEZA

(NOTAS AVULSAS)

Até á data presente a nossa onomatologia tem andado quasi exclusivamente nas mãos dos fazedores de chorographias, de modo que a cada passo fervilhão os absurdos e ainda as faltas de senso. O livro que mais se presta á critica, neste sentido, é o *Portugal antigo e moderno,* que, porém, offerece erros de outra ordem [1]. Importa no emtanto applicar ao estudo dos nomes proprios o methodo scientifico, e deixarmo-nos de nos basear apenas em auctoridades, porque as auctoridades não são os eruditos pulverulentos do passado, são as leis que regulão os factos. No presente ensaio não tenho pretensões a apurar sempre indiscutivelmente a verdade, miro apenas a seguir o methodo proprio d'estas investigações; rigor scientifico absoluto só nas mathematicas se encontra «... at present I only wish to remind the reader that a rigorously mathematical method is quite impracticable in such an investigation, which can only be carried out by a process of comulative reasoning, based on a number of independent probabilities.» (H. Sweet, *Hist. of Engl. sounds,* pag. 26.)

Como por um lado eu tenciono tractar mais completa e desenvolvidamente do assumpto, e por outro lado este é um artigo de momento para satisfazer ao pedido do director d'esta revista, não sigo ordem nenhuma a respeito dos nomes considerados em conjuncto. Se acaso o trabalho se prolongar em numeros subsequentes da revista, darei no fim um indice ordenado.

1. O lat. *avellana* deu os seguintes derivados: *Avellanoso, Avelloso, Vellosa, Velloso; Avellaneda, Avelleda, Velledo* (campo em Tras-os-Montes), *Velleda; Avellar.*

2. O lat. *betula* deu: *Biduedo (=*betuletu-); Bidueira (=*betularia-); Vidual: Beduido* (cfr. *Cebolido* de *cebola, Carvalhido* de *carvalho, Lourido* [quinta no Cadaval] de *louro, Porrido* de alho *porro* [2], *Tojido* (Tujido) de *tojo,* etc.)

3. *Izéda* vem de **iliceta* (cfr. *ilicetum),* de *ilex.* Para designar um terreno plantado de arvores os suffixos *-eda* e *-edo* alternão-se (cfr. *Carrazedo* e *Carrazeda,* como veremos, etc.), talvez com a unica differença de um indicar maior grandeza do que o outro; assim na nossa lingoa *janello* é menor que *janella, saxólo* menor que *saxóla, cancéllo* menor que *cancella,* etc. (Cfr. o magnifico trabalho *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise,* pag. 58, do meu amigo A. R. Gonsalves Vianna, que faz a mesma observação.)

4. O lat. *matiana* deu: *Maçainhas (=maçaninhas,* de *maçana;* cfr. *Fontainhas =fontaninhas,* de *fontana);* *Maçal (=*matianale-), Maceira, Macedo* e *Mazedo.* A formação de *Macedo* póde offerecer difficuldade aos leitores, á primeira vista; mas não tem nenhuma: **matianetum,* **macianedo,* **maciaedo,* **maciedo* (cfr. *Avelleda* no § 1). O *ie* de **maciedo* reduziu-se a *e* em *Macedo,* cfr. *maceira =macieira,* fórmas que concorrem na nossa lingoa; *ae* reduziu-se a *e* como no pop. dialect. *quenda* = ant. *caenda.*

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

---

[1] Quando a obra estiver concluida, espero, se tiver tempo, consagrar-lhe uma anályse detida.

[2] Cfr. *Porral* e *Purral,* que vi escripto nas matrizes do concelho de Guimarães, como campos da freguezia de S. João Baptista.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

EUGENIO DE CASTRO

RYTHMICAS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

Acabam de sahir á luz

CRYSTALISAÇÕES DA MORTE

(Versos)

Preço..... 100 réis

Todas as requisições devem ser feitas a J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

---

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas de linho e algodão, flanellas, baetilhas, riscados, brins, lenços d'algodão, bretanha de linho e seda. Chalaria, mantas, laços de cambraia e seda. Ruges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

A. S. SOUSA

PHOTOGRAPHIA ACADEMICA CONIMBRICENSE

RETRATOS INALTERAVEIS EM CHROMOTYPIA
DESDE MINIATURA AO TAMANHO NATURAL

4—Rua do Museu—4

Cartão de visita, doze.	3$500
» » seis.	2$000
» album, doze	9$000
» » seis.	4$500
Em tamanho natural.	18$000

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 2 COIMBRA, 15 DE DEZEMBRO DE 1883 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director — TRINDADE COELHO

Proprietarios — **COSTA & SARTORIS**
Administrador — **JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

Importante. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porém, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal.

A phototypia é executada na Allemanha, pois não ficámos satisfeitos com o trabalho apresentado pela casa que em França executou a do 1.º numero.

Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.

Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente — o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

O PANORAMA CONTEMPORANEO

N.º 2 COIMBRA, 15 DE DEZEMBRO DE 1883 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTOR

TRINDADE COELHO

A PROPOSITO DE CASTROS

A dias, um amigo meu presenteou-me com dous numeros do *Progresso*, chamando a minha attenção para um escripto que ahi vinha, *Quatro dias na Serra da Estrella*, e especialmente para a parte do escripto, em que, depois de fallar da descoberta d'um castro no alto do Bussaco e de entrar em algumas considerações ácerca dos castros do nosso paiz, o auctor, o sr. E. N., me fazia «entrega do referido castro (o do Bussaco) para os sobredictos effeitos» (a sua exploração).

Agradecendo muito devéras as benevolas expressões que o sr. E. N. me dirige, eu vou dizer a razão, porque me não apresso a acceitar a sua generosa offerta, aproveitando a occasião para tambem por minha vez dissertar um pouco sobre os castros.

Eu nunca iria explorar, nem mesmo examinar o castro do Bussaco, se se tractasse de aclarar o problema que o sr. E. N. propõe á discussão — a unidade de civilisação dos antigos gallegos e dos antigos lusitanos, porque esse facto não é para mim um problema novo, mas um dogma velho.

Se o exame dos castros fosse necessario para robustecer esta crença, eu tenho visto castros bastantes, para dever suppôr que a minha fé não é precisamente a fé de carvoeiro. Vou porém dar a lista dos que tenho visitado até hoje, para que o sr. E. N. julgue por si mesmo:

— Castro de Villar de Mouros; — Castro de Riba d'Ancora; — Castro de Mouros (Ancora); — Castro d'Ariosa; — Castro de Nossa Senhora do Castro (Neiva); — Castro de Nabaes; — Castro de Santagões; — Castro da Retorta; — Castro de Sancto Ovidio, não longe do convento de Vairão; — Castro de Maceeira da Maia; — Castro d'Alvarelhos; — Castro d'Oliveira (concelho de Famalicão); — Castro de Prazins (concelho de Guimarães); — Castro de Sobreposta; — Castro de Francoím (Felgueiras).

Desde que vi o primeiro monte com o nome de castello, desenganei-me logo que os castros e castellos se parecem como duas gottas d'agua.

Fui examinando pois:

— Castello de Neiva; — Castello de Cazaes (Junqueira); — Castello de Guifões, que os naturaes chamam Castêllo; — Castello de Vermoim.

Entre os castros, castellos e cividades (ás vezes cidades) não ha outras differenças, senão as de dimensões, e nem sempre.

Fui por isso examinando com a mesma attenção:

— Cidade do Cossourado (Paredes de Coura); — Cividade d'Ancora; — Cividade de Tarroso (concelho da Povoa de Varzim); — Cividade de Bagunte; — Cividade de Refojos de Basto.

Mas a grande maioria das nossas estações pre-historicas, pertencendo aliás a qualquer das categorias atraz mencionadas, perderam mesmo o seu nome generico e só podem ser designadas pelo nome dos montes, outeiros, etc., em que se encontram. Castros, castellos ou cividades foram com certeza todas as ruinas que visitei nos seguintes montes:

— Monte do Espirito Sancto (juncto a Villa Nova da Cerveira); — Monte de Goes (Cerveira); — Picoto de Mouros (parte de Ville, parte de Riba d'Ancora); — Monte de Sancto Amaro (Riba d'Ancora); — Monte de Sancto Antonio (Affife); — Monte Dor (Carreço); — Monte de Sancta Luzia (Vianna do Castello); — Monte de Roques (perto da Villa de Punhe); — Alto da Ponte (esquerda do Neiva, defronte do Castello do mesmo nome); — Monte da Cerca (Villa Chã, concelho de Barcellos); — Monte de S. Lourenço (idem); — Monte de Laúndes (concelho da Povoa de Varzim); — Monte de S. Miguel (Oleiros, concelho de Guimarães); — Monte da Senhora (S. Jorge de Selho); — Monte da Forca (Villa Nova de Sande); — Monte de Sancta Martha (Falperra); — Montezello (Sancta Leocadia de Briteiros); — Monte de Sanct'Iago (Pensello, concelho de Guimarães); — Monte da Saia (concelho de Barcellos); — Monte de S. Christovão (S. Julião de Freixo, salvo o erro); — Monte de S. Domingos (Lousada); — Outeiro dos Mouros (em Sancta Maria de Pedraça, Basto).

Talvez esta enumeração se vá approximando da «tremebunda massada», que o sr. E. N. queria evitar aos seus leitores; mas já agora, não podemos parar senão no fim da jornada. Mencionarei por tanto as seguintes ruinas, algumas de primeira ordem, e que dão pelos seguintes nomes:

— Coroa do Amonde (unicas ruinas que entre nós tenho visto com esta denominação); — Eira dos Mouros (não longe do Castello de Vermoim); — Sancta Iria (Louredo, concelho de Lanhoso); — Pena Provincia (defronte de Lanhoso); — Cidade da Citania, Citania menor, que ambas as cousas tenho ouvido chamar ás ruinas de Paços de Ferreira; — Chalcedonia (Gerez); — Carmôna (Carvoeiro); — Freixo (Marco de Canavezes).

Eu ponho de lado a Citania e Sabroso e os montes, que não são poucos, onde encontrei vestigios de povoações antigas muito apagados, taes como Sancta Margarida, perto de Roríz; monte de Sancta Eulalia, de Sancto Amaro, da Senhora do Monte, nas proximidades de Guimarães; Chã de Chellos no Gerez, etc., e, porisso que só dou conta das estações pre-historicas que vi com os meus proprios olhos, claro é que excluo todas aquellas que nos noticiam os nossos antiquarios, Carvalho, Argote, Pinho Leal, etc., e egualmente aquellas que me têm sido indicadas e têm sido vistas por informadores de toda a confiança [1].

Limitando-me apenas ao resultado das minhas investigações pessoaes, vê-se que não é

---

[1] Se n'uma carta geographica se marcasse com um ponto negro as estações que tenho visto no Entre Douro e Minho, notar-se-hia talvez que ellas são mais abundantes no littoral, do que para o centro da provincia. Devo porém dizer que o meu trabalho de reconhecimento, porque é esse o nome proprio, começou pelo littoral, que ainda não examinei todo. As visitas ás estações do interior foram occasionaes e sem methodo. No emtanto tenho razões para acreditar que a população antiga do nosso paiz não era mais densa na beira-mar, que nas outras partes.

estouvadamente que eu affirmo uma tal ou qual competencia para fallar de Castros, se é do exame d'elles que havemos deduzir a unidade da velha civilisação da Lusitania.

Dir-se-ha que a minha experiencia póde auctorisar-me a julgar com mais ou menos sem-ceremonia dos castros [1] no Entre Douro e Minho, mas de modo algum nos povos que lhe ficavam ao sul e nos gallegos que lhe ficavam ao norte; porém, quanto á Galliza, além dos factos que o sr. E. N. cita, e que eu podia multiplicar, d'onde se infere que os castros da Galliza, até hoje descriptos, são irmãos gemeos dos do Minho, eu examinei tambem por mim mesmo as ruinas de Sancta Tecla, a sul da Guardia; dois castros na vertente oriental do Monte Tarroso, a norte d'aquella povoação; o Monte da Senhora da Guia, sobre a bahia de Vigo; o Castillo del Castro, de Vigo, para poder escrever, com toda a consciencia, que entre estas ruinas e todas as que tenho visto não ha a menor differença.

Quanto á região do sul do Douro, examinei alguns castros dos arredores da Serra da Estrella; ouvi a descripção de muitos outros que me foram indicados, e, se o acaso não zombou comigo, apresentando-me apenas os castros que tinham com os da Galliza e Minho uma perfeita analogia, não póde ser taxada de menos razoavel a convicção que me possue de que ninguem achará desde o mar cantabrico até os Herminios, pelo menos, outros castros que não sejam um novo exemplar dos que até hoje tenho examinado.

O que póde agora perguntar-se é se o exame superficial dos castros, isto é, a inspecção d'elles, desacompanhada d'excavações mais ou menos minuciosas, é capaz de fornecer provas sufficientes a favor da unidade da civilisação entre os povos que os habitavam.

Esta pergunta póde ser incommoda para aquelles que se collocam no ponto de vista do sr. E. N., mas a mim não me incommoda nada.

A unidade da civilisação nos antigos lusitanos era para mim um ponto de fé, mesmo antes de pensar nos castros. Quando os antigos observadores, de cuja experiencia se aproveitou Strabão, nos asseguram que os lusitanos, gallegos, astures e cantabros, quer dizer, os povos occupando a área da Lusitania antiga [2], tinham os mesmos usos e costumes; quando, em vista da onomastica que nos resta d'estes povos, se não póde duvidar de que elles fallavam a mesma lingua, como o attesta a analogia e ás vezes a identidade dos seus nomes geographicos, pessoaes, etc., e que tinham uma mesma religião, como o mostram os nomes dos seus deuses proprios (não romanos), seria para pasmar que elles não possuissem uma mesma civilisação, e que o exame ou mesmo a exploração minuciosa dos castros viesse destruir um facto que assenta em bases de tanta solidez. Por isso, estudando os castros e tentando aqui e alli alguma exploração, o que eu tinha em mira era conhecer a natureza e extensão d'essa civilisação e principalmente a sua origem primaria; mas nunca me passou pela ideia a possibilidade de que a velha doutrina podesse ser desmentida.

(Continúa).

F. Martins Sarmento.

---

[1] *Brevitatis causa* darei o nome de castros a todas as nossas estações pre-historicas.

[2] Ainda para poupar palavras, tomo a Lusitania no sentido em que a tomava Strabão, remontando a tempos antigos —a zona da Hespanha entre o Tejo e o mar da Biscaia.

PRANTO SINCERO

Elle era antigamente um colossal pinheiro,
sempre firme, apesar de exposto ás ventanias;
não existia outro egual em todo o outeiro,
nem o havia talvez n'aquellas cercanias.

Os rapazes, no inverno, iam furtar-lhe as pinhas,
correndo para ver o que trepava mais;
festejavam-no em bando as negras andorinhas,
poisavam-lhe por cima as pombas aos casaes.

Era o bom protector das aves que fugiam
ao caçador feroz e aos magros cães damninhos;
e as mães, as pobres mães, coitadas, escondiam
nos braços do gigante o seu thesoiro—os ninhos.

Mas um dia houve alguem tão rude e scelerado,
que teve a ideia má de o ir prostrar no chão;
e o valente cedeu aos golpes do machado,
como um castello antigo ás balas do canhão.

Apenas desabou por terra, vacillando,
com o tronco vergado e d'uma côr sanguinea,
surgiu a multidão boçal que o foi levando,
para lhe pôr em cima a Fôrca — essa ignominia.

E elle ouvia da turba o interminavel ruido,
os sarcasmos crueis e o riso pertinaz,
soberbo de desdem, como um heroe vencido,
ouvindo do inimigo as ironias más.

Mas, depois que ao logar onde o aguardava a gente
o arrastaram por fim, cheio de pena e magua,
dizem que ao ver-se erguido ao alto novamente,
humedecêra o chão com duas gottas d'agua!

Coimbra.

Queiroz Ribeiro.

CASTELLO EM RUINAS

Meu triste coração, como um castello antigo,
que a legenda vestiu de espectros e visões,
a lembrança do tempo em que sonhou comtigo
sustenta-o como a hera ás velhas construcções,
meu triste coração, como um castello antigo...

De noite, quando o orvalho os lirios humedece,
como se a lua andasse e os astros a chorar,
nas sombras da ruina affirmam que apparece
uma estranha visão de alvura singular,
de noite, quando o orvalho os lirios humedece.

Semelhante á visão que no castello existe,
tambem no coração, rasgado pela dôr,
eu sinto perpassar, no seu sudario triste,
o espectro sepulchral do meu perdido Amôr,
semelhante á visão que no castello existe...

(Lyricas e Bucolicas).

Antonio Feijó.

SANCTA CLARA

O actual convento de Sancta Clara representa nada menos do que a liberalidade de um rei — a liberalidade do sr. D. João IV que depois de restaurar Portugal, se é que foi elle, restaurou tambem o velho mosteiro da mesma invocação, que assentava na margem esquerda do Mondego, accedendo assim com regia delicadeza de monarcha beato, ao pedido que lhe fizeram as religiosas que ao tempo o habitavam.

Galante rei, o sr. D. João IV, pois não?

O Mondego — e vão lá chamar-lhe poetico — jurara ao vetusto convento uma guerra de exterminio, e era de ver como annualmente, em todos os invernos, elle o apertava nos seus braços poderosos de Hercules hermineo, arremettendo-lhe os alicerces com violencias de indomito demolidor, ameaçando-o dia e noite pela voz rouca da sua corrente enfurecida, promettendo — ai do mosteiro! — suterral-o até ao zimborio sob as areias movediças e abundantes que de contínuo lhe arremessava, como um anathema de maldição.

E quando o inverno tinha já passado e a corrente das aguas do rio entrava de se enfraquecer, porventura prostrada de cançaço, o velho scelerado deixava-lhe a circumdal-o um cordão de pantanos e de charcos, d'onde as exhalações miasmaticas se evolavam com os primeiros soes, impregnando de miasmas todo o ambiente do mosteiro.

Por fórma que a vida alli dentro era accidentada de perigos na quadra primaveral; e ao tempo em que pelos campos, cá fóra, toda a natureza rebentava em festões, se toucavam de flores as copas intensamente verdes dos arvoredos e as aves chilreavam sonoras rasgando o azul a toda a alacridade dos seus vôos, em pleno sol, — dentro d'aquelle velho recinto alastrava-se a desolação como um nevoeiro densissimo, e a rubra flôr da saude, perfumada e veludinea, estiolava e cahia petala a petala, fazendo macilentas as freiras que pouco a pouco abalavam para a cova, envoltas nas longas pregas dos seus trajos monasticos e severos, com a coroa das virgens ornando-lhes as frontes, para o noivado d'além tumulo, no seio de Deus e dos Anjos, — que era a eterna ambição das suas almas...

Por taes motivos ponderosos, de novo escrevo que o primeiro dos braganças houve por bem ordenar a factura de um convento, á mercê da reverenda phantasia de frei João Turriano, homem de boas mathematicas, ao que me consta, e engenheiro-mór do reino.

A chronica n'estas alturas perde-se em descripções bombasticas de ceremonial no lançamento da primeira pedra, consigna nomes fidalgos precedidos do competente D, uma longa procissão de bispos e grandes senhores — minudencias escusadas que nos fariam pesado o estylo e armariam ao bocejo.

Adeante. O vasto edificio é nos dias de agora tal como o representa a nossa phototypia. Precede-o um amplo pateo quadrilongo onde hoje em dia animalejos de differentes categorias retouçam á vontade na herva verdejante; e juncto ao portico da entrada, como viva recordação dos tempos medievaes, uma grossa corrente de ferro estende-se pelo chão, ensinando-nos o antigo privilegio de asylo de que o mosteiro gosava.

É ampla a egreja e de uma só nave, em estylo romano, com treze altares lateraes de aprimorada esculptura em madeira, embrincada de magnificos relevos que são um prodigio de arte e de paciencia.

Em dous sepulchros, ao fundo, D. Isabel, neta da rainha sancta, e D. Maria, filha de D. Pedro II e D. Constança, jazem pulverisadas talvez, excitando uma exquisita curiosidade, um desejo de abrir aquellas pedras, para ver até que ponto se póde desfazer e aniquilar um corpo que porventura foi bello, d'essa belleza forte e sadia das primitivas mulheres portuguezas, de que as de agora apenas dão o reflexo, mercê d'este enfraquecimento physico e d'esta cholorose que nos invade e cedo nos abre o tumulo, e que mais e mais refina até que, por tal caminho, em seculos que vêm proximos a velhice será aos vinte annos.

No primeiro côro, para de tudo lhes dar conta, riquissimo tumulo de pedra, de um elevado gosto artistico, demora o exame do visitante e passa por ser o que no velho mosteiro encerrou o corpo da rainha sancta, e por ella mesma — bom Deus, que animo! — fôra mandado fabricar para tal fim, fazendo-se representar deitada na parte superior, com o habito de freira a envolver-lhe as fórmas, coroa real na cabeça, nas mãos a bolsa e o bordão de peregrina.

E emquanto cá em baixo, entre os sinceiraes da margem, o velho mosteiro vai a meio suterrado pelo Mondego, e aterra com o seu aspecto de velho casarão em ruina, com o boqueirão desdentado da sua portaria em arco e com a sua frontaria nua de cal onde uma grande janella circular traz á lembrança a orbita vazia de uma caveira de Cyclope gigantesco, emquanto a hera por todo elle trepa cobrindo-lhe a nudez e as cicatrizes e dentro o Mondego murmura não sei que prece de supplica ou de perdão, beijando-lhe as velhas naves derrocadas — fronteiro a Coimbra, n'um declive de encosta que vem dar ao rio, o novo mosteiro atira para a cidade, logo ao romper d'alva, o sorriso alegre da sua casaria branca, n'um cumprimento amavel de bons-dias...

E Coimbra tem pelo mosteiro predilecções de mystica sympathia, porque ella bem sabe que dentro dos seus muros a veneranda mumia da rainha que foi sancta dorme o eterno somno das cousas inanimadas, nas estreitezas acanhadas do seu tumulo, sob a guarda silenciosa e imponente dos velhos sanctos — seus companheiros n'aquella desolação eterna e lobrega de vasto cemiterio.

E na algidez do recinto, a horas altas da noite, quando o ultimo atomo de luar se desfizer no espaço, e no azul escuro do céo houver scintillações vivas de estrellas, quando tudo emmudecer em redor e apenas o sussurrar das aguas do rio der a nota da vida na paisagem, n'esses momentos de solemne tranquillidade quantas vezes o espirito do Rei lavrador, trazido n'um raio de luz sideral, não descerá sobre aquelle sarcophago, como uma pontinha tenue de neblina, a perscrutar o dormir d'aquella que foi sua esposa, e que é hoje rainha no céo como o havia já sido na terra!...

TRINDADE COELHO.

ONOMATOLOGIA PORTUGUEZA

(NOTAS AVULSAS)

(Continuado do n.º 1, pag. 8)

5. O lat. *quercus* deu: *Cercosa, Cercal, Cerqueira* (cfr. *Carvalhosa, Carvalhal, Carvalheira)* e talvez *Serzedo (=quercetum)* com o dimin. *Serzedello,* ainda que estas palavras podião talvez vir de **salicetum,* que deu *Salzedas, Sarzedas* e *Sarzedo*[1]. — O *qu* lat. pronuncia-se como o *c* romanico antes das mesmas vogaes (cfr. Diez, *Gr. des l. rom.*, I, pag. 244). — Creio que o fr. *Cerqueux,* que E. Littré (in *Études et Glanures,* pag. 217) tira de *sarcophagus,* é tambem um derivado de *quercus* (o suff. lat. *–osus* em fr. deu *–eux).*

6. O lat. *carex* deu: *Carregueiros (=*caricariu–); Carregado; Carregal* e *Carregães* (campo no c. de Guimarães, onde tambem ha campos com o nome de *Carregal, Carrazeda* e *Carrazedo).* — Com os suff. *–eiro, –eira* temos, em nomes tirados da flora, *Gèsteira, Junqueira, Fèlgueiras;* com o suffixo *–ado* temos *Sobrado* (vid. infr.); com os suff. *–al* e *–edo, –eda,* passim. — O *r* apparece mudado em *rr* tambem pop. *párrico =parochus,* etc. *Carregães* é o pl. de *Carregal;* adeante explicarei a nasal.

7. O lat. *suber* deu: *Sobreira, Sobreiro, Sobrado, Sobrosa, Sobral.*

8. O lat. *sorbum* (port. *sorva,* do pl. *sorba* tornado singular, como *divida,* de *debita,* de *debitum; pimenta* de *pigmenta,* de *pigmentum,* etc.) deu *Sorbeira, Sorval* (v=b).

9. O nome de terra *Bezelga* vem de *basilica* (que teve a significação generica de *templo)* em virtude dos seguintes intermedios: *basélica* (Elucidario de Viterbo, s. v.; Portug. monum., *dipl. et chart.,* pag. 468), *baséliga* (Port. mon. ib., 465, 466), **beséliga.* O *i* atono post-tonico, em palavras esdruxulas, cae normalmente.

10. O lat. *clausum* (que, na fórma *clausa,* cfr. § 8, produziu o port. arch. *chousa)* deu: *Chousa, Chousas, Chousellas, Chouselinha, Chousal, Chousalinho, Chouso* e *Choso.* — Em vez de *chousa* diz-se hoje, numas provincias, *tapada* e *tapado,* noutras *cerrado.*

11. *Frágoas,* nome de terra, vem de *fabricas.* Os doc. ant. offerecem *Fravegas* (sec. XI e sec. XII, apud Elucidario de Viterbo, s. v. *Fravegas)* como nome de uma terra que hoje se chama *Frágoas.* Temos a seguinte serie: *Fabricas, Fábregas* (conheço um gallego assim chamado), **Frábegas, *Frághebas, *Frágobas, Frágoas.* — Tanto em hisp., como em mir., o nome da *forja* (lat. *fabrica)* é *frágua.*

12. O nome de terra *Fontoura* póde vir de *fonte aurea (*fontáuria, *fontaura);* cfr. *Fonte do Ouro* (apud. *Chorographia* de Baptista), *Agua d'Ouro* (ib.), *Rio do Ouro* (ib., não é a mesma palavra que *Douro =Durius), Fonte dourada* (campo na freg. de Azurem, c. Guimarães).

13. O nome *Santa Eulalia* ou *Santa Olalia* transformou-se curiosamente:

Santa-Olalia
|
Santa-Olalha
|
Santa-Olhalha
/ \
** Sant'Ualha* ** Santa-Ualha*
| |
Santalha *Santa-Valha*

A demonstração é facil: *Olalha* e *Olhalha* são fórmas archaicas, que Viterbo traz *(Elucidario,* s. v.); ** Ualha* vem de *Olhalha* por dissimilação (i. é, quando ha dois sons eguaes ou da mesma natureza

---

[1] No foral que D. Manuel deu ao mosteiro de Salzedas, na Beira-Alta, acho a fórma *Cerzedas* (como anterior a *Salzedas,* que é a moderna); como porém *Salzedas* difficilmente se póde derivar de *Cerzedas,* deve ter-se este nome como errado? O que escreveu o foral podia equivocar-se com outros nomes semelhantes.

numa palavra, um d'elles tende a desapparecer completamente ou a ser substituido); num caso ** Sant'Ualha* dá *Santalha*, como por ex, *Santo Antonio* dá no povo *Sant'Antônho;* noutro caso, em *Santa-Ualha*, o *u* consonantisa-se em *v* para se evitar o hiato. Diez, na *Gram.*, I, 174, fornece alguns casos de consonantisação do *u*: it. *belva* (=bellua); fr. arch. *eve* (=aqva =aqua), *ive* (=equa). — Esta minha proposição é ainda confirmada pelo seguinte: Santa Eulalia é o orago tanto de *Santavalha* (Traz-os-Montes), como de *Santalha* (ib.).

É provavel que no nome de terra *Santa Ovaia* (** Oalia, * Oaia)*, o *v* fosse introduzido em ** Oaia, * Sant-ou-aia*, para obter o hiato, como em *trouve, couve*, etc. (cfr. Ad. Coelho, *Theoria da conjug.*, p. 110).

14. *Montouto* (Alemtejo e Bragança), vem de *Monte alto* (cfr. *Mont'Alto, Monte gordo*, etc.). Eis a serie: *Montalto, * Montaulto, * Montauto, Montouto*. Cfr. o port. *souto* =lat. *saltu–*. Eu penso que *al–* dá *au–* pelo intermédio *–aul;* com effeito no povo (Norte) diz-se *aulto!* (=alto!), e no Minho é constante *aurdeia, áurma, caurdo*, etc. Afasto-me neste ponto levemente do que diz o sr. Gonsalves Vianna no seu cit. trabalho, p. 6; isto é, o *l* dissolve-se em *u* em contacto com este som.

15. *Mossul* e *Monsul* vem de *Monte do sul*. Nestes compostos *de* ou *do* desapparecem frequentemente; cfr. *Cima-Cóa, beira-mar*. Creio que *Mombéja* é tambem *monte de Beja; Mont'argil* é *Monte de argilla* (cfr. *Monte de trigo, Monte de pedra)*. Cfr. mais *Via-cova* (campo no c. de Guimarães), *Fonte-cal* (campo no c. do Cadaval), *Val-freixo* (ib.).

16. *Gulpilhares* está em relação com o port. archaico *golpelha* (=lat. *vulpecula)*, que apparece, por ex., no adagio

O lobo e a golpelha
Fizerão uma conselha.

Tambem ha *Golpilhal*, nome proprio (apud Baptista).

17. *Penas-roias* (em Traz-os-Montes) deriva de *penas-rubeas* (rubias); cfr., quanto ao sentido, *Penalva* (=Pena alva), *Pena-verde, Pedras-rubras*, etc.; quanto ao som, *marroio* =lat. *marrubium*.

18. Temos visto que os nomes são tirados da *flora*, da *fauna*, das *côres*, dos *accidentes do solo*, da *posição geographica*, etc. A respeito da posição geographica ha muitos com a preposição *sub*, que hoje é desconhecida do povo. Eis alguns exemplos: *Sub-Portella, Sub-Feira, Sub-Arrifana*. As matrizes da repartição de fazenda do concelho de Guimarães offerecêrão-me bastantes casos, o que prova que o processo da formação teve alli bastante generalidade: *Sub-estrada* (bouça, freg. de Abbação), *Sub-ribas* (leira, ib.), *Surribas* (campo, ib. etc.), *Sub-carregal* (leira, f. Atãis), *Surrego* (assimil. em ** sub-rego*, campo, ib.), *Sumatto* (por ** sub-matto*, sitio, f. S. Torquato), *Supaço* (por ** sub-paço*, sitio, ib.), *Sub-deveza* (ib.). Tambem nas mesmas matrizes encontrei *Sobre-trigaes* (campo). Cfr. *Sobre-Tamega* (povo).

19. *Santulhão* de *Sant'Iulianus* (** Santulianu–; li* dá *lh* ex. *alheio* =*alienus; anu–* dá *ão*, passim). Esta etymologia é confirmada pelo orago que é *S. Julião*.

20. *Semelião* (ou antes *Sem'lião*, soando o *m)*, quinta e casa em Rézende. Esta palavra vem de *Sã Melião* (=Sã Emilião; *Melião*, ou antes *Mlião*, existe no dialecto açoriano). Em *Sã Melião* houve uma absorpção da nasal ao *m* seguinte (cfr. ant. *ena* =*em na)*, e appareceu a fórma ** Samelião* que deu a actual por assimilação do *a* ao *e* seguinte.

21. *Sanfins*, de *Sã Feliz* (em gallego *Fiz*, apud Dicc. de Piñol), etymologia confirmada pelo orago de uma terra assim chamada, que é *S. Felix*. A fórma gallega *Fiz* assenta em *Felice–* (cfr. *feliz)*.

22. *Nabainhos* (campo na freg. de S. Torquato, c. de Guimarães) está por ** nabalinhos (* nabalinho*, de *nabal*, ou antes *nabale)*, como *Casainhos* (sitio na freg. de S. Thomé de Covellas, c. de Baião) por ** casalinhos* (de ** casalinho*, de *casal* ou antes *casale)*.

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

PÉTALAS — Poesias do Sr. J. d'Oliveira Tavares Junior.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido pelo editor o sr. José D. R. Tavares, Estremoz.

Vende-se no escriptorio d'esta EMPREZA e nas principaes livrarias.

Custa 500 réis.

Agradecemos egualmente os n.os 1 e 2 da *Revista da exposição districtal de Coimbra,* esmerado especimen tanto litterario como artistico.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas de linho e algodão, flanellas, baetilhas, riscados, brins, lenços d'algodão, bretanha de linho e seda. Chalaria, mantas, laços de cambraia e seda. Ruges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

A. S. SOUSA

PHOTOGRAPHIA ACADEMICA CONIMBRICENSE

RETRATOS INALTERAVEIS EM CHROMOTYPIA
DESDE MINIATURA AO TAMANHO NATURAL

4 — Rua do Museu — 4

Cartão de visita, doze	3$500
» » seis	2$000
» album, doze	9$000
» » seis	4$500
Em tamanho natural	18$000

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 3 COIMBRA, 1 DE JANEIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director — TRINDADE COELHO

Proprietarios — **COSTA & SARTORIS**
Administrador — **JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

Importante. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porém, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal.

A phototypia é executada na Allemanha, pois não ficámos satisfeitos com o trabalho apresentado pela casa que em França executou a do 1.º numero.

Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.

Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente — o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

N.º 3 COIMBRA, 1 DE JANEIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTOR

TRINDADE COELHO

A PROPOSITO DE CASTROS

(Continuado do n.º 2, pag. 11)

DESENGANADO estou, ha muito, attenta a quantidade innumeravel dos nossos monumentos archeologicos, as difficuldades da sua descoberta [1] e os dispendios das excavações, de que só poderia chegar ao fim da minha tarefa, sonhada em momentos de enthusiasmo insensato, se tivesse ao meu dispôr duas cousas, simplesmente impossiveis: o elixir de longa vida e a pedra philosophal; mas dos resultados do trabalho microscopico, que até hoje consegui levar a cabo, póde ver-se se os castros favorecem ou desfavorecem a opinião pré-concebida com que os estudei, e se a civilisação material que elles accusam é ou não a mesma.

A escolha da posição dos castros e o seu systema de fortificações é sempre similhante. Isto não diz nada. Escolher para ponto de defeza a corôa de um monte, e difficultar o seu accesso por meio de fossos e de muralhas, é uma cousa tão naturalmente indicada e tão vulgar entre os antigos, que não póde ser exclusivo de povo nenhum. É verdade que as muralhas dos nossos castros são em regra construidas de pequenas pedras, tendo uma grossura muito certa, entre sete e oito palmos. Esta particularidade póde ser ainda casual.

Em alguns castros encontram-se ainda restos de calçadas. O lageamento d'ellas é sempre similhante; assentavam-se no solo as pedras que se achavam á mão, maiores ou mais pequenas, e sempre como a natureza as dava, e, se uma grande lage acertava de occupar algum ponto de traçado do caminho, lá ficava a lage. Nada mais primitivo.

Onde os castros começam a mostrar particularidades mais caracteristicas é nas casas, principalmente nas casas circulares. Não faltam castros, onde quem quer póde examinar restos de casas circulares; taes são: Citania, Sabroso, Castro d'Ariosa, Monte de Sancta Luzia, Monte de Roques, Carmona, Castro d'Alvarellos, Citania de Paços de Ferreira, Cividade de Refojos de Basto, etc., mas na maior parte d'elles só uma excavação poderia mostrar que ellas não faltam em nenhum [2]. Não só a fórma das casas circulares, mas o seu apparelho, é tão similhante, que se diriam feitas pela mesma mão.

---

[1] Parece exaggeração; mas quem se der a egual trabalho dirá depois se exaggero ou não.

[2] Em muitos castros, onde nenhuns vestigios de construcções se vêem, a existencia de casas circulares tem-me sido attestada por pedreiros que ahi têm trabalhado, e por jornaleiros, que as têm descoberto ao arrancar a'guma arvore.

É bom repetir que os castros são avaros das suas reliquias. Em muitos toda a pedra de construcção, que não ficou entranhada no solo, foi completamente varrida e aproveitada em vedações de terrenos vizinhos; n'outros o matto e a urze esconde tudo.

Se o terreno é esteril ou foi roçado de fresco, ainda que não appareçam á vista signaes de construcções, o que apparece infallivelmente são fragmentos do barro. Os mais salientes, e os menos importantes, são pedaços de telha romana [1], e, não raras vezes, cacos d'amphoras tambem romanas; mas a cada passo se apanham outros fragmentos mais miudos, de pasta mais grosseira, e que merecem attenção, porque, se são ornamentados, a sua ornamentação é identica á da ceramica chamada dos dolmens, e dominante em Sabroso; se são lisos, tanto pela sua composição, como pela fórma da vasilha, que um resto d'aza ou do bocal deixa adivinhar, encontram sempre similares n'outros castros.

É quasi um milagre que o esquadrinhador paciente não encontre nos castros ou nos seus arredores alguma atafona de mão, ou inteira, ou partida.

Se á destruição dos homens escapou algum monumento de mais vulto, elle é sempre a confirmação da these que os informadores antigos e a onomastica nos obrigaram a acceitar. Assim o castro de Sancto Ovidio (Fafe) deu-me uma dos chamados estatuas gallegas (que mais propriamente deviam ser chamadas lusitanas), e que, melhor que as suas parentas, nos reproduz a armadura, que, segundo Strabão, era caracteristica dos lusitanos. Em Refojos de Bastos, na villa, encontrei uma outra, que pertenceu certamente a um castro arruinado e que lhe fica proximo.

O castro de Paços de Ferreira (Citania) lá conserva uma inscripção n'um penedo, mencionando um NIMINID FIDVENEARVM, e eu creio que estas entidades têm direito a entrar no Pantheon dos deuses *celticos* (sic) da Lusitania antiga, como os outros deuses *celticos,* de que a epigraphia não dá conta tanto a norte do Minho, como a sul do Douro.

No mesmo caso está o DEVS DVRBEDICVS, cuja ára desprezada, felizmente com a inscripção para fóra, encontrei na alvenaria da torre da egreja de Ronfe, entre os castros de S. Miguel (Oleiros), Castro d'Oliveira e Monte da Senhora.

No mesmo caso está o ethnico ONCOBRICENSES [2], subentendendo uma cidade Oncobriga, cujo ultimo componente é vulgar em toda a antiga Lusitania.

No mesmo caso estão as inscripções achadas na Citania. Os nomes de *Camalus, Coronerus, Medamus, Aturo, Viriatus, Larus, Caturo,* não desdizem nada dos nomes que nos offerece a epigraphia da Gàlliza e do sul do Douro.

Notemos ainda os seguintes factos: O castello de Vermoím dá-nos uma grande pedra esculpturada. O seu desenho é o desenvolvimento do mesmissimo motivo ornamental, que se vê nos lavores da «pedra formosa» e n'outras pedras desenterradas nas excavações da Citania

---

[1] Os tijolos, de que falla o sr. E. N. É mais raro encontrar castros onde elles não apparecem, do que o contrario. Isso porém não prova que as estações, em que esses e outros restos de industria romana se descobrem, não sejam pre-romanas. Prova só que ellas continuaram a subsistir depois da conquista romana. O ponto está resolvido pela comparação das explorações da Citania e do Sabroso. Neste a influencia romana é nulla, naquella evidente; mas o typo das duas povoações é exactamente o mesmo.

[2] Póde duvidar-se se falta a primeira letra d'este nome. Creio que não. Para o fim, a que miramos, a cousa é indifferente.

e de Sabroso. Na cividade d'Ancora foram achadas algumas pedras do mesmo estylo ornamental, e uma d'ellas é de immensa importancia, por demonstrar a origem pre-romana dos celebres entrelaços irlandezes, com os quaes tem incontestavel analogia. Outros specimens d'esta curiosa arte pre-romana não devem faltar nem na Galliza, nem para o sul da provincia do Minho. Não apparecem, porque ninguem os procura.

Em Sabroso foi encontrada a cabeça d'um animal, d'um porco, prece, e vê-se que ella fazia parte d'um corpo que não escapou á destruição dos montantes, uns sujeitos que desde tempos remotos tomaram á sua conta a devastação d'este castro e de dezenas d'outros. A brutesca figura devia ser de boas dimensões. Figuras identicas são conhecidas no norte da Hispanha, e devem existir egualmente para o sul do Douro, como existem em Traz dos Montes, porque para nós é de fé que a celebre porca de Murça e a ursa do pelourinho de Bragança são monumentos muito mais antigos do que geralmente se crê.

Eu cito estes ultimos factos, e podia augmentar a lista, no intuito de mostrar que ha mais razões a favor do que contra, para acreditar que as explorações dos castros não desmentirão as inferencias que o seu exame superficial e o seu aspecto uniforme suggere ao observador, no tocante á unidade da civilisação entre os povos que os construiram.

Ha ainda dous factos genericos que não posso deixar em silencio.

É raro o castro, onde não tenha encontrado as conhecidas *fossettes* dos francezes. São pequenas concavidades abertas na superficie das lages ou dos penedos e cuidadosamente polidas. Em geral o seu diametro não excede pollegada e meia, mas ha-as muito maiores. Apparecem mais vezes em grupos que isoladamente. Os grupos não exigem numero certo. Podem ser encontradas por tres ou por duzentas, porque mais de duzentas contei eu já n'uma só lage.

Frequentemente a par d'estes signaes encontram-se outros muitos variados; ora uma cavidade tendo a fórma d'uma pégada, não sendo raro ver duas pégadas a par; ora uma cavidade oblonga, já simples, já cercada por um ligeiro sulco.

Com as covinhas, mas tambem n'outras partes sem ellas, acham-se circulos formados por um traço pouco profundo. Umas vezes os circulos são simples, e podem ter ou não ter o ponto central; outras vezes são dobrados ou triplices.

Os circulos apparecem quasi sempre soltos, mas em Sabroso, por exemplo, encontram-se ligados por uma linha obliqua, como em alguns ornatos de ceramica pre-romana. Podem tambem apparecer isolados ou por grupos. Na Citania ha um grupo de dezoito. As suas dimensões são variaveis desde tres pollegadas até meio metro de diametro.

Não é raro encontrar covinhas dentro dos circulos em posições excentricas. Além das figuras circulares tenho encontrado, mas raramente, figuras quadradas e outras ellipsoides, menos raras que as segundas.

O circulo é ás vezes singelo e tem uma linha que do centro se prolonga para fóra da circumferencia, terminando nas duas extremidades por uma covinha. Este signal é summamente curioso, porque, segundo alguns archeologos que têm visitado a India, elle é ainda ahi usado. Tem o nome de Mahadeu, e relaciona-se com o culto de Siva.

(Continúa).

F. Martins Sarmento.

ESBOCETO

I

MOLLEMENTE reclinada,
Dormita sobre o divan;
A cabeça na almofada
De sêda fina e de lã.

Tem a bocca mal cerrada;
Sobre os labios de romã
Volita um riso de fada
Em viva têla pagã.

O rendilhado vestido
Ao bello corpo cingido
Mostra a fórma esculptural.

Alumia-lhe o remanso
A luz que desce de manso
Da lampada de crystal.

II

Em postura doce e airosa,
Ergue a saia um poucochinho;
Vê-se a meia cor de rosa
E o ligeiro sapatinho.

Embriaga, como o vinho,
Aquella visão radiosa,
— Um collo feito d'arminho
E de petalas de rosa.

Entre as folhas do arvoredo
Canta um rouxinol a medo,
Emquanto nella medito.

Bate nas pedras da rua
A luz algida da Lua,
Que róla pelo infinito.

Coimbra, 2-11-83.

III

De quando em quando, a sonhar,
O coração, que palpita,
O niveo seio lhe agita,
Langurosa, a suspirar.

Descerra os olhos: crepita
O seu luminoso olhar:
Parece a aurora a raiar
Pela abobada infinita.

Beija da lampada a luz
Seus eburneos braços nus
E as alvas, tumidas pomas.

Prende um liso pente d'oiro
Seu fino cabello loiro
Cheio de luz e d'aromas.

IV

Em preguiçosos bocejos,
Abre a bocca perfumada;
Tem a vista illuminada
De coruscantes lampejos.

Arde em lubricos desejos,
E, ainda mal acordada,
Sente-se toda banhada
Por ondas mansas de beijos...

Vai alta a noite. Inda, a medo,
O rouxinol no arvoredo
Gorgeia as trovas singelas.

E do largo azul, immenso,
Fulgura o collar suspenso
De scintillantes estrellas.

COSTA MACEDO.

SANCTO ANTONIO DOS OLIVAES

(CARTA A TRINDADE COELHO)

Amigo Trindade. Insiste v. em que lhe escreva para o seu jornal, e põe-me á vista uma linda estampa com a perspectiva da egreja e capellinhas de Sancto Antonio dos Olivaes. Não ha que resistir-lhe; os seus pedidos são ordens para mim. Lavo as minhas mãos da culpa das minhas imperfeições, porque accedo constrangido e com plena consciencia do pouco que valho.

Vejo que v. intenta formar um bonito album com os diversos e variados panoramas da minha Coimbra, e para bem lhe seja tão galharda ideia, que o bem merece a cidade dos verdores, fonte de Castalia dos nossos poetas, mãe de nossos letrados, eschola de nós todos, e miragem saudosa das aves de arribação que vêm nestes valles e oiteiros ensaiar os vôos para uma vida segura e desassombrada.

Nasci em Coimbra, nella me creei e estabeleci; e esperò que onde tive o berço se me abra tambem a sepultura. Amo pois muito a minha terra, e lembra-me sempre a seu respeito o hemistichio que Virgilio poz na bocca de Eneas:

Hic domus, haec patria est;

ou o verso de Catullo:

Patria, ô mea creatrix, patria, ô mea genitrix.

E com Soares de Passos o que elle applicou ao reino todo:

Esta é a ditosa patria minha amada!
Este o jardim de matizadas flores,
Onde o céo co'a terra abençoada
Rivalizam nas galas e primores.

Não julgue porém que esta minha idolatria me torne pagão ou parcialissimo nos meus affectos. Ha votos respeitaveis a meu favor, viajantes que levam d'estas margens do Mondego impressões suavissimas, escriptores que me auctorisam no meu asserto. D'um livro que li ha poucos dias lhe copío uns pequenos trechos. E note v. que o auctor percorreu paizes variados. Esteve na Italia, subiu ao Etna, visitou a Grecia e a Palestina, o Egypto, a Hollanda e a nossa vizinha Hespanha. No emtanto, influenciado por tantas e variadas impressões, não deixou de ser justo, e dedicou a Coimbra e a Cintra os dois unicos capitulos consagrados a Portugal. Em 1872 escrevia pois o sr. Luciano Augé:

«O Porto é a cidade do commercio, Coimbra a da sciencia. Uma conta quasi cem mil habitantes, a outra não chegará a ter vinte mil, o que prova que ha mais homens que queiram enriquecer-se do que instruir-se.....»

«Antes de deixar a Universidade subimos á sua torre. Um maravilhoso panorama se nos desenrolou em frente. A cidade, o rio e o valle se extendem a nossos pés. O Mondego serpeja por um alveo que nos parece lodoso. Aqui reparte-se transbordando em regatos; alli,

reunindo as suas aguas, deslisa com majestosa lentidão. A cidade parece que receia o rio e a sua irrequieta turbulencia, refugiando-se timida pela encosta do monte. Ella agrupa e apinha n'uma confusão encantadora as suas casas, mosteiros e egrejas. Em alguns sitios até parece faltar-lhe o terreno, e os edificios se encastellam uns por cima de outros.»

«Os campanarios sobresahem d'entre a casaria como gigantes d'entre multidão de povo, altivos uns e outros já envelhecidos e arruinados. Além enxergam-se pequenos jardins, afogados em muros brancos, onde sobresahem moitas de flores. Uma araucaria de grandes proporções arredonda com elegancia as suas ramarias sempre verdes.... Na margem opposta os choupos formam espessa muralha de verdura, e uma comprida collina nos mostra no seu dorso o vasto convento de Sancta Clara. Á esquerda sorri-se um bosque verdejante, ninho assombrado de grandes cedros; é a quinta das Lagrimas, onde foi assassinada Ignez de Castro.....»

«Finalmente para os dois lados do oriente e do occidente se avistam elegantes montanhas, aformoseiadas de bosques e de ferteis searas; seus cumes ondeiam brandamente até ás extremas orlas do horizonte. Algumas coroam-se de conventos; parece que a crença religiosa da edade media, assentando-os neste pedestal, os quiz approximar dos ceus. A luz ostenta magnificencias serenas; não abraça a cidade, parece antes acaricial-a. E o silencio d'estes largos espaços, por onde se espraia a vista, se impregna d'uma doçura ineffavel.»

Esquecia-me na transcripção que me alongava demasiado. Veja por ella, meu amigo, como Augé se tornou tambem poeta, inspirado por este doce clima e formosa terra.

Da cidade passando aos arredores, Sancto Antonio dos Olivaes é um sitio delicioso pela amenidade e muito frequentado. O nome provém-lhe das oliveiras que o cercam e do nosso celebre thaumaturgo, que residiu no antigo convento. A estampa diz tudo, e uma descripção minuciosa não cabia no ambito do seu *Panorama*.

Este local era em tempos remotos um ermo, ajustado ao espirito de ascetismo, bem differente de hoje pelos casaes e quintas que o povoam; e a primitiva ermida era de Sancto Antão abbade. Dois discipulos de S. Francisco de Assis a fundaram, que se chamavam Fr. Zacharias e Fr. Gualter. O dr. Ignacio de Moraes elogia muito no seu *Conimbricae Encomium* a compostura e sanctidade dos antigos religiosos, de quem diz:

....sago induti, nuda vestigia planta
Ponunt, & chorda corpora cincta gerunt.
Gens inmunis opum cui nummos tangere crimen
Et mos est, nudo penè, cubare solo.

Todos estes suburbios são saudaveis e lindissimos. A filha de Ataces reclina-se num berço de verdura, alimentada e desenvolvida pelo curso do Mondego, e por muitos e variados arroios e ribeiros. O mimo e viço da vegetação, esta opulenta e luxuriante florescencia, convertem a cidade n'um verdadeiro Paraiso. O Eden biblico não lhe fica inferior nas descripções do poeta inglez. Não ha palmo de terra, já eu disse algures, onde as brizas fluviaes melhor se perfumem com o aroma da laranjeira em flor, onde o rouxinol requebre mais suave a melodia do seu canto, onde o luar, que inunda as collinas de luz e o rio de prata, seja mais de endoudecer.

A. A. da Fonseca Pinto.

PHYSIOLOGIA

DO CEREBRO COMO SÉDE DO PENSAMENTO

Um dos assumptos mais importantes que occupam os physiologistas modernos é aquelle que, fazendo depender o estado psychico da funcção do cerebro, tem por objecto a concentração de certas especies de actos cerebraes em porções determinadas do cerebro.

A theoria das localisações, e mais particularmente a concepção monistica do acto cerebral são, entretanto, muito antigas. Esta ultima teve através do tempo sua origem no empirismo atomistico contrario á doutrina de Heraclito; depois foi apresentada nos trabalhos de Gassendi, Hobbes e Helvecio, e chegou até Broussais, que, revestindo-a da eloquencia de sua palavra, teve a pretenção audaz, porém até certo ponto verdadeira, de *apagar das intelligencias a entidade intra-craneana*.

Com os trabalhos de Gall e Spurzhein, o estudo do cerebro, subordinado ao methodo de indagação objectiva, estabeleceu a idéa da possibilidade das localisações. Todavia uma observação muito importante deve ser feita, em referencia ao methodo de Gall: em sua concepção profundamente scientifica, embora de resultados incertos, este sabio tinha comprehendido o modo pelo qual era possivel a relação existente entre o cerebro e o pensamento. É assim que para elle e Spurzhein a observação subjectiva não deveria ser abandonada no estudo da phrenologia (Spurzhein).

Este preceito muito importante e que é hoje a base d'uma psychologia verdadeiramente scientifica, foi esquecido ou abandonado pelos continuadores de seu systema; o methodo physiologico exclusivamente empregado deu em resultado a consideração do acto psychico como acto physiologico. D'ahi a analogia da funcção cerebral com as funcções do figado, dos rins e outras glandulas.

Cabanis dizia: — o pensamento é uma secreção do cerebro, como a *bilis* é uma secreção do figado.

A existencia d'esse consorcio monstruoso entre a funcção cerebral e o facto psychico, teria incontestavelmente, pela fórma apparentemente demonstravel de sua existencia, estabelecido a convicção nos animos, se pensadores muito distinctos não viessem mostrar o lado vicioso da questão.

A analyse do desenvolvimento cerebral, fornecida por muitos anatomistas, abalou as convicções arbitrarias dos phrenologistas allemães. Flourens negou a possibilidade da existencia de orgãos cerebraes multiplos, e demonstrou a existencia de partes cerebraes complexas.

A grande lei da divisão do trabalho, estabelecida por Milne-Edwards, não podia exceptuar as funcções do cerebro d'uma divisão que estabelecesse as localisações. E é por isso que a antiga hypothese phrenologica, abandonando o terreno incerto em que se debatia, invadiu os laboratorios, converteu-se em certeza pela observação e pela experiencia, e assignalou para certas regiões cerebraes certas especies de actividades psychicas.

Então a concepção absurda de Broussais começou de novo a estar em voga; a physiologia, tendo-se afastado por um lado das idéas metaphysicas do espiritismo, approximou-se por outro das idéas metaphysicas do materialismo; deixou um erro por outro erro, quando entre as duas escholas toda a preferencia é impossivel.

Para estes physiologistas a relação entre o cerebro e o pensamento é uma relação funccional. O pensamento resulta de tal ou tal movimento molecular do conteúdo da cellula cerebral, de um agrupamento especial de seus elementos, de uma tensão mais ou menos consideravel, segundo a intensidade das impressões recebidas.

O cerebro, ou antes a cellula cerebral, recebe a impressão e pesa-a, isto é, pondera; e como ponderar é pensar, — eis a transformação do facto material *peso* em pensamento.

Entre esses physiologistas Luys sobre tudo, a quem não falta saber, explica de modo engenhoso, com uma segurança admiravel, o circulo completo dos phenomenos cerebraes: quando se o lê, parece assistir-se á genese do phenomeno cerebral. Muito preoccupado com as idéas de causa e substancia, sujeita muitas vezes a sua observação e os factos ás modalidades da sua theoria.

Segundo este physiologista, é em virtude da acção metabolica dos elementos das camadas opticas que essas partes cerebraes recebem as modificações extrinsecas, as apuram, espiritualisam-nas e irradiam-nas para a camada cortical; por sua vez as cellulas e os elementos dos corpos estriados actuam em sentido inverso sobre as excitações vindas do tecido cortical, as condensam, materialisam-nas e projectam-nas por meio de ondas centrifugas para os nucleos motores espinhaes, onde se convertem em estimulo e actuam sobre os musculos.

Como se vê, é esta uma explicação que satisfaz a certos espiritos, ainda muito imbuidos nas idéas de causa e substancia. A questão, porém, n'este terreno exclusivo, é perigosa.

A lei da equivalencia entre as modificações physicas do cerebro e o pensamento é verdadeira; porém d'essa equivalencia tirar consequencias até considerar o pensamento como um resultado das condições materiaes do orgão é talvez um absurdo.

Se o cerebro recebe, por occasião da sua actividade physica, uma maior quantidade de sangue, e sobrecarrega as secreções com os productos resultantes da queima de seus principios, é porque em um tempo dado o orgão tem necessidade de entreter a vitalidade dos elementos existentes, e de produzir outros que substituam aquelles que a actividade funccional do orgão reduziu; do mesmo modo que a circulação n'um musculo se activa mais todas as vezes que esse musculo trabalha mais. Porém, tanto no musculo como no cerebro, tanto a contractilidade como o pensamento são factos irreductiveis, que não são nem produzidos pelo sangue, nem elaborados pelo tecido. (Littré.)

A observação objectiva exclusivamente empregada pelos physiologistas da eschola unitaria levou necessariamente a esse resultado; e em quanto em seus laboratorios assignalavam para cada departamento cerebral um acto especial, elles provavam, sem o quererem, a necessidade da observação subjectiva ou directa no estudo dos phenomenos cerebraes.

Lotze diz: «Nenhuma analyse comparativa póde descobrir na composição de um nervo, na tensão, na disposição e na mobilidade de suas menores particulas a razão pela qual uma onda sonora se propagou até ao nervo, produziu n'elle, além de uma oscillação da mesma natureza, uma sensação consciente do som.»

Este argumento de Lotze tem muito valor. Com effeito, a physiologia não é sufficiente, como diz Espinas, para explicar os phenomenos psychicos, ella os ignora; porque a fórma e os movimentos das cellulas não podem por nenhuma operação logica ser transformados em pensamento.

É assim que aquelles que estão demasiadamente preoccupados com os estudos de laboratorio condemnam toda a concepção noumenica do acto intellectual para cahirem no extremo opposto, como já dissemos, e substituem uma concepção metaphysica por outra. O pensamento é um facto irreductivel.

Em vão os physiologistas materialistas tentarão descobrir a genese d'esse phenomeno, porque toda a indagação que não tiver por fim o estudo das leis que o regem será insufficiente.

O facto psychico, sahido do seio da creação desde que a materia se organizou, é inexplicavel, do mesmo modo que o facto da organização da materia e da genese do mais rudimentar phenomeno biologico, n'esses laboratorios immensos e multiplos da crosta terrestre; do mesmo modo que a gravitação sahida do seio da substancia cosmica, antes de condensar-se para constituir os planetas.

Porém, tanto a vida como o pensamento existem, e são subordinados e regidos em suas multiplas e variadas manifestações por principios invariaveis.

Esta ordem de considerações, tendentes a desviar toda a indagação relativa ás idéas de causa e substancia, tem communicado uma impulsão mais forte e duradoura ao progresso das sciencias.

O espirito, desembaraçado das péas d'uma metaphysica caduca, abandonou o campo incerto das hypotheses para entrar no caminho da observação e da experiencia. Só d'este modo a psychologia, deixando de ser considerada como um capitulo da physiologia, se constituirá em verdadeira sciencia, tendo por objecto o estudo dos phenomenos e das leis que regem os actos cerebraes.

ABILIO DE LOBÃO SOEIRO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

N.º 4 COIMBRA, 15 DE JANEIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Director — TRINDADE COELHO

Proprietarios — **COSTA & SARTORIS**
Administrador — **JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.
Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.
O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.
Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

A Empreza espera merecer dos srs. correspondentes o obsequio das suas contas com a designação exacta das assignaturas angariadas e respectivas importancias, pois carece de organisar definitivamente a sua escripturação.
Esta correspondencia deve ser dirigida com a maior brevidade ao administrador da Empreza — José Luiz da Costa.

Annuncios — cada linha 20 réis.
Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

Importante. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porém, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal.
A phototypia é executada na Allemanha, pois não ficámos satisfeitos com o trabalho apresentado pela casa que em França executou a do 1.º numero.
Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.
No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.
Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente — o proprio trabalho.
O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

N.º 4 COIMBRA, 15 DE JANEIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTOR

TRINDADE COELHO

A PROPOSITO DE CASTROS

(Conclusão)

Isto traz-nos a outra gravura que examinei perto das ruinas do Monte da Saia, um swastika perfeito, associado com circulos concentricos, covinhas e outras figuras já mencionadas acima. É o unico swastika que tenho encontrado gravado em penedos [1], mas um rapaz de Pensello traçou-me no chão um signal que disse ter encontrado n'uma lage da beira do rio Ave, e que, em vista da copia, nenhuma duvida deixa de ser um swastika tão perfeito como o da Saia. Estes e outros factos fazem-me crer que esta famosa cruz dos Indios não deve ser rara entre nós. Tambem não é rara a espiral ou linha enrolada, nem a cruz dentro do circulo, identica a outras que o sr. Mortillet reproduz no seu escripto: «Le signe de la croix avant le christianisme». Eu omitto outras gravuras mais complicadas, onde predomina quasi sempre a linha curva.

Se estes signaes são symbolicos, como o pensam alguns sabios, todos elles pertencem com certeza ao mesmo symbolismo, a julgar pela sua associação. No Minho são elles vulgares; na Galliza egualmente, como se póde ver, entre outras, na obra do sr. Silvello. Não pude encontral-os dos castros dos arredores da Serra da Estrella; mas um homem muito competente n'esta materia, por ter gasto muitos annos á procura de thesouros encantados, affirmou-me que circulos concentricos não faltavam pelos sitios que elle percorrera, levado da sua mania [2]. A sua existencia para o sul do Douro é tanto mais provavel, que elles se encontram para o sul da Hispanha, como o mostra o livro do sr. Gongora: «Anteguedades de d'Andalucia».

Diremos de passagem que nos dolmens do norte da Europa não são raras gravuras, muito identicas ás dos nossos castros.

Esta observação leva-nos naturalmente ao segundo facto, de que atraz promettemos occupar-nos.

Com o nome de mamôas são conhecidos na Galliza, no Minho e para sul do Douro uns certos monumentos a que não é possivel hoje negar o caracter sepulchral. Acontece com as mamôas o mesmo que com os castros: mais se procuram, mais se encontram.

---

[1] Swastikas de braços curvos, como os de Mycenas, apparecem em Sabroso e na Citania.

[2] Para o povo, estes signaes são sempre dos Mouros, e indicam thesouro perto.

Eu escrevi já que estas sepulturas eram a ultima morada dos habitantes dos castros. Vou repetir e ampliar as minhas razões.

As mamôas do Valle de Ancora ficam entre o Picoto dos Mouros, Sancto Amaro, Castro de Riba d'Ancora, Castro de Mouros e Cividade d'Ancora. Conheço cinco no valle, tendo como certo que a cultura destruiu muitas outras, e conheço mais seis nos antigos caminhos, que do valle iam para Azevedo e para Caminha.

As mamôas de Villa Chã (Barcellos), que são oito, ficam algumas muito perto do Monte da Cerca.

As mamôas de Laúndes, sete, ficam proximas do castro que ahi vi.

As mamôas de S. Simão da Junqueira, duas (mas affirmam-me que ha mais, que não tive tempo de examinar), ficam perto do Castello de Casaes.

O castro de Sobreposta tem no pequeno convalle que o separa do Monte d'Espinho sete mamôas e no convalle opposto, que o separa do Monte de Picos, seis.

Ao pé de Pena-Provincia, defronte de Lanhoso, ha sete.

No caminho que do castro de Sancta Iria ia para Sobreposta, e não longe d'aquella estação, ha quatro.

A poucos passos de Sabroso ha cinco.

Parece-me inutil multiplicar os exemplos. Eu creio firmemente que todo aquelle que estudar a posição das mamôas em relação aos castros não póde furtar-se á convicção de que as duas especies de monumentos estão inteiramente ligadas.

Para mim é isso hoje uma verdade mais solida de que um castello roqueiro, mórmente depois que a exploração de differentes mamôas me fez ver em algumas pedras, que compunham caixas tumulares, cobertas por ellas, as mesmas covinhas, e nas lages proximas as mesmas gravuras, que já tinha observado nos castros, e depois que ellas me forneceram alguns objectos que pude comparar com os dos castros.

Estes objectos são, por via de regra, machadinhas de pedra e pontas de setta de silex. Ainda não pude encontrar nos castros pontas de setta [1]; mas as machadinhas que tenho achado nas mamôas não fazem a menor differença, nem pela fórma, nem pela natureza da rocha, d'outras que recolhi em Sabroso, na Citania, no Monte da Senhora, no Castêllo e em outros castros.

Eu não sei que em vista d'isto se possa duvidar um momento se as mamôas são ou não as sepulturas dos habitantes dos castros. Não posso porém deixar de mencionar uma circumstancia mais. Se a exploração dos castros mostra que as povoações pre-romanas continuaram, na sua grande maioria, a subsistir depois da dominação romana, como o provam os objectos de industria romana, que ahi se encontram, nomeadamente a telha de rebordo, fragmentos de telha da mesma qualidade, que tenho achado em mais que uma mamôa, provam do mesmo modo que estas sepulturas ainda estiveram em uso depois da conquista dos Romanos [2].

Guimarães, 20, 11, 83.

F. Martins Sarmento.

---

[1] Nas explorações de Troia por Schliemann succedeu o mesmo. O facto merece notar-se.

[2] Esqueceu dizer na nota 2 (pag. 18) que a inscripção, a que ella se refere, foi achada no castro do Freixo.

O *VERGOBRETO* GAULEZ E UMA PASSAGEM DE CESAR

Cedendo ás instancias de um amigo que me pediu um artigo para *O Panorama Contemporaneo*, aproveito a primeira occasião que se me proporciona para rectificar uma passagem da minha edição dos *Commentarios das campanhas nas Gallias* por Julio Cesar, edição ainda incompleta por circumstancias independentes da minha vontade, e para tornar conhecido entre nós o que se sabe a respeito do *vergobreto* gaulez.

Depois que o sr. Mowat publicou na *Revue celtique* (vol. V, pag. 121), dirigida pelo sr. Gaidoz, a sua interpretação de um monumento epigraphico descoberto em Saintes, podem considerar-se em numero de quatro os textos em que apparece a palavra *vergobreto*. Em primeiro logar avulta a bem conhecida passagem de Cesar (I, 16): *Divitiaco et Lisco, qui summo magistratui praeerant, quem vergobretum appellant Aedui, qui creatur annuus et vitae necisque in suos habet potestatem.* Se bem que todos os editores hajão escripto *praeerat*, na persuasão de que não havia mais do que um vergobreto ao mesmo tempo, cremos todavia com o sr. Mowat que deve adoptar-se a lição dos manuscriptos que são todos concordes em dar este verbo no plural, porquanto depois da discussão do illustre celtista parece não restar duvida de que havia ao mesmo tempo dois vergobretos e de que portanto Diviciaco era collega de Lisco na magistratura suprema. Na sua grammatica celtica (pag. 825 da 1.ª ed. ou 857 da ed. Ebel) Zeuss explica esta palavra pelo celtico *guerg* = *efficax* e *breth* = *iudicium*, equivalendo portanto a *iudicium exsequens*. Segue-se depois uma glosa de Isidoro de Sevilha, extremamente concisa, é verdade, mas que tem o valor de nos mostrar que no seculo VII ainda se usava esta palavra.

O terceiro documento é uma legenda monetaria do teôr seguinte:

CISIAMBOS · CATTOS · VERGOBRETO ·

Sabendo-se que o uso gaulez empregava para cada individuo apenas um nome proprio seguido ás vezes de um adjectivo patronimico para designar a filiação, não póde deixar de considerar-se *Cisiambos Cattos* como referidos a dois individuos, tanto mais que, se representassem só um, a palavra *vergobreto* deveria terminar em *s*, desinencia do nominativo singular. A fórma *vergobreto* é pois um plural ou um dual, que podemos comparar com o nominativo dual masculino em *o* do grego e do latim, como: ἴππω, *ambo*, *duo*. Esta inscripção em que se póde notar grande analogia com algumas legendas duumviraes das moedas municipaes da Hespanha, como:

COMPOSITO ET MARULLO IIVIR *(is)*,

vem confirmar o principio exposto da dualidade da magistratura dos vergobretos.

O ultimo documento é a inscripção de que fallei acima, reconstruida e interpretada com todo o rigor epigraphico pelo sr. Mowat. Esta, comtudo, não offerece prova alguma da eleição de dois vergobretos de cada vez. Mas as provas parecem já sufficientes. Ao sabio escriptor que tenho acompanhado neste artigo, a dualidade d'esta magistratura affigura-se de grande importancia historica por explicar a facilidade com que se operou a transição do regimen municipal indigena para o regimen municipal romano, cujos principaes magistrados administrativos erão os duumviros annuaes. D'este modo os gaulezes estavão, com effeito, preparados para acceitar sem repugnancia a substituição dos dois vergobretos annuaes pelos duumviros, pois que a fórma da administração local permanecia apparentemente a mesma.

Porto, 9 de dezembro de 1883.

Julio Moreira.

..

O ERMO

É vasto, tem grandes sombras,
Misterios, grutas escuras,
E tem floridas alfombras
D'esmeraldinas verduras.

Passa-lhe ao fundo a corrente,
N'um murmurar que seduz;
Parece esguia serpente,
Brilhando aos raios da luz.

Na descida alcantilada
Debruçam-se as penedias,
— Turba que geme, açoitada
Pela mão das ventanias —.

Nas ruinas d'um calvario,
Onde a cruz inda se vê,
Qual, da vida ao rumo vario,
Resiste impavida a fé,

Crescem festões verdejantes
D'hera lustrosa e macia,
Onde a aurora em mil brilhantes
Retrata o romper do dia.

No campanario vetusto,
Cujo som não sei que tem
De mavioso e de augusto,
Que nos enleva e faz bem,

Em espiraes caprichosas
A trepadeira se enlaça,
Prendendo as hastes mimosas,
Onde em mil voltas o abraça.

E a voz do modesto sino,
Vibrando na solidão,
Tem um encanto divino
Que nos enche o coração.

Ao romper das alvoradas,
Pelas collinas distantes,
Cantam rôlas namoradas
Nos pinheiraes sussurrantes;

E das silveiras frondosas,
No matizado esplendor,
Revôam as maripôsas,
Aurindo o nectar da flor.

Quando o ardor d'um longo estio
Cresta o verdor da campina,
No ermo o musgo macio
Conserva a côr peregrina;

Zomba do sopro do outomno
Seu bosque d'arvores mil,
Que nunca sente o abandono
Das opulencias d'abril.

E do inverno a crueldade
Chega a tornar-se em carinhos,
Quando em toda a magestade
Lhe veste os regios arminhos.

Coimbra.

AMELIA JANNY.

QUIETISMO

Um dia o espelho diz á virgem que o namora:
«Porque me beijas tu, ó bocca luminosa,
se vem de ti a vida e o resplendor da aurora
á minha face morta, ó doce irmã da rosa?!»
.....
.....
Minha alma é como o espelho! um olho amortecido,
impassivel e frio, aberto á solidão...
a esp'rar que o teu sorrir desponte condoido,
e o chame á vida e á luz num rapido clarão!...

Se partes, desfallece, esplendida miragem:
é como um lago a olhar num êrmo desolado!
Tudo jaz morto como a somnolenta imagem
dos muros do *boudoir* no espelho abandonado!

1882.

HENRIQUES DA SILVA.

LARGO EM FRENTE DA PORTARIA DE COIMBRA

(BUSSACO)

Reproduzindo hoje o bello quadro a carvão, o magnifico trabalho do sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, um dos mais notaveis paisagistas portuguezes, significamos duas cousas: — o nosso preito sincero e leal ao elevado talento do artista que o executou e a nossa adhesão de franca sympathia á ideia civilisadora representada n'essa Exposição aberta ha quinze dias.

Um grande livro, uma majestoso livro — a Exposição. Luz a jorros d'aquellas paginas, luz em catadupas. Lê-se com o coração. Moralisa e faz bem.

É melhor do que a Biblia.

Vê-se que o homem é um athleta e é um gigante. Vergou a Natureza á força de musculo e de paciencia, tenazmente, heroicamente. Vergou-a e transformou-a. Se entrasse alli dentro, ella mesma não se conheceria.

Assombroso!

O artista é um sacerdote. Sacerdote de uma religião sancta que todo o existente professa, todo. Se não vejam o infusorio e por ahi acima até ao homem. Tudo trabalha. O trabalho — eis a grande religião de que o artista é o pontifice maximo.

A blusa vale mais do que a purpura. Suja-a o trabalho, mas a agua lava-a. Fica outra vez nova. A purpura come-a a traça, pulverisa-a. Laval-a é estragal-a.

Aquella é o symbolo de alguma cousa duradoura e persistente; a segunda é o symbolo de alguma cousa transitoria e fallivel.

Entre uma estatua de Luiz XIV e uma effigie de Froebel tirava o meu chapeu a esta. E ficava de bem com a consciencia.

O Progresso é um grande carro flammejante. Digam-lhe que ande sem o trabalho. Absurdo!

Trabalhar é progredir. O trabalho é a vida. A inercia é a morte.

Trabalhar é ser bom. A preguiça gera o crime. Vejam os pantanos onde a agua é inerte. Empestam e matam. A agua corrente fertilisa e revigora. É sangue globulado.

Uma fabrica bem montada é exemplo para uma sociedade bem constituida. Tirem á mais insignificante machina a mais insignificante peça e tudo está transtornado. Alli não ha nada inutil. Por isso tudo avança e tudo progride. Deixem enferrujar uma roda, um cylindro, um parafuso, e aguardem o resultado.

O trabalho! Que bom gigante! Perguntem-lhe o que tem feito e ouvirão da sua bocca a maior das epopeias, a mais espantosa das epopeias. Foi-se aos Alpes e perfurou-os lado a lado, foi-se a Suez e abriu-o.

Agora lá anda em Panamá de alavanca em punho. Põe um mar onde estava uma montanha. Se não fosse já uma verdade, pareceria uma loucura. Sublime!

Foi elle que arrancou as pedras nos montes, que as puliu nas officinas e que arremessou depois espaços fóra prodigios d'este quilate — S. Pedro em Roma, Sancta Sophia em Constantinopla, S. Paulo em Londres, em Strasburgo a cathedral.

O trabalho é o pae da Arte. Depois de a gerar — aperfeiçoa-a.

Foi progenitor e é mestre.

Fez tambem a Sciencia, e esta depois operou maravilhas.

O telegrapho e a locomotiva, por exemplo. Venceu o tempo e zombou das distancias. Alguns momentos apenas, e saber-se-ha na America o que se passa na Europa. Isto simplesmente.

O trabalho fez mais. Foi-se ao mar e sondou-o. E não contente em lhe atirar para cima das ondas com moles de ferro fluctuantes — abre-lhe tuneis no leito. Ahi têm Calais.

Verão que ámanhã subjuga o Niágara aproveitando-lhe as forças.

Tudo com o trabalho. Sem o trabalho — nada. É uma força omnipotente. Chega a divinisar o homem.

A hydra — necessidade — só elle a subjuga e vence.

É infallivel. E o dogma da sua infallibilidade sae-nos da consciencia e sae-nos da razão. Não é como os outros que saem dos concilios.

Uma officina é uma grande escola. O operario um benemerito. Acabaram as castas. 89 estrangulou-as. Hoje comprehende-se que um operario possa dar lições de honra a um grande senhor.

Melhor é quem mais trabalha. As nullidades enfatuadas são a encarnação viva do ridiculo. Têm um algoz em cada consciencia.

A nobreza do sangue cede o campo á nobreza do trabalho.

O maior trabalhador é hoje o maior fidalgo. Isto consola.

O trabalho é honra — a melhor honra.

Por isso exultamos com essa Exposição ahi patente, que é a manifestação do trabalho.

Manifestação imponente, manifestação grandiosa. Os resultados vel-os-hão mais tarde. Irradia d'alli uma grande luz e uma força colossal de estimulo. Luz que ha de fecundar a intelligencia em muito cerebro, força que ha de educar o musculo em muito braço.

Bem hajam os seus promotores — dez valentes, dez corajosos, dez fanaticos d'essa religião esplendida do trabalho. Mas faz bem, alegra escrever-lhes os nomes. Honremos esta pagina. Joaquim Martins de Carvalho, Antonio José da Costa, Arnaldo Augusto de Sousa Doria, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Estevão Parada, José Lucio Dias, Manuel José da Costa Soares, Severino Lopes Guimarães, Antonio Augusto Gonçalves, Manuel Augusto Rodrigues da Silva.

Vamos, meus amigos! A coragem é como que uma grande forja accesa. Não ha aço que lhe resista. Vós sois uns corajosos. O auxilio que vos deram foi nada comparado com o vosso esforço. Os poderes publicos é que têm obrigação de vos ser gratos. Uma gratidão que as mais das vezes é uma simples venera. Cousa pouca.

Pois bem: querem condecorar-vos? Não acceiteis a condecoração. É melhor assim. Tendes no vosso seio um grande exemplo. Segui-o.

Condecoração para quê? Para que os outros vos tenham o respeito que mereceis? Já não precisaes d'esse penhor. É então para vos louvar o denodo? Mas para isso lá tendes a consciencia.

A consciencia e a opinião publica! Os applausos proprios e os applausos dos outros! Que melhores diplomas?

Meus amigos, aperto-vos a mão. As minhas saudações e os meus respeitos.

TRINDADE COELHO.

ESTUDOS DE LINGUA PORTUGUEZA

LEXICO

Metaphoras, catachreses e similes determinativos e qualificativos usados na lingua portuguesa.

Encetamos hoje a publicação das denominações metaphoricas e das qualificações comparativas anonymas portuguesas, que desde crianças estamos acostumados a ouvir, e que formam a bem dizer vocabulario especial de que nos servimos quasi inconscientemente: accodem-nos aos labios na occasião opportuna, quasi que com tanta espontaneidade como as interjeições ou phrases interjectivas com que esmaltamos a todo o momento as expressões triviaes da conversaçãofamiliar ou usual.

Alguns d'estes similes são por tal fórma expressivos e apropositados, que podemos bem dizer que constituem o que possuimos mais pictoresco no nosso idioma popular.

Evitamos por emquanto muito de proposito a tentativa de qualquer classificação methodica, porque seria permatura antes de colligidos esses elementos do lexico português.

Similhantemente nos abstemos de comparação entre as nossas metaphoras e as empregadas em outros idiomas, aproximação que faremos ao depois, quando o numero das portuguesas, por este modo reunidas, nos ministrar cabedal sufficiente para trabalho proficuo n'esse sentido, baseado na analyse de cada uma d'ellas.

Parece-nos desnecessaria a demonstração de quanto interessa á parte psychologica da linguagem a reunião e ulterior systematisação de taes elementos do lexico português comparados com os de outros idiomas, especialmente romanicos.

A simples citação d'estas metaphoras e similes é já bastantemente curiosa de si para os estrangeiros que pretendam aprofundar a indole do povo portuguez pela sua linguagem espontanea. O povo é, em geral, inimigo do neologismo: prefere quasi sempre ao termo novo a palavra que já conhece; o que faz é ampliar-lhe a significação, determinando a accepção do vocabulo que já usava por outro que o restrinja ou explique para servir á nova accepção, em que lhe apraz empregal-o por carecer de outra denominação apropriada. É claro que, para que a expressão nova satisfaça á indispensavel condição de ser intelligivel, é de necessidade que exista entre o emprego anterior do vocabulo e a nova funcção que tem de exercer, um vínculo manifesto, natural ou convencional, que elucide a relação. Entre dois objectos ou conceitos, um d'elles denominado e o outro por denominar, procura o espirito ou a imaginação do povo um ou mais attributos ou accidentes communs. Por quaes processos psychologicos os buscou e encontrou é difficil quasi sempre e muitas vezes impossivel já determinar; nem por isso, todavia, são elles menos um characteristico na linguagem de qualquer povo, que evidencía a indole, os habitos e cultura d'elle, e as suas faculdades imaginativas. Já se disse que os nomes substantivos concretos foram, pela maior parte, na sua origem meros attributivos, quer dizer, simples designações pelas quaes, entre diversos attributos de uma substancia, foi escolhido um para lhe dar nome que a differençasse das mais. A continuação d'este processo manifesta-se-nos evidente na nomenclatura popular: é a metaphora que traslada a outra o nome de uma substancia, porque existe ou parece existir nas duas um attributo commum; é a catachrese que suppre a falta de nome para um objecto pela comparação de um dos seus attributos existente em outro objecto conhecido e já denominado. Outras vezes a denominação

attributiva, a designação da propriedade especial de uma substancia parece insufficiente; dá-se a tal designação um complemento concreto de comparação, para que fique mais evidente o attributo: é então que vemos empregar o simile explicativo que dá origem a expressões pictorescas, poeticas muitas vezes: *branco como a cal da parede* (pallido), *alto como uma torre, direito como um fuso, triste como a noite, só como o espargo no monte,* etc.

Effectivamente, o unico recurso verdadeiramente inventivo que restava já em idiomas que, como o português, haviam perdido quasi inteiramente a vitalidade morphologica, era este, e é por isso que taes expressões, formosissimas algumas, dão margem a estudos de bastante interêsse. O que em idiomas como os germanicos se faz pela composição de uns vocabulos com outros, consegue-se em português pela relação syntactica de taes vocabulos: uma expressão como a allemã *regenschirm* tem como equivalente as portuguesas *chapeu de chuva, guarda-chuva,* na primeira das quaes o vocabulo *chapeu* é tomado na accepção de *abrigo, resguardo,* e a proposição *de* tem uma funcção grammatical mais facil comprehender que de expilicar.

No intuito de dar elementos para tal estudo publicamos estas resenhas avulsas, para as quaes apenas adoptamos as divisões de *catachreses* e *similes*. Com o primeiro d'estes epithetos pretendemos significar as expressões resultantes da applicação de um *nome* a objecto diverso d'aquelle que antes designára, explicado, ou não, o seu novo emprego por adjectivo, ou por complemento restrictivo ou qualificativo de valor adjectival. Pelo termo *simile* denotamos a a explicação de um attributo ou predicado pela sua comparação com uma substancia, com um acto, a que elle seja applicavel: n'este processo o adjectivo ou verbo é, por exemplo, elucidado por um substantivo designando objecto que em summo grau possua a qualidade, a propriedade expressa pelo predicado.

Nem todos estes similes serão familiares a uma parte dos nossos leitores: alguns são provinciaes, outros só conhecidos de gente de edade adiantada; muitos d'elles estarão de certo perdidos em duas gerações. Recolhê-los a tempo antes que o olvido os sepulte é, parece-nos, de alguma utilidade: fazemos em seu favor o que se está fazendo tambem com os proverbios, com a poesia, com a musica, com os contos, com os jogos e brinquedos infantis, com as tradições emfim, com tudo o que constituia a vida intima, a verdadeira, dos nossos antepassados, para que ella se compare com a dos demais povos que se relacionam comnosco.

A tradição que perpetuava estas criações anonymas, sem artificio, está interrompida: morreu já nas cidades, esmorece nos campos e em breve se extinguirá em toda a parte.

De entre nós, aquelles que nasceram pelos meados do seculo ainda tiveram quem lhes contasse historias tristes, pavorosas ou alegres, que receberam de seus paes; não as transmittirão a seus filhos, porque as esqueceram já, porque seriam incapazes de as recontar. Assim nossos filhos hão de ignorá-las completamente e a tradição quebrar-se-ha; já se quebrou. O conto escripto — o romance — com o seu artificio invade tudo, mesmo a linguagem; os modos de dizer tradicionaes, as expressões feitas vão caindo em desuso, e em curto praso serão ridiculas, ou ainda peior, ininteligiveis, e acreditamos até que para muitas pessoas estes restos, ainda com alguma vida que formos colligindo, terão tanto valor como se fossem um vocabulario que lhes dessemos do extincto dialecto tasmanico de Oyster-Bay. Póde ser, porém, que não seja assim para todas, e por isso nos animaremos a começar no seguinte numero a publicação das expressões pertencentes ás duas categorias que citámos.

26-12-83. A. R. Gonçalves Vianna.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

N.º 5 COIMBRA, 1 DE FEVEREIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador — JOSÉ LUIZ DA COSTA

Escriptorio da Empreza — Rua do Corpo de Deus, 95

DECLARAÇÃO E PEDIDO

Por motivos superiores á nossa vontade, e nada offensivos ao melindre reciproco, deixa a direcção do *Panorama Contemporaneo* o brioso e distincto academico o ex.mo sr. Trindade Coelho. Pedimos por isso aos ex.mos srs. collaboradores o obsequio de dirigir as suas correspondencias ao escriptorio da administração do jornal, rua do Corpo de Deus, n.º 95.

J. L. da Costa.

A Empreza espera merecer dos srs. correspondentes o obsequio das suas contas com a designação exacta das assignaturas angariadas e respectivas importancias.

Esta correspondencia deve ser dirigida com a maior brevidade ao administrador da Empreza — José Luiz da Costa.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

Importante. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porêm, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal.

Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.

Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente — o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

N.º 5 COIMBRA, 1 DE FEVEREIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

UNIVERSIDADE

Percorrendo a historia das nações encontramos sempre uma relação intima entre o seu desenvolvimento intellectual e o augmento de riqueza.

Se este produz aquelle ou inversamente, é uma questão a que não podemos responder d'um modo geral em virtude da multiplicidade das condições que concorrem para o andamento progressivo dos povos.

O que nós vemos é que os seus periodos aureos coincidem, e bem assim os seus estados de decadencia.

A illustração é uma das condições indispensaveis para o progresso material dos povos; porque da intelligencia esclarecida dos que os regem, depende a adopção das medidas sensatas que lhes proporcionem prosperidade. Por outro lado, embora haja homens todos dedicação e amor da patria, é certo que a maior parte trabalha com tanto mais ardor quanto é mais bem recompensada; e, porisso, procura com mais empenho applicar convenientemente o seu talento, na certeza de que aquelles para quem trabalha têm os elementos bastantes com que lhes recompensem dignamente os seus esforços.

A instrucção e a riqueza d'um povo, podemos concluir, auxiliam-se mutuamente, seguem duas linhas cujos maximos e minimos coincidem nas mesmas epochas; são as trajectorias de dois pontos situados n'uma recta que se move parallelamente a uma direcção fixa.

É isto o que se observou nas nações extinctas, é o que se tem observado entre nós.

O braço valoroso de D. Affonso Henriques, fundando a monarchia portugueza, iniciou essa epocha agitada em que os nossos avós dormiam com a mão nos copos da espada, sonhando alargar as fronteiras á custa dos infieis que do outro lado os espreitavam.

Apesar da sempre reconhecida aptidão dos lusitanos para a cultura das letras, estas jaziam no esquecimento, sacrificadas pelos reis que pensavam unicamente em conquistas.

D. Diniz, filho d'um rei educado n'um paiz mais adeantado que o nosso, é o primeiro dos nossos monarchas que não tem por eschola sómente os campos da batalha.

Instruido, desejava que os seus vassallos o fossem tambem.

Harmonisando o seu proceder com o modo de pensar, annue, gostoso, á ideia do Abbade de Alcobaça e varios priores que pediram ao papa Nicolau IV o indulto para a edificação d'uma Universidade.

Expedida a bulla em 12 de agosto de 1290 e assignada a licença pelo rei, procedeu-se immediatamente á sua organisação.

Ao amor que D. Diniz tinha pela sciencia devemos, pois, a implantação da primeira Universidade e a unica que tivemos em Portugal até ao reinado do cardeal D. Henrique.

Os Estudos Geraes, denominação sob que foi organisada a Universidade pelo rei Lavrador, enfraquecidos por mudanças repetidas, vegetaram bastantes annos até que, firmada a nossa independencia por D. João I e entrando Portugal n'um estado mais prospero, poderam ser regularmente organisados, recebendo em 1431 os primeiros estatutos.

O seu desenvolvimento é principalmente devido á pronunciada protecção do conde D. Henrique, o precursor dos ousados marinheiros que haviam de, no futuro, praticar esses factos inolvidaveis, e grangear para a patria esses titulos de gloria sob os quaes ainda hoje vive.

Ás faculdades de Artes, Direito e Medicina accrescenta elle as cadeiras de Arithmetica e Geometria.

A Theologia estava fóra do quadro dos estudos universitarios; só alli foi introduzida no reinado de D. Manuel.

Depois da morte do conde D. Henrique começou a Universidade de novo a decahir; porque, embora os reis continuassem a protegel-a, as suas rendas, primitivamente tiradas aos conventos, eram diminutas, o pessoal mal escolhido e as mudanças repetidas. As aulas quasi estavam abandonadas.

Estava n'este estado decadente quando D. Manuel, mal satisfeito com o procedimento do seu pessoal, lhe tirou o privilegio de rever as suas leis organicas e lhe impôz os estatutos de 1496.

Começavam a affluir a Portugal as riquezas do Oriente. O rei poude dotal-a com maior largueza e ampliar o quadro dos estudos alli professados.

Achava-se a Universidade então em Lisboa; e alli permaneceu até que D. João III a mudou para Coimbra em 1537, onde se tem conservado até hoje.

É n'este reinado que a Universidade se eleva a par das mais florescentes da Europa; mas é tambem n'este reinado que lhe introduzem o germen da sua ruina.

D. João III, mandando educar differentes homens no extrangeiro para serem os futuros professores em Portugal, pagando avultadas quantias áquelles que queriam vir de fóra prestar os recursos da sua intelligencia, parece indicar que é um espirito esclarecido, um homem sensato.

Engano. Isto é apenas uma revelação da mania que tinha pela sciencia, embora esta fosse para elle um fructo prohibido.

Espirito fraco, caracter malleavel, deixava dominar-se por todas as influencias estranhas que o fanatisavam.

Segundo Alexandre Herculano, elle nunca aprendeu os rudimentos das sciencias, nem sequer os da lingua latina; e, comtudo, tinha uma pronunciada mania pelos estudos, sendo principalmente da sua predilecção a Theologia!

O resultado d'isto foi deixar-se dominar completamente pelos jesuitas, que, apoderando-se d'elle se intrometteram em tudo, se apossaram da Universidade para arrastal-a a uma fatal ruina.

As differentes faculdades não eram professadas todas no mesmo edificio, só em 1544 se reuniram nos paços reaes, ulteriormente comprados pela Universidade ao rei Filippe.

É alli que ainda hoje está a séde da Universidade e de que a phototypia representa a *Via latina* e, á direita a *Porta ferrea,* edificada depois da compra em 1597.

Regia-se ainda pelos estatutos de D. Manuel, modificados em harmonia com o grande desenvolvimento que nos ultimos annos havia tomado.

Tinha debaixo da sua dependencia o Collegio das Artes, onde se ensinavam os preparatorios então exigidos áquelles que queriam ouvir as lições dos cursos superiores.

Um prado outr'ora vicejante, marchetado de mil perolas liquidas que o orvalho depositara na relva d'um verde immaculado e que misturam os infinitos cambiantes da luz refractada áquelle lago de esmeraldas; e, agora, caprichosamente riscado por tortuosos traços d'um amarello de ictericia e hediondamente manchado pelos innumeros monticulos d'uma terra escura que a toupeira produz no seu trabalho destruidor, recorda-nos sempre esse labutar persistente dos filhos de Loyola, destruindo as raizes d'uma sociedade florescente.

A Inquisição e os jesuitas são as toupeiras enormes que, alluindo o solo, fizeram no meiado do seculo XVI tombar a Universidade do seu maior desenvolvimento para a sua mais completa ruina.

A Inquisição, introduzida em Portugal por uma bulla do papa Paulo III, alimentada com sangue e lagrimas, cresceu rapidamente como aquellas plantas d'um verde sombrio que a negligencia do coveiro deixa viver nos cemiterios.

É áquelle mesmo papa que por instancias de D. João III devemos esse presente, não menos valioso — os jesuitas.

Dos primeiros dois que vieram, um sacrificando-se, vai para a India converter os infieis, o outro fica em Portugal convertendo o rei aos desejos dos seus.

Atraz d'estes vêem mais e mais, multiplicam-se assombrosamente como esses animaes parasitas que pullulam aos milhões nos corpos em decomposição. A nossa sociedade decompunha-se tambem.

Introduzem-se cavillosamente em todos os negocios, querem avassallar tudo, querem ser senhores absolutos das consciencias.

Fitam cubiçosamente a eschola como meio seguro de realisar os seus fins.

Mandam para as fogueiras do Sancto Officio aquelles que podiam estorval-os pela sua energia ou saber, introduzem mil discordias no reino até impellirem esse rei imprudente para os areaes de Alcacer-Kibir, onde se sepulta a nobreza e a independencia de Portugal.

O cardeal imbecil foi apenas um instrumento nas mãos dos jesuitas até que finalmente nos entregaram aos Filippes de Hespanha.

Tinham morto Portugal, nada nos restava do nosso antigo esplendor.

Depois de se assenhorearem do Collegio das Artes e de obterem alvarás sobre alvarás, concedendo-lhes todos os privilegios que elles exigiam, apossam-se finalmente da Universidade que occupam como conquistadores.

Entre os alvarás obtidos citaremos apenas os que lhes concediam o tomar grau *gratis,* serem considerados como graduados na Universidade todos os jesuitas que o fossem em qualquer parte, nenhum estudante poder matricular-se na Universidade sem certidão do seu Collegio das Artes, nenhum empregado poder receber o ordenado sem que elles passassem attestado de que havia cumprido os seus deveres, finalmente, nenhum estudante podia hospedar-se senão em casas dependentes do seu collegio!

Dos estatutos de D. Manuel nada restava, tinham-lhe feito mil alterações conformes aos seus interesses.

Tinham-nos fechado as relações com o extrangeiro por meio dos *indices expurgatorios;* e os professores illustrados haviam sido mortos uns, desterrados outros.

Ouçamos o que a este respeito diz o eminente professor Coelho da Rocha:

«A influencia dos jesuitas foi fatal ás letras. Com o receio dos erros dos protestantes, que se espalhavam entre os povos do norte, de tal maneira conseguiram assustar a côrte e a nação, que tornaram suspeita não só toda a innovação sobre qualquer sciencia, mas tambem os extrangeiros, e sobre tudo os livros escriptos nas linguas d'essas nações, onde a heresia se propagava. Fizeram correr copiosos *indices expurgatorios* dos livros que ninguem podia ler ou possuir, sem incorrer em uma falta, que a Inquisição castigava como crime e os moralistas arguiam de peccado mortal. E assim só poderam ser lidos os livros feitos ou escolhidos pelos padres da Companhia. D'esta fórma os talentos ficavam comprimidos e sem emulação; e, ao passo que as outras nações progrediam na carreira das sciencias e do bom gosto, Portugal retrogradava notavelmente.»

Aqui temos, pois, a existencia lastimosa que fomos arrastando durante longos annos até que o braço robusto do Marquez de Pombal com um vigoroso impulso fez transpôr os mares a esse vampiro monstro que lentamente nos ministrava a morte.

Absorvido nos primeiros annos do seu governo pelos numerosos assumptos que requeriam as luzes do seu talento, preoccupado principalmente com a reedificação de Lisboa, só em 1772, depois de ter em 1759 expulso do ensino os jesuitas, poude trazer á Universidade de Coimbra esses famosos estatutos, essa obra monumental que foi o assombro das nações mais cultas da Europa.

É ainda por estes estatutos, feitos sob as vistas dos sabios mais notaveis d'aquella epocha, que, com ligeiras modificações, a Universidade se rege ainda hoje.

Satisfazem elles as exigencias do desenvolvimento actual do espirito humano?

Outros mais competentes o dirão.

Coimbra.

A. R. Nogueira.

A LUCINDA SIMÕES

(Na noute do seu beneficio no Theatro Academico)

Venho queimar o incenso dos meus versos
No sacrosanto altar da inspiração,
E collocar debaixo de teus pés
O pedestal da minha admiração.

Venho, sentindo a minha pequenez
Deante d'essa magica figura,
Fundir no molde ingrato dos meus versos
A tua graciosa miniatura.

Venho offerecer-te humildemente
D'estas quadras o pallido *bouquet*,
Como se em torno d'ellas fluctuasse
O perfume da alma de Musset.

Quem como tu, mulher, assim penetra
Os meandros da vida allucinada
Que deixa pelo pó dos *boulevards*
A sua triste podridão doirada;

Quem, como tu, comprehende a existencia
D'um mundo para nós desconhecido
Onde vegeta a *fleur demi-mondaine*
Como um esbelto arbusto resequido;

Onde o crystal das taças facetadas,
A aurea transparencia dos licores,
As visões do *haschich* e do tabaco
Abrem a porta a um mundo d'esplendores;

Merecia por certo que Cellini
Lhe burilasse o esplendido diadema:
Sê generosa, acceita: é pouco, é nada
Para quem, como tu, vale um poema.

Coimbra.

Oliveira Ramos.

A GEMMA CUNIBERTI

Onda que ruge encapellada e forte
E vai a pouco e pouco enfraquecendo
Sorvida pelo vortice da morte
N'um rodopio avido, tremendo;

Ave que trina ao despontar do dia
O *scherzo* jovial da natureza;
Ave que chora em lugubre elegia
A estrope maguada da tristeza;

A duvida, esse pendulo oppressor
Medindo, no oscillar invariavel,
Momentos de prazer, annos de dôr
Na vã alternativa infatigavel

D'um compassar monotono, constante;
Instante fugidio e transitorio
Entre uma madrugada deslumbrante
E o pôr do sol, saudoso, marencorio;

Punhal que as fibras d'alma dilacera,
Quando, tendo cá dentro a noite escura,
Vemos lá fóra rir a primavera
N'uma expansão de luz e de frescura;

Mixto de sombra e luz, dôr e alegria,
Baloiço entre a saudade e a esperança
— *E cosi va il mondo, bimba mia,*
Foi sempre o mundo assim, gentil creança.

Coimbra.

Oliveira Ramos.

ELEGIA DO AZUL

No derradeiro esquife perfumado
Em que dormias pallida e formosa,
Inclinando a cabeça silenciosa
Como um pequeno lyrio desbotado,

Lembravas um sorriso immaculado,
Uma illusão já morta, alguma rosa,
Que se evolasse d'esta vida anciosa
Para as bodas do mystico noivado.

Dormias... Entre as tuas mãos pequenas
Alguem puzera um ramo d'açucenas
Um pequenino ramo delicado;

Pallido o rosto, as mãos brancas de neve,
Foi assim que eu te vi passar de leve
Como um pequeno lyrio desbotado...

(Das Rythmicas.)

EUGENIO DE CASTRO.

O CHÁ DA INDIA

«Porque chamam *chá da India* a um genero que se exporta da China? A India não produz chá.» É esta uma pergunta obrigada de quasi todos os homens e senhoras, que, de Portugal vão a Gôa.

Respondemos a esta pergunta:

Em 1816, o Hon. Edward Gardner, naturalista eximio, achou no jardim do palacio real em Khatmandú, capital de Nepal, uma planta de chá, e soube que n'aquella provincia era cultivada a mesma planta, e suas folhas manufacturadas para o mesmo uso que nós fazemos do chá. Mr. Gardner mandou algnmas d'estas plantas a Mr. Wallich, que era então superintendente do jardim botanico de Calcutá, e este enviou algumas amostras a Sir Joseph Banks, e a Mr. Don, o botanico, que no seu *Prodromus Flora Nepalensis* affirma que se encontra aquella planta vegetando em Nepal, mas que não póde affiançar positivamente se é ou não indigena d'aquelle paiz. Alguns dos specimens mandados a Sir Joseph Banks são ainda conservados no *British Museum* e nenhum botanico moderno poderá hêsitar um momento em affirmar que elles pertencem á genuina planta do chá.

Em 1819, Mr. Moocroft foi mandado pela companhia ingleza a Cachemira, Bokhara e Thibet. Quando chegou a Ladak, soube que o chá era alli importado de Bissahir, um pequeno estado nativo, debaixo da protecção britannica, onde a dicta planta cresce muito abundantemente nas margens do Sutley.

Quasi oito mil libras de chá, preto e verde, são trazidos d'aquelle districto para a capital de Ladak, e Mr. Moorcroft accrescenta que «na opinião d'um negociante (wholesale) indigena os chás da China differem d'estes unicamente no modo de os preparar para o mercado.»

Quasi no mesmo anno, o dr. Buchanan Hamilton, quando viajava em Burman, conheceu que a planta de chá crescia nos districtos selvaticos e montanhosos ao nordeste e ao sul de Umerapoora tão

bem como em outras partes similhantes, onde é cultivada pelos Shans, que habitam as cidades de Irawady.

O bispo Heber escreve o seguinte nas suas *Viajens na India*, em 5 de dezembro de 1823: «A planta de chá cresce, espontanea por todo o Kumaum, mas não se faz d'ella uso conveniente, por causa da propriedade emetica que possue e que poderia ser removida pela cultura.»

Em 1827, Dr. Corbyn encontrou a mesma planta crescendo agreste em Jandersey, no Arracon.

Mas o real e pratico descobridor da planta indigena do chá na India foi Mr. David Scott, um eminente e laborioso empregado civil que estava estabelecido em Cooch Behar e Rungpore.

D'estas breves noticias se inferem duas conclusões: que o chá foi, é e ha de ser da India; e que os antigos portuguezes sabiam tanto das cousas d'essas paragens, que não precisaram que os inglezes lhes ensinassem a procedencia do chá; elles mesmos o denominavam *da India*.

F. Correia Mendes.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

Este conselheiro Krespel, do qual vou narrar-vos uma historia singela, era a creatura mais extravagante que tenho conhecido. Quando eu seguia o meu curso de philosophia na universidade de K***, era este o personagem de quem a cidade se occupava exclusivamente. Como jurisconsulto erudito, e como diplomata astucioso, o conselheiro gosava d'uma reputação pyramidal em toda aquella redondeza.

Um principe minusculo da visinhança, que tinha mais orgulho do que vassallos, mandou-o chamar um dia ao seu palacio, para lhe confiar a redacção d'uma memoria justificativa de certas pretenções territoriaes, que elle se propunha fazer valer juncto do imperador. Krespel desempenhou-se tão completamente do espinhoso encargo, e o exito foi tão brilhante, que o principe, encantado e ao mesmo tempo grato, jurou conceder-lhe tudo quanto elle lhe pedisse, exceptuando unicamente a sua coroasinha ducal. Mas Krespel não era dos mais exigentes. No decurso da sua existencia, uma queixa apenas levantara contra o destino, — não possuir uma casa a seu gosto e phantasia. O principe fez-lhe presente d'um terreno suburbano, situado perto da cidade e cuja disposição pittoresca se prestava admiravelmente aos projectos do conselheiro. Sua alteza queria levar a sua graciosidade até ao ponto de custear as despezas do edificio; mas Krespel protestou contra este excesso de munificencia que trazia comsigo mais de um inconveniente; não queria de fórma alguma ter que discutir os conselhos ou combater as criticas dos architectos da côrte. — Até que emfim, dizia elle, vou ter uma casa a meu gosto, e ninguem lá ha de metter o nariz. Tomada esta bella resolução, o primeiro cuidado do nosso homem foi reunir os materiaes necessarios. Viram-n'o, todos os dias, envergar a blusa do pedreiro, e ajudar os operarios a empilhar os blocos de pedra, diluindo a cal e cavando os alicerces do edificio futuro.

Todos estes trabalhos preliminares se concluiram antes que Krespel tivesse revelado uma unica palavra do seu plano.

Quando chegou a hora solemne de evidenciar o seu genio creador, dirigiu-se para a cidade em busca do melhor alvenel. Este pretendia estabelecer, primeiro que tudo, quanto

lhe cabia pela mão d'obra. Qual não foi a sua surpreza quando o conselheiro lhe declarou com a maxima gravidade que essas pequenas minudencias não tinham para elle sentido algum, e que o orçamento se estabeleceria de per si, sem difficuldades, logo que terminasse a construcção?!

Combina-se o encontro para o dia seguinte, no proprio sitio, ao romper d'alva.

Krespel tinha mandado cavar um poço quadrado. É aqui, disse elle ao mestre pedreiro, que têm de cavar-se segundo as regras os alicerces da minha casa. Feito isso, comecem a levantar muros em torno, até que eu lhes diga: basta!...

— O quê? exclamou o mestre pedreiro, — sem janellas, nem portas, nem paredes meias? Mas o senhor Krespel não pensa com toda a certeza ou não entende nada d'estas coisas!

— Queira executar as minhas ordens, respondeu seccamente o conselheiro; — eu não lhe pago para me ensinar a pensar.

Só a certeza de ser largamente recompensado por este excentrico poude decidir o mestre pedreiro a mandar executar um trabalho que lhe parecia absurdo. Metteu os operarios á obra, soltando-lhes aqui e acolá uma ou outra palavra chocarreira sobre o caracter do conselheiro. Mas ao conselheiro era-lhe isso indifferente, e tal era o enthusiasmo que o dominava no seu projecto, que não fazia questão de dinheiro para obstar a que os trabalhadores perdessem tempo, indo á cidade tomar as suas refeições.

Sempre sollicito, quasi se multiplicava para ver tudo ao mesmo tempo, prodigalisando viandas e bons vinhos para incutir na sua gente o enthusiasmo que o agitava. Os operarios, achando este processo de muito bom gosto, já não se riam do homem que tão bem os tractava. Teriam reconstruido para elle a torre de Babel. As paredes começavam a elevar-se por todas as quatro faces; quando estavam prestes a exceder os limites ordinarios, Krespel bradou: — basta!...

Os trolhas pararam immediatamente.

Os operarios desceram dos seus andaimes e vieram enfileirar-se em circulo em volta do conselheiro, para esperar novas ordens. Krespel contemplava o muro com uma physionomia beatifica. De repente, rompe o circulo, correu a collocar-se na extremidade do terreno, e voltou, contando os passos, até á construcção.

Depois de executar a mesma verificação para as quatro faces do seu quadrado de pedra, marcou um ponto sobre o muro e ordenou aos operarios: — Picaretas á frente! abram um buraco!

Foi coisa d'um momento. Aberto o buraco, Krespel entrou e sorriu, como encantado pela realisação do seu pensamento.

Depois, seguido dos trolhas e do mestre pedreiro, pôz-se a indicar, aqui, uma janella de tantos pés d'altura e tantos de largo; acolá, uma abertura de dimensões diversas. Alli não havia que retorquir. A um signal dado, o buraco abria-se para a esquerda ou para a direita. Krespel pagava tão bem, que ninguem se lembrava de recalcitrar. Os caprichos mais extravagantes são privilegio dos ricos. A industria vive apenas d'isto.

(Continúa.)

OLIVEIRA RAMOS.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

A. S. SOUSA

PHOTOGRAPHO

Rua do Museu

COIMBRA

Retratos em cartão de visita e até tamanho natural.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos; bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 6 COIMBRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador—JOSÉ LUIZ DA COSTA

Escriptorio da Empreza—Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Com o presente numero termina o primeiro trimestre da sua publicação o *Panorama Contemporaneo*.

Cumpre-nos agradecer o bom acolhimento que tem tido do publico.

Esforçar-nos-hemos por continuar a merecel-o. Já n'este numero ampliamos o formato das phototypias, que de hoje em deante serão executadas no atelier dos srs. Emilio Biel & C.ª do Porto.

Creio que não deixam nada a desejar na boa nitidez dos contornos, nem no bem escolhido tom das suas tintas.

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos fazer face ás grandes despezas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario, José Luiz da Costa.

Para Coimbra—100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal—anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil—assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios—cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

Importante. Não damos lista de collaboradores para que ella não seja considerada como elemento de *réclame*. Temol-os e distinctissimos. Preferimos, porém, que os seus nomes appareçam firmando artigos nas paginas do *Panorama*.

Cada numero será acompanhado d'uma phototypia envernisada, sobre cartão, coberta a papel-seda, inalteravel com o tempo, representando vistas de cidades, villas, monumentos, obras d'arte e logares pittorescos de Portugal.

Sairá regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez.

No fim de cada anno a Empreza distribuirá a cada assignante um frontispicio impresso a côres e o respectivo indice do volume.

Como se vê, a nossa publicação formará um apreciavel adorno de gabinete ou sala, unico no seu genero em Portugal, e até sem precedentes que possam competir com elle.

Como *réclame* ao nosso trabalho apresentamos unicamente—o proprio trabalho.

O preço, como se vê, é simplesmente baratissimo.

Annunciam-se as obras de que fôr enviado á Empreza um exemplar.

N.º 6 COIMBRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

LORVÃO

TINHA-SE corrompido já o sangue dos valentes soldados que haviam conquistado o mundo.

O primitivo amor da patria e da gloria que caracterisava o soldado romano fôra substituido pelo desejo dos prazeres impuros, enervantes.

A desmoralisação de Roma havia-se estendido a todas as provincias quando do norte tombou a avalanche que, no seu caminhar triumphante, destruiu o imperio dos Cesares.

Deixara já de existir a nobre altivez dos lusitanos que durante dois seculos, contados da segunda Guerra Punica, tantos estragos fez nas cohortes romanas, armando o braço potente dos Viriatos, quando em 409 coube aos Alanos a terra que hoje é nossa patria.

Mas bem depressa os Suevos e Vandalos que occupavam o resto da Peninsula estenderam os seus dominios absorvendo o povo alano.

Finalmente, os Vandalos passam em 429 para a Africa deixando os Suevos, recentemente convertidos ao christianismo pelos Arianos, unicos senhores d'aquem dos Pyreneus.

Os Visigodos, porém, que haviam occupado a Gallia, transpõem aquelles montes, cahem sobre os Suevos e, depois de uma lucta sangrenta, obrigam em 515 a tonsurar-se o seu ultimo rei Andeca.

Os bispos, uns por suas virtudes, outros por meio de intrigas, tinham adquirido grande importancia entre os barbaros a quem a ignorancia e espirito de independencia dispunham a obedecer antes ás ordens de Deus, de quem os bispos se diziam oraculos, do que ás dos outros reis seus rivaes [1].

A troco de faceis promessas de felicidade futura e da absolvição de seus crimes concederam elles aos padres rendosos beneficios que, junctos ao respeito que o povo supersticioso votava aos descendentes dos apostolos, punham estes em condições de lutar até com o poder real.

Os seus mosteiros, pela maior parte verdadeiros castellos, em cujo proveito trabalhava uma multidão de escravos, eram assás rendosos para que os habitantes passassem uma vida mais confortavel do que recommendava o Mestre, o verberador dos faustosos principes dos sacerdotes.

Dos conventos edificados na Peninsula é o de Lorvão um dos mais antigos.

---

[1] Coelho da Rocha.

Foi construido, segundo affirma fr. Bernardo de Brito, em vida do fundador da Ordem benedictina.

Em 537, a pedido de D. Sancha, mulher do rei godo Theodorico, mandou S. Bento da Italia doze monges á Hespanha para occuparem o convento de Cardenha, mandado construir por aquella rainha.

Alguns passaram á Lusitania e fundaram o convento de Lorvão a 12 kilometros ao nascente de Coimbra.

S. Bento morreu em 543; por isso, se é verdade o que affirma o auctor citado, deve o mosteiro ter sido edificado entre os annos 537 e 543 [1].

Corre entre os naturaes da pobrissima aldeia de Lorvão uma lenda que, como todos os productos da superstição, tem bastante de phantastica.

«O local para a edificação do mosteiro fôra primitivamente escolhido na cumiada do monte que agora lhe fica sobranceiro.

Encaminharam-se para alli os artifices encarregados da construcção e começaram a assentar os seus alicerces.

Voltando no dia seguinte para continuar a obra encetada ficaram espantados com o estado em que acharam o trabalho da vespera. Todas as pedras haviam sido removidos dos seus logares.

Recomeçaram, porém, os trabalhos e deixaram vigias para obstar á destruição, que só podia ser obra de malfeitores.

Durante a noute, porém, fugiram espavoridas pelo concerto infernal só comparavel áquelle que atemorisou os Israelitas ante o Sinai; devendo accrescentar-se aqui o acompanhamento de milhares de picaretas ferindo violentamente a pedra do edificio.

N'este tumulto espantoso sobresahia uma nota vibrante como a trombeta annunciada para o juizo final.

Dizia a voz: construí o convento onde a agua corra *para cima* e haja um *louro vão.*

Seguiram os piedosos crentes o conselho da Providencia tão espantosamente manifestado; e, por isso, o convento é actualmente banhado por uma corrente que segue uma direcção quasi opposta á do Mondego. E a tradição accrescenta que existira alli um loureiro cuja vetustez o tornara *vão.*»

Pondo de parte a veracidade da lenda, que não nos merece menos credito que muitos outros milagres referidos por graves chronistas, continuemos com a historia do convento.

Quando os Sarracenos invadiram a Peninsula, já este mosteiro tinha grande importancia e mandava representantes aos concilios.

Os Godos, como todos os conquistadores, gosando dos seus triumphos, haviam perdido as suas primitivas virtudes, abandonando-se a todos os vicios, quando os Sarracenos, fanatisados pela religião de Mahomet, desembarcaram na Hespanha, depois de terem atravessado o Estreito de Gibraltar.

Commandados por Musa, venceram em Xerez no anno 714 o vicioso rei Rodrigo, espoliador de Witiza.

---

[1] Mappa de Portugal.

Uma pequena porção de Godos, agrupados pelo valente Pelagio, não quiz curvar-se ao jugo sarraceno e foi refugiar-se nos montes das Asturias.

Á custa de grandes esforços fundaram um pequeno reino com aquelle nome, que mais tarde se chamou reino de Leão.

A Lusitania, que fazia parte d'aquelle reino, foi durante longos annos o theatro d'uma guerra sangrenta que dizimou tanto os mouros como os christãos.

Foi palmo a palmo que aquelles cederam o terreno, depois de o terem bastante regado com um sangue generoso.

Os mouros eram bastante tolerantes para com os christãos, permittindo-lhes o livre exercicio da sua religião.

Se a historia regista o facto de algum convento por elles arruinado, isto era apenas o resultado d'um desafio acompanhado de insultos da parte dos christãos [1].

Dos impostos, por elles lançados aos vencidos, foi excluido o mosteiro de que nos occupamos, devido isto á intimidade com que os mouros e os frades se tractavam.

Eram apertadas estas relações nas caçadas que junctos faziam nas cercanias de Lorvão, e mais principalmente nos banquetes preparados na espaçosa cosinha do convento [2].

Alli, saturando-se da appetitosa carne dos veados, lavavam qualquer mancha resultante do contacto de tão heterogenea sociedade com o precioso licor da bem fornecida adega.

O vinho prendia-lhes as amisades e a lingua.

Apesar d'esta boa amisade dos frades christãos aos mouros, aquelles foram atraiçoando estes, avisando D. Fernando, primeiro rei de Castella, do momento opportuno de se apoderar de Coimbra.

Este rei ampliou-lhes ainda mais as rendas, para agradecer-lhes o soccorro prestado quando, obrigado pela fome, ia levantar o cerco que durava já sete mezes.

Os frades, dispondo de enormes riquezas, foram esquecendo os habitos monacaes e lembraram-se demasiado que eram homens.

O desregramento da sua vida obrigou D. Sancho I a expulsal-os para entregar em 1200 [3] o convento a sua filha D. Thereza, que depois de annullado o seu casamento com Affonso IX de Leão tomou o habito de Cistér.

A historia do convento desde então pouco nos offerece de notavel.

O actual edificio decerto não foi a primitiva habitação dos monges; é d'uma construcção muito mais recente.

Occupar-nos-hemos d'elle no numero seguinte.

Coimbra.

A. Rodrigues Nogueira.

---

[1] Coelho da Rocha.

[2] Gasco.

[3] Chron. de Cistér.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

A gente da cidade ria-se á custa do digno conselheiro. Mas a este pouco se lhe dava das mofas, e proseguia na obra tão rapidamente quanto fosse possivel. Graças á sua actividade, a casa ficou prompta em dois mezes. Offerecia por fóra o mais excentrico e irregular dos aspectos; não havia duas janellas que se parecessem, e, avaliada por partes, a construcção era disparatada. Mas, vista por dentro, era a habitação mais commoda e mais habilmente repartida.

Krespel, ao qual eu tinha tido a vantagem de ser apresentado, fez-me admirar as minimas disposições, e eu não pude deixar de perfilhar, contra toda a gente, a opinião d'elle.

Fui convidado para um esplendido banquete que o proprietario offereceu aos trabalhadores. Depois do festim as mulheres improvisaram um baile, no qual Krespel se não dedignou confundir as suas pernas venerandas; e quando estava farto de dansar, pegou n'um violino e poz-se a tocar toda a noite. Na quarta feira seguinte encontrei o conselheiro n'uma reunião. Cada um dos seus movimentos tinha o que quer que fosse de nervoso e brusco: eu tremia, só com a lembrança de que podesse sobrevir-lhe um accidente. Mas a senhora que fazia as honras da casa parecia conhecel-o perfeitamente, porque não se assustava vendo-o saltar em volta de uma bandeja de porcelana da China, ou enredar os punhos de renda por entre os cristaes delicados que um sopro derrubaria. Á ceia mudou de aspecto a scena. Krespel, não tendo agora occasião de expandir-se em movimentos pelos braços e pernas, desatou n'uma tagarelice desenfreada, pulando d'uma ideia para outra, do serio para o jocoso, do tragico para o burlesco. Ninguem mais alli fallava. Ao apparecer uma lebre sobre a meza Krespel pôz de parte os ossos, e reclamou sobretudo as mãos; depois tirou do bolso uma rodasinha d'aço, com a qual fez girar um grande numero de pequeninos objectos de phantasia que as creanças da casa se disputavam com uma alegria sem limites. De repente houve alguem que se lembrou de perguntar:

— A proposito, caro senhor Krespel, que é feito da nossa boa Antonia?

Esta pergunta produziu no conselheiro o effeito do choque d'um torpedo. Fez uma careta similhante á d'um goloso que trincasse uma laranja azeda. As feições carregaram-se-lhe, e respondeu roucamente, com uma physionomia em que explosia uma colera concentrada:

— A nossa... a nossa querida Antonia?...

O dono da casa, conhecendo o mal estar em que o seu hospede se achava, apressou-se a mudar de conversa:

— Como vão as rebecas? perguntou elle apertando as mãos do seu conviva.

Esta diversão foi feliz. A physionomia de Krespel desenrugou-se:

— As rebecas, as rebecas? respondeu elle — vão ás mil maravilhas, meu caro. Comecei,

ha dias, a desmontar, peça por peça, um famoso violino d'Amati que me cahiu nas mãos: Antonia deve ter acabado este trabalho.

— Devéras? estou encantado com o conselheiro; Antonia é uma creança encantadora...

— Oh, com toda a certeza, exclamou Krespel, é um anjo!...

Esta exclamação foi proferida com soluços. O conselheiro levantou-se bruscamente como um homem que vê diante de si uma tristeza indomavel; pegou convulsivamente na bengala e no chapeu, e retirou-se precipitadamente sem dizer palavra.

Depois que elle sahiu, aventurei-me a fazer algumas perguntas ácerca d'este personagem original que eu mal conhecia.

— Ah! respondeu-me o dono da casa, o conselheiro Krespel é um notavel humorista; é tão consummado na arte de fabricar incomparaveis instrumentos de musica, como na sua profissão de jurista.

Mas tem uma singular mania. Por exemplo: apenas acaba um violino, experimenta-o durante uma ou duas horas e improvisa arias d'uma deliciosa harmonia, depois colloca-o no seu gabinete juncto dos outros e nem por um imperio lhe tornaria a pôr a mão. Outras vezes procura á custa de grandes despezas o violino d'algum mestre notavel, toca n'elle uma vez para julgar das suas qualidades, e depois desmancha-o peça por peça; finalmente encerra todos os pedaços n'uma grande caixa, que já contém muitos outros.

— É realmente extravagante, observei eu; — mas esta Antonia de quem ouvi pronunciar o nome, não poderei eu saber...

— É um mysterio, replicou o dono da casa. — O conselheiro vivia, ha alguns annos, n'uma solidão quasi absoluta com uma velha governante. A singularidade dos seus costumes excitou a curiosidade dos visinhos. Para se esquivar ás murmurações absurdas que corriam a seu respeito, Krespel viu-se obrigado a travar algumas relações, e frequentou alguma sociedade. Era espirituoso e sabia tornar-se amavel. Foi muito apreciado. Suppunham-o rico, julgavam-o um velho rapaz. As mães pensavam em disputal-o para suas filhas. Mas quando queriam leval-o ao capitulo das confidencias intimas, elle esquivava-se voltando-lhe as costas.

Passado algum tempo fez uma viagem que durou muitos mezes. A primeira tarde que se seguiu ao seu regresso não appareceu em parte alguma. Os curiosos, intrigados, notaram a luz viva que brilhava no seu quarto; uma deliciosa voz de mulher confundia as suas notas brilhantes com o som d'um cravo acompanhado por um violino magistralmente tocado.

Os transeuntes paravam na rua para ouvir, e os visinhos, seduzidos por esta harmonia phantastica, não podiam abandonar as janellas.

Pela meia noute o canto cessou.

A voz de Krespel fez-se ouvir, mas rude e ameaçadora. Uma outra voz de homem parecia trovejar censuras ou accusações, interrompidas a cada instante pelos soluços supplicantes d'uma mulher.

De repente um grito agudo, um grito de mulher, terminou esta scena invisivel; depois sentiu-se o estrondo de objectos arremessados violentamente.

(Continúa.)

Oliveira Ramos.

SED REDIERUNT...

Uma por uma foram-se evolando
As flores azues da minha mocidade,
E eu fiquei-me gemendo e soluçando
Na tristeza fatal da soledade.

A esperança, a gloria, os lyrios da amisade,
O amor, esse ideal secreto e brando,
Emfim as flores azues da mocidade,
Uma por uma foram-se evolando.

Porém, mal eu fitei, risonha ave,
O teu olhar tristissimo e suave
Repassado de luz, de claridade,

Logo senti de novo despontando
N'um ligeiro tropel, gracioso e brando,
As flores azues da minha mocidade.

(Das Rythmicas.)

EUGENIO DE CASTRO.

DISTICO

N'este meu peito, funebre sacrario
Onde só a tristeza reverbéra,
Vai crescendo a amisade, como a hera
Nos muros d'um castello solitario...

(Das Rythmicas.)

EUGENIO DE CASTRO.

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

Uma das epochas anomalas da historia, uma d'essas crises moraes que chegam a contaminar o espirito d'uma raça, foi a que precedeu a alvorada christã.

O espirito visionario e doentio d'aquelles tempos encarnou as suas visões n'uma personificação colossal, sobre-humana.

Para disseminar pelo orbe a sementeira do novo credo, fez-se necessario um vehiculo: esse vehiculo foi apostolado, a evangelisação.

A evolução das sociedades creou aspirações novas. A tendencia do nosso seculo é manifesta. Avançamos para a sciencia, fascinados pela vertigem que dá a contemplação mais nitida da verdade.

Para disseminar o novo credo, creou-se a vulgarisação, a evangelisação, o apostolado da sciencia.

Hoje que a sciencia não é um fructo prohibido, assistimos a esta orgia immensa de ideias, que o espirito cosmopolita da epocha absorve vorazmente.

A civilisação moderna arrrastou-nos a esta bacchanal esplendida.

A multiplicidade de condições que devem convergir no homem actual para que não succumba na lucta das ideias, é o mais energico incentivo da vulgarisação.

Os novos apostolos estão espalhados pelo mundo.

A Inglaterra ufana-se com os nomes de Huxley, Tyndall, Müller, Geikie e outros; a França tem Bréal, Paulo Bert, Riant, os grandes evangelisadores da eschola.

Mas não se creia que é facil o apostolado scientifico: tem mais d'um escolho terrivel.

Os vulgarisadores inhabeis cahem frequentemente n'este erro: exporem a sciencia d'um modo elevado para os que não sabem, e superfluo para os que estudam. D'esta fórma a sciencia não aproveita a ninguem. Para isso é preciso expungil-a, quanto possivel, do arsenal technico, do apparato severo que cinge a ideia na fórma, da aridez nua sem prejuizo da verdade.

É o que vamos tentar n'esta secção, na qual procuraremos no limite dos nossos recursos, attingir o ideal formulado por Gethoe: unir o bello á verdade.

A Redacção.

A ASCENDENCIA DAS AVES

Os reptis, que hoje constituem um grupo pequeno e decadente, governaram a terra durante toda a grande epocha secundaria, como hoje a governam os mammiferos, e principalmente o homem.

Os mammiferos e as aves ainda não existiam, porisso poderam os reptis apoderar-se de todo o globo, transformando-se em enormes *haliosaurios* que nadavam nos mares, terriveis *dinosaurios* que habitavam as sombrias florestas de coniferas, e horrendos *ptero-dactylos* que volitavam no ar.

Foram por milhões d'annos os principaes habitantes do globo; depois, vencidos na lucta pela existencia pelos seus descendentes mais aperfeiçoados — os mammiferos e as aves — foram-se extinguindo a pouco e pouco, de sorte que hoje apenas alguns crocodilos, algumas grandes serpentes e tartarugas, nos podem dar uma vaga ideia do que eram os reptis gigantescos que povoavam os mares jurassicos.

Muito antes da formação das verdadeiras aves, diversos grupos de reptis se tinham approximado mais ou menos dos actuaes habitantes do ar.

Com effeito, a falta de competidores nos diversos meios facilitava muito aos reptis o adequarem-se a elles e tomarem para isso as fórmas mais diversas; uns perderam os membros e transformaram-se

em serpentes; outros adquiriram couraças impenetraveis e deram as tartarugas; mas a grande maioria formou dois grupos principaes — reptis maritimos e reptis terrestres, sendo estes já mais ou menos parecidos com as aves. É d'este ultimo grupo, formado pelos *dinosaurios*, que principalmente temos de nos occupar no estudo da arvore geneologica das aves actuaes.

È evidente que o primeiro passo para o desenvolvimento de uma ave é a acquisição de um porte até certo ponto erecto, pois só quando os membros estiverem differenciados em um par posterior, forte e capaz de sustentar o peso do corpo, e um par anterior livre, é que este se póde mais especialmente adaptar ao vôo. De facto, encontramos esta disposição em varios *dinosaurios*, e sobretudo no *iguanodonte*, que, sem duvida, andava aos saltos, firmando-se unicamente nos membros posteriores, como um kangurú gigantesco.

Ora, é notavel, que muitos dos animaes que têm este porte quasi erecto têm tambem uma tendencia pronunciada para adquirir uma fórma rudimentar de vôo, sobretudo quando são arboreos e se acostumam a saltar de uma arvore para outra.

Alguns esquilos, por exemplo, têm como que um pára-quedas formado por uma membrana extensivel que liga os membros anteriores aos posteriores. Entre os lemures o galeopitheco adopta um meio de transporte analogo. Finalmente todos sabem a que perfeição chega a membrana que une os dedos dos morcêgos e constitue as azas d'estes animaes.

Durante a epocha secundaria foram os reptis que principiaram a adaptar-se á vida aeria.

De todos os precursores das aves propriamente dictas os mais notaveis foram de certo os *pterodactylos*, dragões colossaes com cabeça de reptil, fauces armadas de grandes dentes cónicos e agudos, tendo o ultimo dedo da mão desmedidamente alongado, e servindo sem duvida de sustento a uma aza membranosa como a dos morcêgos; de resto os ossos, leves e cheios de ar como nas aves, indicam um animal formado especialmente para o vôo.

Combinando o abutre com o jacaré, teremos uma ideia approximada do que era o *pterodactylo*.

Estes animaes não foram ascendentes directos das aves, mas indicam bem a tendencia que tinham para voar os reptis superiores d'essa epocha.

Encontra-se na pedra lithographica de Solenhaufen um reptil ainda mais parecido, debaixo de alguns pontos de vista, com as aves actuaes do que o *pterodactylo*.

É o *compro-gnato*, elegante animal com pescoço de cysne, membros anteriores quasi atrophiados, e cuja cabeça pareceria d'uma ave, se as maxillas não fossem armadas de grandes dentes cónicos, como nos *pterodactylos*.

É na mesma pedra de Solenhaufen que se encontram os restos da primeira ave verdadeira que conhecemos.

Este animal, que recebeu o nome de *archeoptero*, tem azas rudimentares e pennas; mas, debaixo de outros pontos de vista, é ainda mais reptil do que a ave. A cauda, por exemplo, é longa e formada por vinte vertebras bem distinctas, a cada uma das quaes correspondem duas pennas lateraes, imitando assim mais uma folha de palmeira do que a cauda de qualquer ave actual; as azas, pequenas e mal formadas, só se poderiam prestar a um vôo muitissimo limitado; finalmente o esqueleto differe das aves em pontos tão importantes, que Karl Vogt não hesita em collocar o *archeoptero* na na classe dos reptis.

Como todas as questões de nomes, esta tem provocado vivas discussões entre os homens de sciencia mais notaveis.

(Continúa).

J. G. de Barros e Cunha.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. LUIZ DE PORTUGAL

Preço 600 réis

ARIOSTO MACHADO

A LYRA DE CAMÕES

(VERSOS)

Preço 300 réis

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 7 COIMBRA, 1 DE MARÇO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador — **JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza — Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Com o n.º 6 terminou o primeiro trimestre da sua publicação o *Panorama Contemporaneo*.

Cumpre-nos agradecer o bom acolhimento que tem tido do publico.

Esforçar-nos-hemos por continuar a merecel-o. Ampliámos o formato das phototypias, que actualmente são executadas no atelier dos srs. Emilio Biel & C.ª do Porto.

Cremos que não deixam nada a desejar na boa nitidez dos contornos, nem no bem escolhido tom das tintas.

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despezas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

N.º 7 COIMBRA, 1 DE MARÇO DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

LORVÃO

A VIDA não é mais que uma serie de contrastes.

Ao estonteamento do prazer succede rapidamente a morbidez do descanço. A um dia agitado pelas vividas scintillações da alegria segue-se sempre uma noute calma em que o espirito repousa, procurando recuperar na languida quietação do silencio forças bastantes para repetir os folguedos do dia antecedente.

E por isso o homem que passa uma semana inteira inclinado sobre a banca do trabalho, vendo apenas uma estreita tira do céo por entre os telhados, d'onde se debruçam a espreital-o uns raios adulterados do astro fecundador, corre em dia de descanço para os campos, sobe alegremente as encostas, assalta as cumiadas onde o horizonte é vasto, a atmosphera é pura, vivificante.

Aspira com volupia o ar bem oxigenado, recreia a vista na paizagem amplamente illuminada, refaz o organismo, expandindo-se em liberdade.

Aquelles que saciados dos mil prazeres que offerece o mundo na facilidade da seducção, têm atravessado a existencia embriagando os sentidos com os diversos gosos da materia, abafando as vozes da consciencia com o som argentino dos crystaes, chocados na meza da orgia; aquelles que têm queimado, uma por uma, as petalas do sentimento no fogo vivo das paixões, correndo atraz da felicidade que para elles foi continuamente uma miragem, terminam quasi sempre a vida longe das agitações, n'algum sitio bem escondido, repousando no seio placidamente palpitante da natureza.

Aquelles para quem a entrada da vida foi um abysmo onde se despenharam as crenças, onde a felicidade foi cedo truncada pelo ferro cortante da desgraça; aquelles para os quaes a existencia era um labyrintho, onde a imaginação se lhes perdia procurando a ventura nas visões quasi sensuaes do mysticismo, iam encerrar-se n'esses tumulos geralmente construidos nos cantos mais isolados da terra, onde é ainda mais frisante o contraste entre o referver das paixões que os consumiam e a immobilidade cataleptica do convento.

Faziam-se frades, queriam diminuir o calor que os consumia, pelo contacto da frieza marmorea do claustro.

Iam habitar os logares, como Lorvão, onde o silencio é apenas perturbado pelo sussurro monotono das aguas, quebrando-se nas pedras da encosta em rapido declive, sulcando o verde-escuro da paizagem com traços diversamente coloridos pela luz refractada.

Fugiam para a solidão dos valles, para a mudez da selva, apenas perturbada pela symphonia melancholica que o vento vibra ao perpassar pelas copas sombrias dos pinheiros.

Não temos força para dar os traços vigorosos precisos para fazer sentir a commoção que experimentámos ao descer as ingremes veredas que conduzem a Lorvão, faltam-nos as tintas que traduzam na tela o pensamento significado pelo magnifico edificio, altivo entre as humildes construcções que o cercam, humilde entre os montes que o dominam, e cujas cristas olham com saudade o traço esbranquiçado das areias que limitam o oceano e admiram os soberanos Herminios, feiticeiramente pulvilhados com as neves do inverno.

. . . . . .

* * *

Debalde procurámos os vestigios da primitiva habitação dos monges. Não achámos a architectura formosa dos godos, admirámos apenas um edificio vasto, uma testimunha da antiga opulencia dos seus habitantes; mas, na sua architectura ligeira, não notámos a acção do tempo alterando as linhas, sellando uma obra que visse o decorrer de muitos seculos.

E para attestar isto está na parte direita do edificio, um pouco inferior ás janellas do primeiro andar, uma lapide que tem escripto:

«Este dormitorio principiou em 16 de junho de 1681, sendo abbadessa a senhora Theophila de Alvim até 24 de outubro do anno de 1683.»

Isto parece-nos provar que o convento ainda não estava concluido, pelo menos a aza direita, nos fins do seculo XVII.

A parte que na phototypia se vê de frente parece mais antiga. Um pouco acima da porta principal que julgamos estylo da Renascença, lemos estas inscripções:

POST THALAMUM ALFONSI REGIS TH
ARASIA FUNDAT.
LORVANI MONACHAS. ET MONI
ALIS OBIT.
ANNO 12.

REGIA PROGENIES PIA VIRGO
SANCIA CELLAS.
EX TRAVIT. INDE OBIEN
COELICA REGNA PETIT.
ANNO 12.

Embora isto nada nos diga a respeito da edificação d'aquella parte do edificio que não é muito anterior á outra, comtudo não podemos furtar-nos ao desejo de transcrever aquellas lembranças das duas interessantes princezas, a primeira das quaes foi alli encerrar uma viuvez forçada e a segunda foi alli deixar o que no mundo resta d'uma vida mais ou menos bem empregada — cinzas.

Estão estas em cofres feitos de laminas de prata artisticamente buriladas no Porto em 1713. Assentam sobre veludo escarlate e tem engastadas pedras de colorações diversas.

Estes tumulos collocados um defronte do outro ao lado do altar mór e o côro, de que hoje damos a phototypia com cadeiras de pau preto, inexcedivelmente esculpidas, são os objectos mais dignos de menção que se encontram na egreja, ampla, é certo, mas sem grandes ornatos.

Ha alli algumas telas de Paschoal Parente com a data de 1782. Em duas d'ellas estão as

vistas do convento tiradas de dois pontos differentes e que o representam tal como hoje se acha; o que prova que elle já estava concluido no seculo passado.

As rendas avultadas, que levaram os monges ao desregramento pelo qual foram expulsos d'alli, continuaram ainda por largos annos a sustentar a opulencia das cistercienses.

Mas os frades bernardos, que para alli foram administral-as, fizeram revertel-as para Alcobaça, espoliando aquellas até as reduzirem a extrema pobreza.

Foi n'estas circumstancias que Alexandre Herculano as encontrou.

E então pintou elle o quadro profundamente commovedor da miseria das victimas da cubiça fradesca, n'uma tela em que as tintas parecem diluidas em lagrimas arrancadas do seu coração energicamente justo.

Os traços vigorosos da sua penna parecem sulcos de chicote nas faces de quem administra indignamente.

Hoje existe alli apenas uma freira.

O seu organismo, quasi destruido pelas privações e pelos annos, é a imagem viva do mosteiro que habita, e que a falta de reparos faz cahir pedaço a pedaço.

* * *

Vamos terminar, votando duas linhas á memoria da gentil heroina do poema de Garrett, á formosa irmã de D. Diniz, á primeira — leôa — da côrte de Affonso III, a sympathica D. Branca que foi encerrar a belleza dos seus vinte annos nos frios corredores do convento.

Que desgosto a levaria a trocar pela austera vida do claustro as festas brilhantes dos paços reaes, onde, nas nuvens formadas pelo ouro das suas tranças e a espuma dos seus seios, poderia arrebatar ao céo um cavalleiro namorado?!...

Coimbra.

A. Rodrigues Nogueira.

MULIER-ABYSSUS

(A ti)

Ha nos mares do norte um sorvedouro enorme,
Arena onde se lucta e se aniquila e esmaga —
Lucta onde não ha paz, batalha desconforme,
Peleja fratricida — a vaga contra a vaga.

No torvelinho infrene, ávido, impetuoso
Como o *simoun* ardente aos areaes baixou,
Arroja para os céos um brado temeroso,
Como nunca da terra aos céos se alevantou.

Mal assoma um navio ao longe, ao horizonte,
Já o barathro fatal, nas suas convulsões,
O envolve como outr'ora a serpe a Lacoonte,
Ao erguer para Deus as sacras orações.

O Phlegetonte ulula e freme, esbravejando
Na agonia cruel do extremo paroxismo
Até que a pobre nau, descendo, remoinhando
Vai partir-se d'encontro aos alcantis do abysmo.

Não sei por que razão... mas enlouqueço e ouso...
Attrae-me o turbilhão que o meu olhar não viu:
É que sinto que és tu, mulher, o sorvedouro
E eu, pobre batel, a nau que se partiu.

MOZAR.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

Logo em seguida, sahiu da habitação de Krespel um rapaz, gesticulando desesperadamente, e metteu-se n'um carro que o esperava a distancia. Os cavallos partiam a galope, e tudo voltou ao silencio primitivo. Cada qual buscava a chave d'este enigma. Mas no dia seguinte Krespel apresentava a mesma physionomia impassivel e serena. Ninguem ousou interrogal-o. A velha governante que, guardando um segredo completo, não derogava a praxe domestica, contou apenas com certa reserva que o senhor conselheiro trouxera na ultima viagem uma esbelta rapariga por nome Antonia; que um rapaz bem apessoado, loucamente perdido por ella, os seguira e que só a colera do senhor Krespel o intimidára.

Mas todas estas meias confidencias nada deixavam descortinar do que podesse haver entre o conselheiro e a rapariga. A governante affirmava que lhe era desconhecido esse segredo intimo. O conselheiro exercia sobre Antonia a mais absoluta prepotencia, guardando-a noite e dia, interceptando-lhe todas as communicações com o mundo. Era quanto bastava para que se creassem as lendas mais extravagantes. A partir d'este momento, o canto d'Antonia que apenas se fizera ouvir uma vez, tornou-se a lenda maravilha do bairro, e a invisivel rapariga o prodigio d'aquellas cercanias.

II

A isto se limitaram os esclarecimentos que pude obter.

Á custa de reflexões, enamorei-me da mysteriosa incognita, e como verdadeiro estudante, não tornei a pensar desde então senão no modo de penetrar, fosse qual fosse o meio, na ha-

bitação que escondia o meu thesoiro adorado. Queria vêr Antonia, queria jurar-lhe um amor eterno, raptal-a para a subtrahir ao jugo do seu abominavel tyranno.

Desgraçadamente para o exito do romance que nos meus sonhos esboçava, as cousas propenderam para um desenlace pacifico. Dirigi-me em primeiro logar e muito naturalmente ao conselheiro, para captar-lhe a confiança, lisonjeando-lhe a paixão pelos violinos. Imaginem a minha surpreza, quando um dia o vejo d'algum modo antecipar os meus votos! Deu-me o braço, um bello dia, e muito familiarmente, cordealmente, levou-me para casa.

Chegados ao laboratorio, mostrou-me minuciosamente os seus instrumentos, experimentou-os todos deante de mim e não me deu um só! Eram mais de trinta!... Um d'elles encimado por uma grinalda entretecida de folhas seccas, era, disse-me Krespel, a obra prima d'um fabricante ignorado; o prestigio miraculoso dos sons que desprendia, tinha virtudes magneticas e obrigava os somnambulos a denunciarem os seus segredos mais impenetraveis.

— Nunca tive, dizia-me elle, a coragem de desmontar este violino, para estudar-lhe a conformação: parecia-me criminoso destruir um exemplar tão bello. Quando Antonia soffre, toco n'elle algumas vezes para lhe adormecer as excitações nervosas que tanto a assaltam.

Antes de nos deixar, tirou d'um pequeno cofre muito elegante um papel dobrado que me offereceu gravemente, com estas palavras: — Sei que as artes o encantam: é a paixão das almas bellas; acceite portanto este papel como penhor da estima que me inspira.

Depois, sem esperar pela resposta, impelliu-me quasi insensivelmente pela porta fóra, pondo-me na rua com a mais excessiva delicadeza.

Apenas cheguei cá fóra, abri anciosamente o papel. Era uma linha de musica com esta legenda: *Fragmento da quinta a que o celebre Stamitz elevára o seu violino, ao executar o ultimo concerto.*

Esta dadiva excentrica que para mim não tinha valor algum, e a maneira ainda mais extraordinaria por que o conselheiro me fechou a porta, fizeram-me suppor que elle tivesse adivinhado o verdadeiro motivo dos meus affagos.

No entretanto eu não me desnorteei. O que importava era penetrar de novo na casa do conselheiro e conseguir encontrar-me com Antonia. Era convicção minha que um só olhar que eu lançasse á joven captiva, adeantaria colossalmente os meus projectos. Por pouco me enganei. Passados alguns dias, apresentei-me de improviso em casa do conselheiro.

A governante introduziu-me sem difficuldade, como um conhecimento antigo. Oh magnifica ventura!

Antonia estava sentada ao pé de Krespel, tranquillamente occupada a dispor ordenadamente as peças d'um violino que o conselheiro desmontára. Antonia era uma d'estas creaturas ideaes, d'uma pallidez terrivel, que parecem animadas apenas por um halito de vida.

Ao vêr-me as faces rosaram-se-lhe fugitivamente; depois tornou-se branca, como uma estatua alabastrina. Contra a minha expectativa, o conselheiro não me pareceu contrariado vendo-me com tal companhia. Mostrou-se d'uma cordialidade e lhaneza que contrastavam singularmente com a reputação de tyrannia que o cercava. Conversei muito familiarmente com elle e com Antonia, sem que elle denunciasse a minima sombra de mal estar ou impaciencia; e quando as conveniencias me inspiraram a idéa de terminar a visita, teve a extrema bondade de me dizer que sempre me receberia com a mais intima satisfação. Cahi das nuvens, comparando este homem com o lugubre retrato qne d'elle me tinham feito; mas senti a necessi-

dade de ser discreto e disfarçar escrupulosamente a minha assiduidade, para não offerecer aos curiosos ou vadios o alimento de supposições compromettedoras. Krespel era d'um humor desegual, inconsequente, e por mais d'uma vez tive de soffrer-lhe as venetas.

Mas a suprema ventura de estar com Antonia compensava-me amplamente todos estes dissabores. Uma noite, achei-o d'uma jovialidade grande, communicativa. Acabava de desmontar um velho violino de Cremona, e de descobrir-lhe na estructura combinações altamente interessantes para o progresso da arte musical. A nossa conversa veiu discorrendo sobre os mais celebres *virtuoses* da epoca; e eu para lisongear Krespel, não hesitei em me collocar á frente dos genios que tentam operar maravilhosas revoluções nos processos da instrumentação e na arte do canto.

(Continúa).

OLIVEIRA RAMOS.

QUADRAS

O brilho d'uma estrella aerea e casta
Que um grande poema luminoso encerra,
Dizem os sabios que ás vezes gasta
Annos e annos a chegar á terra.

Porém a luz vibrante, encantadora,
Do teu olhar, creança estremecida,
Pódem correr tres seculos, que embora!
Nunca me ha de illuminar a vida!

(Das Rythmicas.)

EUGENIO DE CASTRO.

GONZAGA

Que dôr! Crescer, abrir-se
D'esperanças opulento,
O espirito sedento
De gloria e de ventura;
Passar a infancia, triste,
Lidando em tenra edade,
Entrar na mocidade,
Já velho na amargura;

Gastar as longas noites
Do inverno humido e frio,
Travando o desafio,
A lucta com o destino;
Sentir no peito a força,
Na mente, accesa a chamma,
Que em torno lhe derrama
O seu clarão divino;

E um dia, quasi ao termo
Chegar de tanta lida,
A praia appetecida
Já proxima avistar,
Quasi a saltar do lenho
Vencendo a travessia,
E... subita agonia
Fazel-o naufragar!

Achar-se de repente
No denso nevoeiro
Captivo, prisioneiro,
Nas trevas da razão;
E andar sem rumo, errante,
Estranho, allucinado,
Fugindo desvairado,
Por entre a multidão!

Pois quem se não recorda
De o vêr passar inquieto,
E a mãe — o santo affecto
Seguindo-o — a sem ventura!
Sempre na doce esp'rança
Que alenta quando chora,
De vêr raiar a aurora
N'aquella noite escura!

Passou-se o tempo. A martyr
Orou em vão... Do filho
No tôrvo olhar sem brilho,
A aurora não rompeu
Então, no estreito albergue,
Envolta da miseria
Na tunica funerea,
Emfim... adormeceu!...

Ao vêl-a inerte, o filho
Fitou-a silencioso...
Em breve, pressuroso,
Dos prados no matiz
Corria, alheio a tudo,
Na rapida carreira;
E, pela vez primeira,
O louco era feliz!...

Era já morta aquella,
Cujo sentir profundo
É tudo quanto o mundo
De heroico e bello tem;
E duas vezes orphão,
Ditoso na loucura,
Ignora a desventura
De ter perdido a mãe!
.....
.....

É sempre o mesmo! á tarde,
Constante na romagem,
Pendida, solta á aragem,
A capa fluctuante,
Caminha mudo, absorto,
Entregue a ignoto sonho,
Mais triste ou mais risonho,
O misero estudante!

Sombrio, cabisbaixo,
Olhos no chão, cahidas
As mãos emmagrecidas,
Passeia des'd'aurora;
Esfarrapado e pallido,
Cabellos desgrenhados,
Nos labios desbotados
Um riso que apavora!

Ao tempo em que a existencia
Lhe promettia tudo
Que dão talento e estudo
A quem trabalha e espera,
Batina e capa tinham,
No peito seu, encanto
Que, após martyrio tanto,
Ainda n'elle impera!

Devia ser-lhe purpura,
E é lugubre mortalha!
Na rispida batalha
Venceu a desventura...
Assim vestido, lembra-nos,
Nas pompas d'uma festa,
Um quadro, de que resta
Apenas — a *moldura!!*

Coimbra, 28—2—83.

AMELIA JANNY.

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

A ASCENDENCIA DAS AVES

(Conclusão)

Nos terrenos calcareos dos estados occidentaes da America encontramos typos de aves um pouco mais desenvolvidos.

Taes são o *ichthyornis* e o *hesperornis;* ambas estas aves eram grandes, aquaticas, tinham azas tão imperfeitas como as do avestruz actual, a cauda era similhante á do *archeoptero,* e a bocca era armada de dentes de crocodilo.

Estes dentes das aves primitivas foram-se perdendo a pouco e pouco com o andar dos tempos; até que, no *odontoptero,* apenas apparecem como protuberancias irregulares do bico.

Ao mesmo tempo a selecção natural introduzia outras modificações na anatomia do novo grupo de seres.

A cauda do *archeoptero* era pouco propria para servir de leme no vôo; por isso, nos descendentes d'este animal foi-se tornando mais curta e mais larga até adquirir a fórma de leque que tem nas aves actuaes.

Os ossos do peito modificaram-se tambem, as claviculas soldaram-se, o sterno alargou-se e tomou o feitio de uma quilha; formando tudo um ponto de apoio de uma solidez inabalavel para os musculos que tinham de mover as azas.

Tambem não são pequenas as modificações que estas tinham de soffrer para passar da forma rudimentar que apresentam no *archeoptero,* para um aparelho da força d'uma aza d'aguia ou de condôr.

Á medida que foram apparecendo estas modificações, foram morrendo os typos primitivos d'aves, que já não podiam luctar com as formas mais aperfeiçoadas.

Entretanto ainda hoje vivem representantes de um grupo que, n'uma certa epoca, abrangeu todas as aves da terra.

É o grupo a que pertencem o avestruz e o Rasvas da Nova Hollanda.

Este grupo tem azas rudimentares que, quando muito, lhes podem servir de auxilio na corrida, e os ossos do peito não apresentam a disposição especial que, nas outras aves, dá tanta força aos musculos do vôo.

Estas aves encontram-se no estado fossil em todas as partes do globo, e só desappareceram deante da invasão dos mammiferos; o gigantesco *Moa* da Nova Zelandia, por exemplo, só foi destruido pelo homem, e poucos annos antes da descoberta d'aquella ilha pelos Europeus.

Ainda hoje existe o *Kivi* ou *aptero da Nova Zelandia,* cujas azas são completamente atrophiadas e cujas pennas mais parecem cabellos do que outra cousa.

É de animaes similhantes a este que descendem as aves mais perfeitas.

Terminaremos este artigo condensando n'uma formula succinta o resultado d'este breve estudo.

As aves *são simplesmente reptis providos de pennas.*

J. G. de Barros e Cunha.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. — VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. LUIZ DE PORTUGAL

Preço 600 réis

ARIOSTO MACHADO

A LYRA DE CAMÕES

(VERSOS)

Preço 300 réis

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 8 COIMBRA, 1 DE ABRIL DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador—**JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza—Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que, por motivos muito superiores á nossa vontade, só sahiu o n.º 8 do nosso jornal no dia primeiro de abril. Esperamos que no futuro sahirá com toda a regularidade. O anno terminará, por isso, no dia 15 de dezembro.

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despezas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra—100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal—anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil—assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios—cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O primeiro numero da «Eschola», publicação de Braga. Agradecemos.

PÉTALAS—Poesias do Sr. J. d'Oliveira Tavares Junior. Custam 500 réis.

NOVIDADE LITTERARIA

Devem sahir brevemente a lume as seguintes obras:

QUEIROZ RIBEIRO

LYRISMOS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor—Coimbra

O PANORAMA CONTEMPORANEO

N.º 8 COIMBRA, 1 DE ABRIL DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

O PULPITO DE SANCTA CRUZ

(Ao Doutor Antonio Candido)

No 3.º volume d'uma revista interessante publicada ha annos sob a direcção do habil archeologo o senhor Simões de Castro—o *Panorama photographico,* insere o senhor Alves de Mariz um breve artigo sobre o pulpito de Sancta Cruz, em que interpreta por esta fórma os symbolos que o adornam:

«No começo da base está uma hydra alada com sete cabeças, tendo os collos admiravelmente enlaçados uns nos outros. É um symbolo dos sete peccados mortaes, terrivel veneno inoculado na humanidade pela serpente da tentação, cujo antidoto o orador sagrado do alto da tribuna evangelica ensina a applicar, para se curarem as feridas mortaes, abertas por tão astuto inimigo. Mais acima vê-se um outro symbolo. Ferem a attenção do observador curioso cinco sphinges que representam a passagem da alma humana do estado do peccado para o da graça. Quasi na maior altura da base correspondem ás sphinges outras tantas cabeças de cherubins perfeitamente esculpidas. Esta metamorphose gradual das imagens na bacia do pulpito significa com muita belleza o aperfeiçoamento successivo da alma humana no caminho das virtudes christãs, devido á sancta influencia da instrucção evangelica. Os intervallos são ornamentados com frisos, arabescos e cordões dos mais graciosos lavores.

O pulpito propriamente dicto tem, como já dissemos, quatro faces eguaes. N'estas vêem-se em elegantes nichos os quatro Doutores da Egreja sentados em cadeiras. Nas duas faces voltadas para o cruzeiro estão S. Agostinho mitrado sustentando com as mãos um templo, e S. Gregorio Magno de tiara pontificia e com um livro na mão esquerda. Nas outras vê-se S. Jeronymo com chapeu cardinalicio e tendo aos pés um leão, e S. Ambrosio tambem mitrado. Ambos têm um livro na mão esquerda.»

Para completar a explicação juncta o senhor Mariz os seguintes dados: que as cinco arestas do meio prisma octogonal têm duas ordens de nichos sobrepostos, tendo na metade superior as estatuetas que representam a religião e as quatro virtudes theologaes; e inferiormente, em correspondencia, o propheta rei e os quatro prophetas maiores — Isaias, Jeremias, Ezechiel e Daniel.

Os dois baldaquinos centraes são encimados pelos symbolos manuelinos — a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, com que o monarcha faustuoso carimbou todas as construcções do seu reinado.

Um hespanhol, já morto e dado a estudos d'este genero, o senhor Luiz Vermell e Busquets, n'um pequeno opusculo a proposito do pulpito de Sancta Cruz declara-se o decifrador d'alguns dos symbolos que exornam esta obra prima, e chega quasi a consignar privilegio d'invenção por ver na hydra heptacephala que remata a misula a imagem dos sete peccados mortaes.

O alarido que o fallecido archeologo faz da descoberta parece despeito. O hespanhol tinha na gaveta seis volumes de *Viagens* que a posteridade teve a felicidade de não ler.

No sexto volume consignava elle a descoberta: e muito naturalmente propalou-a. O senhor Alves Mariz, tendo de descrever o pulpito, consignou naturalmente a interpretação da hydra; e, ou pelos seus conhecimentos de symbolica, como theologo, ou por uma suggestão de Vermell, succedeu coincidirem as duas interpretações. Foi quanto bastou para que o despeito do hespanhol explosisse em mais d'um ponto. Busquets ora emenda o senhor Mariz, ora o completa. Diz por exemplo que as cinco figuras superiores das arestas representam S. Helena e as sibyllas ou mulheres biblicas, e não a Religião e as quatro virtudes theologaes. As razões que apresenta são de ordem puramente symbolica e theologica: não entro na sua apreciação por superiores á minha intelligencia, muito arredada de divagações celestiaes.

Parece-me razoavel um dos reparos de Vermell. Nota elle o anachronismo de estar um dos prophetas vestido d'armadura de ferro, com um manto no gosto medieval. Ao archeologo parece-lhe que a estatueta antes representa Affonso Henriques, fundador do templo. Atrevo-me a perfilhar a opinião de Vermell, por ser coisa profana, e, além de profana, verosimil.

Os quartos de circulo superiores ás pilastras têm varios bustos: o de um papa, o de Lucrecia, um busto que talvez seja o do auctor do pulpito e o de Marco Aurelio, *por lhe faltar pouco para ser christão,* diz o hespanhol.

Eu dou tudo isto pelo preço: mas acho completamente inverosimil e absurdo que o auctor se collocasse intrusamente n'uma galeria historica, onde estava Lucrecia, sabendo que Tarquinio não era para graças. Mas o despeito do hespanhol vai explosir sem ambiguidades. Diz o homem:

«No corpo circular do pulpito vêem-se cinco chymeras e não esphinges *como alguem escreveu,* pois que as esphinges representam-se em fórma de quadrupedes com cabeça e peitos de mulher, nunca porém ataviadas como alli se vêem as dictas chymeras.»

Depois o hespanhol combate a idéa de que as chymeras representem alguma coisa mais do que um simples ornato, o que vai ainda de encontro ao senhor Mariz, que viu n'ellas a transição de dois estados da alma, por motivos extranhos á minha competencia profana, ou, melhor dizendo, á minha imcompetencia sagrada.

Até aqui a descripção do pulpito: vejamos agora as duas questões que tem suscitado:— qual o seu auctor? qual o seu estylo?

Declaro muito francamente que acho insignificante a primeira questão. O orgulho nacional, que ainda hoje reponta em militares antigos e nos compendios de chorographia, seria incentivo em alguns para destrinçar o problema. Mas o senhor Vilhena Barbosa no undecimo volume do *Archivo Pittoresco* e antes d'elle e depois d'elle outros archeologos eminentes e incansaveis, desilludiram-nos a esse respeito.

O pulpito de Sancta Cruz, que no fundo é uma obra decorativa, architectonica, adornada com estatuetas, baixos relevos e animaes phantasticos que não fazem objecto da zoologia, é indubitavelmente uma obra estrangeira.

Os tumulos de D. Constança, D. Ignez de Castro e D. Pedro 1.º, o mosteiro de Belem, as capellas imperfeitas da Batalha, o convento de Christo em Thomar, são producções artisticas que revelam tanto a magnificencia da nossa architectura, como a imperfeição da nossa estatuaria. Ora todo o trabalho d'esculptura do pulpito é d'uma perfeição contradictoria com o que temos feito no paiz.

O pulpito é obra estrangeira e o seu auctor é francez ou italiano — é pelo menos entre estas duas affirmações que vacilla a opinião dos archeologos.

Ainda não ha muito que o mallogrado e eminentissimo archeologo Filippe Simões optava, n'uma conferencia, pela primeira opinião, attribuindo o pulpito a Jean de Rouen, o esculptor francez que, segundo o testemunho de Mendanha veiu a Portugal, por ordem de D. Manuel, reedificar o templo junctamente com *Maître Nicolas*, Jacques Longuin e Uduarte.

O senhor Vilhena Barbosa optou pela proveniencia italiana. Seja como fôr, o facto é que se ignora quaes fossem os auctores das tres obras primas que temos na architectura, na esculptura em madeira e na esculptura em pedra — o convento da Batalha, conjecturalmente attribuido a Affonso Domingues, o retabulo do altar-mór da Sé Velha e o pulpito de Sancta Cruz. Isto evidenceia bem a negligencia dos nossos antepassados, bonacheirões em assumptos d'arte.

Os chronistas e massadores móres d'este reino não recuaram diante da prolixidade medonha de enumerar os incidentes minusculos com que sobredouraram a galeria dos nossos monarchas e dos nossos frades: mas dedignavam-se de consignar nos alfarrabios que nos legaram as tentativas mais brilhantes que se fizeram no paiz para levantar a arte que elles não comprehendiam.

Mas vamos ao problema que mais interessa: que estylo accusa o pulpito de Sancta Cruz? Que eu saiba, apenas tres opiniões se têm levantado: a do conde A. Rackzinsky, a do senhor Vilhena Barbosa e a dos que pretendem que seja um documento do estylo nacional conhecido pela designação de *manuelino*. A opinião do conde A. Rackzinsky, de que o pulpito denuncia o mais puro estylo gothico, está completamente posta de lado como profundamente erronea. De gothico, o pulpito apenas tem os baldaquinos vasados de surprehendente execução, que embellecem as arestas. Esta é a opinião do senhor Vilhena Barbosa, que nos parece justa. As outras duas opiniões foram numerosamente partilhadas pelos archeologos. Quanto a nós, a opinião de que o estylo do pulpito é manuelino está naturalmente collocada de parte por todos os motivos.

A feição dominante do estylo manuelino é a da grande agitação da epocha que reflecte — epocha de lucta e grandeza, de movimento e aspiração. Acha-se estampada na pedra em todos os monumentos que a munificencia d'um monarcha abastado e feliz levantou sobre o solo portuguez: insinuou-se nas filigranas e arabescos mais imbricados e subtis que se entretecem graciosamente nos pratos e gomis da ourivesaria portugueza do seculo XVI.

A este proposito nada mais bellamente escripto do que a descripção d'uma das salas da exposição ornamental, feita n'um livro interessantissimo pelo fallecido Augusto Filippe Simões.

«Entre, meu amigo, na sala M, examine os grandes exemplares da ourivesaria religiosa alli expostos, e diga-me se plausivelmente se póde contestar a existencia de um estylo nacional, proprio do seculo XVI, e gerado e desenvolvido nas mesmas condições que produziram a architectura denominada *manuelina*. Na ourivesaria, porém, o estylo affirmou-se, individua-

lisou-se mais que na architectura. Parece que o genio dos artistas, menos ligado á observancia das regras estabelecidas e á imitação dos modelos, podia expandir-se mais livremente em creações tão imaginosas como originaes.

«A profusão de ornatos e de figuras que se entrelaçam e atropellam, que não destacam bem umas das outras, pela falta de vazios intercalares, a fórma convencional das arvores, a imaginosa e exaggerada phantasia dos monstros e chymeras caracterisam estas obras notaveis da ourivesaria portugueza na primeira metade do seculo XVI.» E mais adiante:

«A primeira impressão, ao contemplar uma d'estas obras, é confusa e vaga. Depois a vista começa a distinguir as particularidades do intrincado conjuncto: anjos, patriarchas, guerreiros a pé e a cavallo, reis, chymeras, tendas, castellos artilhados e guarnecidos de mosquetes, escadas de assalto, canos com provisões de guerra, luctas, caçadas, arvores, ramagens, ornatos de toda a especie.

«Ás vezes o mar povoado de galeões e monstros marinhos; deuses fabulosos e sanctos do calendario romano; a par com a mythologia o christianismo; junctamente com os medalhões da renascença os velhos ornatos gothicos. É a historia da epocha, escripta no metal; são as idéas que inspiraram Camões influindo da mesma sorte na imaginação dos artistas.» E por fim:

«Para os portuguezes do seculo XVI viver era luctar, luctar com o oceano, com as tempestades, com os homens, com os animaes. A lucta, portanto, a feição proeminente dos costumes, tornava-se o assumpto predilecto dos artistas.» Não é difficil ver accentuada n'estas palavras duas affirmações, mais ou menos explicitas. A primeira é que tivemos um estylo nosso, autonomico, inspirado directamente nas circumstancias extraordinarias que o produziram: a segunda é que esse estylo, esse movimento artistico, sem detrimento da sua originalidade e autonomia, não pode por fórma alguma subtrahir-se ao influxo immenso da Renascença, essa encantadora efflorescencia que brotou do espirito sombrio, tenebroso e mystico da meia edade, como um sol de inverno. O que define a tendencia artistica d'esta crise é a mescla erudita e emmaranhada de todas as fórmas antigas, a exhumação miraculosa da arte extincta feita á voz d'um novo Christo que resuscitasse o Lazaro pagão. Este pulpito de Sancta Cruz, como os Luziadas, desde a misula ao balcão tem buriladas e enlaçadas todas as velhas civilisações. A Grecia pela mythologia, Roma pelos seus imperadores, pelos papas, o paganismo nos seus grandes luminares, o christianismo nos seus sanctos, no seu espirito, tudo se entranhou na pedra pelo cinzel do imaginoso artista desconhecido. Os petrechos da lucta maritima, da caça, da navegação, que constituem o sainete, a graça, o realce da fórma manuelina, tudo alli falta. De manuelino, o pulpito apenas tem a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo. Da Renascença tem tudo o mais. Mas ha uma razão ainda de ordem puramente esthetica, que nos impelle a acceitar o feitio artistico d'este primoroso rendilhado como de pura Renascença. Esse motivo é um corollario do que temos dicto e resalta do conflicto d'estas duas affirmações — a originalidade d'um estylo architectonico portuguez e ser o pulpito de proveniencia extranha. Embora pareçam contestaveis a mais d'um archeologo erudito, para nós a originalidade d'um estylo portuguez é uma convicção arreigada e consciente. A architectura, segue nos seus grandes periodos, as agitações colossaes que precedem e acompanham a consolidação das nacionalidades, ou o latejar da sua hegemonia. Garrett, o impeccavel dramaturgo teve d'esta verdade uma intuição definida quando escreveu:

«Eu creio seguramente que se podem marcar cinco epochas d'arte em Portugal, cujos estylos estão bem caracterisados em seus diversos monumentos. O primeiro o affonsino ou quasi gothico; o segundo o joannino ou quasi normando; o terceiro o manuelino, propriamente portuguez; o quarto o philippino ou da restauração classica; e o quinto finalmente o moderno.

«Do novissimo, que poderia marcar uma sexta epocha, temos poucos exemplares, e não vem para aqui fallar d'elle.

«O claustro de Belem pertence incontestavelmente á terceira epocha ou estylo, o manuelino. Bem como a egreja d'aquelle mosteiro, elle ata e infeixa com suas inredadas laçarias todos os generos de architectura, confundindo as tradições gothicas e as reminiscencias classicas, a simplicidade normanda e a luxuriante riqueza moirisca.

«Domina porém sobretudo um pensamento nacional e proprio, uma idéa de grandeza, de elevação e de enthusiasmo, que geralmente caracterisam aquella epocha desde os ultimos annos de D. João II, no glorioso reinado de D. Manuel, no de seu filho, e até o fim dos heroicos e malfadados arrojos de D. Sebastião.»

Vê-se portanto que aos periodos mais importantes do nosso drama historico correspondem as culminações da architectura portugueza. A conquista do territorio e a expansão do nosso genio maritimo, os dois movimentos mais energicos e autonomicos da nossa raça, geraram os dois systemas de condições aptas para a producção de dois estylos nacionaes. Sendo assim, uma obra d'arte extrangeira como o pulpito de Sancta Cruz, a ser feita no estylo manuelino, só poderia ser o que não é — uma imitação. Este pulpito é pelo contrario uma obra distincta, nitida e sincera; a imitação nunca produz obras primas, amalgama *pastiches*.

É um capitulo aberto em pedra, cheio de erudição, de citações gregas e romanas, com umas graciosas reminiscencias mythologicas; aberto em pedra, mas com pulso leve e destro, pulso de estylista elegante e aristocratico para o qual não ha mysterios na linguagem impenetravel do marmore.

Oliveira Ramos.

BRANCA

Depois de sustentar que este seculo vai arrefecendo os corações, Julio insistiu em que, não obstante, ainda existem amores sinceros, ideaes; e, como prova, contou-me a historia de Branca.

«No seu recato de virgem, Branca ficou espantada ao ver o gato da visinha. O gato era valente e bonito; e nos seus grandes olhos circulares transparecia uma bondade rara.

Quem não gostaria de Branca? Era tão esperta e sensivel, que, ao mais insignificante olhar de reprehensão, se accommodava immediatamente, amuada, pezarosa; e ao mais leve signal d'alegria saltava-me aos hombros, e, com a sua pequenina cabeça d'arminho, dava-me turras amigaveis, d'uma delicadeza extrema. Eu era verdadeiramente doido pela minha Branca. Amava-a tanto! Não o imaginas!

Quando dormia mais tempo que o necessario, ella — vê como era fina, percebia-o logo;

e comsigo pensando talvez: «Que preguiçoso!» — saltava-me acima da cama, batia-me com a mãozinha no nariz, puxava-me pelo cabello, e ás vezes até a brejeirinha tentava descobrir-me. Logo que me via a pé, dirigia-se-me á banca d'estudo, mexia-me nos papeis, bulia-me nos livros, como se dissesse: «Estuda, cábula!» á similhança do escravo que bradava: «Dario, lembra-te dos athenienses!»

Branca, não lhe leves isto a mal, era curiosa; portanto, quando alguem me visitava, ella apparecia sempre. Ás vezes era um massador que me vinha alongar o tempo. Ella, presentindo-o com a peculiar finura das femeas, assentava-se n'uma cadeira, fitava o impertinente com um tal olhar d'enfado, que, podes crel-o, muitos, não podendo resistir ao incommodo causado por aquelles brilhantes olhos verdes enfastiados, se retiravam mais cedo do que teriam supposto. D'outro modo procedia, sendo amiga a pessoa que me falava. Com toda a semcerimonia assentava-se-lhe nos joelhos, puxava-lhe pelo fato, corria, saltava, pondo tanta graça nos seus movimentos, que ninguem deixava de fazer-lhe festas.

Branca, a minha linda gata, retribuia-me com largueza a amizade que eu lhe tinha. Esta amizade não diminuiu depois de ver o gato da visinha, de com elle ter relações e, por fim, depois de se amarem.

Que deliciosos dias de ventura, de amor, de poesia não passaram Branca e o gato, em cujos grandes olhos circulares transparecia uma bondade rara? Quem sabe? Talvez ainda hoje vivesse Branca, se não tivesse sido tão rigoroso aquelle inverno em que ella adoeceu, a ponto de não poder sahir da pequenina cama, fôfa, agasalhada. Tinha, doente, gemidos que me compungiam; e no seu olhar amortecido pairava um mixto de resignação e tristeza.

N'uma sombria tarde d'aquelle inverno rigoroso, uma chuva miuda cahia enlameando as ruas. Uma restea de luz, coada pelos vidros baços d'uma janella, ia bater n'um espelho, que n'aquella occasião estava assente no sobrado e encostado a uma das paredes. Eu trabalhava no meu gabinete, quando um sentido *miau!* da minha pobre Branca me surprehendeu: era ella que, presentindo a morte, vinha dizer-me o adeus derradeiro. A doença tinha-lhe enfraquecido a vista: de sorte que, olhando para o sitio onde estava o espelho e não reconhecendo a imagem, correu para ella, na persuasão de que era o gato da visinha. A enorme violencia do esforço empregado matou Branca, deixando-a estirada juncto do espelho, com a bôcca unida á fria superficie do vidro. E Branca e a sua imagem pareceram-me duas irmãs gemeas dormindo.»

Lopo de Castro.

EPOPEIA DO CALVARIO

Ao Sr. Camillo Castello Branco

I

A Annunciação

Vinha morrendo o dia... Tristemente
Adejava no azul illimitado
A lua merencoria e transparente.

No seu catre virginio e delicado
A loira virgem suspirava, emquanto
Agonisante, rubro, illuminado,

O sol gemia o derradeiro canto
D'essa epopeia tragica e sombria
Toda inundada d'um funereo encanto.

N'isto, eis que a Virgem, desmaiada e fria,
Vê um anjo de fulgida belleza,
Dizendo-lhe baixinho: «Ave, Maria.»

Cheia de mêdo e susto e tibieza,
Esconde a sua fronte no cabello
Tomando uns ares de casta singeleza.

O anjo então ao ver-lhe o rosto bello
Aonde não pairava nem sequer
Uma sombra, lhe disse com desvelo:

«Deus é comvosco, timida mulher,
«Bemdito seja pois, lyrio nevado,
«O fructo que teu seio conceber.»

E a virgem com seu labio desmaiado,
Da lua cheia ao pallido fulgor,
Repetia no catre immaculado:

«Seja feita a vontade do Senhor.»

EUGENIO DE CASTRO.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

ANTONIA fixava sobre mim os seus grandes olhos, cheios d'uma animação extraordinaria. De repente, como se uma sensação electrica a convulsionasse, levantou-se, correu ao cravo, abriu-o e eu julguei que ella ia executar pela segunda vez aquella musica fascinadora cuja recordação fazia sonhar os que a ouviam. Mas Krespel precipitou-se sobre Antonia, puchou-a violentamente para traz, arrancando-a do cravo; depois, voltando-se para mim, o olhar incendiado e as feições crispadas, atirou-me com uma voz estridula estas palavras inesperadas: — é tarde, meu caro senhor, e a escada é bastante escura para que possa partir o pescoço sem intervenção do diabo; faça-me pois, o favor de sahir e de não tornar a pôr aqui os pés!...

Um raio, que cahisse a meus pés, não me teria causado maior estupefacção do que este inexplicavel incidente. Expulso á vista de Antonia, que nem se quer fizera um gesto ou proferira uma palavra para me reter ou acalmar o extraordinario accesso de irritação, cujas consequencias o pai me infligia sem motivo; banido da presença d'uma filha adorada por quem me julgava amado; exposto ao ridiculo desde que se espalhasse aquella aventura, hesitei no que deveria resolver! No dia seguinte tomei o unico partido que podia acalmar a dôr que me alanceava. Abandonei a cidade de H***, jurando não tornar a apparecer alli. A ausencia e o tempo curaram-me lentamente. A imagem de Antonia, apagando-se das minhas recordações, adormeceu no fundo da minha alma como uma explendida visão, cuja realidade me não preoccupava já.

(Continúa.)

OLIVEIRA RAMOS.

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

O SOL, ORIGEM DA VIDA

Na natureza nada se cria e nada se perde. Ha apenas transformações.

A planta germina e cresce, haurindo a seiva nos meios que a cercam, expande-se, abrindo as corollas perfumadas para receber os beijos calidos do sol de abril e, por fim, definha e morre, cedendo os elementos que havia bebido pelas raizes no seio da terra e pelas folhas na atmosphera que a vivificara.

O projectil, arremessado no espaço, vai abrindo passagem por entre as moleculas do ar, a que communica uma parte da sua velocidade, até que, obedecendo constantemente ao seu peso, toca a terra, o alvo, despedaça o obstaculo, aquecendo-o e aquecendo-se — uma manifestação do movimento de que ia animado.

E a força impulsiva, gerada pelo calor que decompoz a substancia explosiva, transforma-se assim em novo calor e em movimento. O ar agitado produz o ruido que vai repercutir-se nas quebradas dos montes até se extinguir em murmurios que lentamente se diffundem na immensa vastidão do espaço.

A vida é um incessante gyrar de elementos nos laboratorios da natureza. Alli circulam continuamente, decompondo-se e recompondo-se até chegarem ao mesmo ponto como já alli haviam passado.

É n'esta circulação ingente que a planta desapparece para apparecer o animal e que este se decompõe para dar logar á planta. É n'este circulo tambem que o calor produz essa multiplicidade de movimentos que por sua vez se transformam para dar existencia a novo calor.

Mas esta energia enorme, que alimenta a vida da natureza, precisa d'um *quid* que a entretenha, necessita d'um operario athletico que alimente os fornos dos seus vastissimos laboratorios.

Esse operario é o sol.

A sciencia, a fada dos tempos actuaes, que emprestou a sua vara prestigiosa a Gallilêo, Kepler, Papin, Arago e Edison para levantarem os grandes monumentos da civilisação moderna, despiu o sol dos seus attributos divinos, para apresental-o aos olhos dos novos crentes como a fonte inexgotavel onde se alimentam ha milhares de seculos todas as energias terrestres.

Se o sol já não é o Deus perante quem o idolatra se curva reverente a dedicar-lhe fervorosas orações quando elle desponta a illuminar as cumiadas, é comtudo o motor ingente que o sabio sauda como origem fecunda de todas as potencias mechanicas.

Se com mão profana lhe arrancou o manto sagrado, intangivel para o ignorante, e lhe estudou a constituição, o mediu e pesou; se, finalmente demonstrou que nos proprios deuses ha manchas, nem por isso deixa de prestar-lhe culto como arbitro do nosso systema planetario, como origem da vida.

Admira-o; porque sem elle teriamos o chaos, trevas horrorosas, n'uma palavra, a morte dominando irresistivel.

Mas o que tem custado esta mudança nas ideias, — a superstição substituida pela verdade!

Que o digam os martyres do progresso.

Embora, a verdade ha de por fim prevalecer. É por isso que, depois da condemnação de Gallilêo, como impio, por ir de encontro á opinião de Josué, que mandou parar o sol, aquelles que o accusaram, desculpam agora a ignorancia do heroe das escripturas pela ignorancia d'aquelles a quem fallava. É por isso tambem que elles alargam espantosamente os dias da epocha genesiaca para porem d'accordo a chronologia mosaica com os dados irrefragaveis da sciencia moderna.

Variam as interpretações da Biblia com o tempo em que são feitas!

Mas voltemos ao nosso assumpto, mostrando que o sol é origem do movimento.

(Continúa.)

A. Rodrigues Nogueira.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — BRAGA: Antonio Telles de Menezes. — GUIMARÃES: Teixeira de Freitas. — LAMEGO: Luiz Pinto Machado Torres. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira. — VILLA MEÃ: José Leite Cabral. — ALMEIRIM: Anselmo Antonio dos Santos. — VILLA DE NORDESTE: José Antonio de Medeiros. — VELLAS DE S. JORGE: O sr. Director do correio. — ANGRA DO HEROISMO: Viuva A. Gull. — VILLA DA CALHETA: João Forjaz Pacheco. — BRAGANÇA: Albino Leão. — ALCOUTIM: Manuel Antonio Affonso. — ALEMQUER: Fernando da Luz Mesquita. — FAFE: José Lopes. — SERPA: Baptista Diniz.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(Á Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

MERCEARIA E TABACOS

4, 5 — Largo da Feira — 6

COIMBRA

Grande sortido em assucar, chá, café, arroz nacional e estrangeiro, massas de todas as qualidades, bolachas, chocolates finos, gommas finas de Lisboa, brancas e aniladas, sabão, azeite, papeis para escrever, vinhos do Porto, e muitos outros artigos que se vendem por preços commodos.

N.º 9 COIMBRA, 15 DE ABRIL DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario e administrador — **JOSÉ LUIZ DA COSTA**

Escriptorio da Empreza — Rua de Ferreira Borges, 231 a 237

EXPEDIENTE

Esperamos que os nossos estimaveis assignantes e correspondentes nos auxiliem n'este empenho, enviando-nos a importancia das assignaturas, para podermos costear as grandes despezas que somos obrigados a fazer e não lhes ser interrompida a remessa do jornal.

Para Coimbra — 100 réis no acto da entrega de cada numero.

Para as outras terras de Portugal — anno ou 24 numeros, 2$400 réis; semestre ou 12 numeros, 1$350 réis; trimestre ou 6 numeros, 750 réis; numero avulso, 200 réis.

O pagamento deverá ser feito no acto da entrega do 1.º numero.

Para o Brazil — assignatura realizavel só por um anno, 7$200 réis fracos.

AVISO

Todos os individuos que desejem assignar ou ser correspondentes do *Panorama Contemporaneo*, poderão dirigir directamente seus pedidos ao Administrador em Coimbra, ou ao sr. Guilherme M. Cavalleiro, 146, rua do Moinho de Vento, Lisboa. Este sr. acha-se auctorisado pela Empreza a tractar com os srs. assignantes, livreiros e correspondentes qualquer assumpto relativo á nossa publicação.

Annuncios — cada linha 20 réis.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras com a percentagem de 20 % ou com um numero gratis por cada cinco assignaturas pagas adeantadamente.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O primeiro numero da «Eschola», publicação de Braga. Agradecemos.

PÉTALAS — Poesias do Sr. J. d'Oliveira Tavares Junior. Custam 500 réis.

NOVIDADE LITTERARIA

Devem sahir brevemente a lume as seguintes obras:

QUEIROZ RIBEIRO

LYRISMOS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

RYTHMICAS

(Um elegante volume de versos com o retrato do auctor)

Preço..... 600 réis

J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

EUGENIO DE CASTRO

Acabam de sahir á luz

CRYSTALISAÇÕES DA MORTE

(Versos)

Preço..... 100 réis

Todas as requisições devem ser feitas a J. L. DA COSTA, Editor — Coimbra

ANNUNCIOS

GUILHERME MELCHIADES

LISBOA

Encarrega-se de encommendas de todo e qualquer artigo á venda em Lisboa ou no extrangeiro, mediante pequena commissão — Descontos de letras e cobranças de dividas — Compra de papel bancario sobre o extrangeiro ao cambio do dia — Representação na capital de negociantes e fabricantes das provincias do paiz.

Escrever, franco de porte, a — *Guilherme Melchiades* — LISBOA.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JOÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(A Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas de linho e algodão, flanellas, baetilhas, riscados, brins, lenços d'algodão, bretanha de linho e seda. Chalaria, mantas, laços de cambraia e seda. Ruges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

A. S. SOUSA

PHOTOGRAPHIA ACADEMICA CONIMBRICENSE

RETRATOS INALTERAVEIS EM CHROMOTYPIA
DESDE MINIATURA AO TAMANHO NATURAL

4 — Rua do Museu — 4

Cartão de visita, doze.	3$500
» » seis.	2$000
» album, doze.	9$000
» » seis.	4$500
Em tamanho natural.	18$000

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

N.º 9 COIMBRA, 15 DE ABRIL DE 1884 1.º ANNO

O PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

CÔRO DO CONVENTO DE LORVÃO

Depois da vista geral de Lorvão e do claustro do mesmo mosteiro, acompanhados de valiosos escriptos do nosso amigo o senhor Rodrigues Nogueira, apresentamos hoje uma phototypia representando o côro da Egreja d'aquelle convento.

É a joia de maior valor artistico que se acha perdido entre aquellas serranias majestosas, *intra-muros* do convento em ruinarias, por cujos claustros passou já a imagem sympathica e gentil de D. Branca, a infanta mystica, em cujo nome o visconde d'Almeida Garrett encontrou assumpto para um poema inteiro.

O côro, situado no mesmo pavimento da egreja, e separado d'esta por um portão de ferro, constellado de finissimos arabescos de bronze, consta de cem cadeiras de páu preto, cobertas lateralmente de lavores d'uma execução magistral, e encimados por baixos relevos d'uma finura que extasia e prende, e que já pela delicadeza dos mais pequenos detalhes, já pelo bem traçado das imagens, fazem lembrar os artefactos chinezes que os mais aprimorados cinzeis da raça mongolica apresentam em cofres preciosos de sandalo oriental.

Estes retabulos em miniatura, representam diversas allusões religiosas, artisticamente escolhidas e melhor executadas: ha sobre tudo alguns verdadeiramente assombrosos.

Lateralmente ao portão, que é tambem uma obra magnifica, ha duas portas: uma á esquerda para o claustro; outra á direita communicando com o interior do mosteiro.

Superiormente acha-se o orgão, hoje em decadencia visivel, mas um dos melhores no seu tempo segundo as informações que lá mesmo nos deram.

Alguns paineis a oleo encobrem as paredes.

Simões de Castro, um escriptor muito distincto e correcto, diz-nos algures fallando de Lorvão, que o côro d'este convento «é talvez a obra mais notavel que no seu genero existe em Portugal.»

Aqui tem a minha sympathica leitora a descripção despretenciosa e sem minucias d'esse thesouro artistico, que, admirado detalhe por detalhe, nos captiva, ao passo que nos abysma quando lhe fitamos o todo.

Coimbra, 1884.

Eugenio de Castro.

O VIOLINO DE CREMONA

(DE HOFFMANN)

(Continuação)

III

Dois annos depois viajava eu pelo sul da Allemanha.

A cidade de H*** achava-se no meu itinerario, era-me impossivel evital-a. Ahi pelo declinar do dia, estava eu quasi a chegar lá, quando, de repente, uma oppressão que me difficultava o respirar me obrigou a abandonar a carruagem, para acabar o trajecto a pé. Apenas tinha dado alguns passos, quando ouço um canto suave e triste, por entre o badalar longinquo dos sinos, annunciando-me que um despojo mortal ia ser confiado á terra.

Apressei o passo, como para fugir d'um phantasma.

Palpitava-me que um pedaço de minha alma, da minha vida, acabava de sepultar-se com o morto desconhecido cujos funeraes expiravam. Propellido por uma força irresistivel, dirigi-me machinalmente para casa do conselheiro Krespel. A grade do jardim estava aberta. O conselheiro contorcia-se, como um homem louco de dor, entre os braços de duas pessoas vestidas de lucto, que forcejavam por trazel-o a casa. O vestuario do conselheiro não tinha mudado, apenas tinha no chapeu um crepe negro, e suspenso ao lado, á laia d'espada, o arco da rebeca.

— Meu Deus, pensei eu, o pobre homem endoideceu!

Aproximei-me. Krespel reconheceu-me: Bemvindo seja, disse-me elle, vejo que me não quer mal! Venha, ha de comprehender-me melhor do que esta gente!...

Dizendo-me isto, despediu com um signal as pessoas que o acompanhavam, e arrastou-me, com passo rapido, para o gabinete de trabalho onde todos os violinos estavam dispostos por ordem. Estavam todos cobertos de lucto. Faltava na collecção o violino de Cremona. No logar d'elle estava suspenso um ramo de cypreste.

— Comprehendi!... Antonia!... exclamei dolorosamente. Krespel estava de pé, defronte de mim, o olhar fixo, os braços cruzados no peito.

— Quando ella morreu, disse-me elle lentamente, a alma d'este violino soltou, partindo-se, um som queixoso, e a caixa de harmonia fendeu-se em tres estilhaços. Este instrumento, que ella amava tanto, não podia sobreviver-lhe. Encerrei-o no mesmo tumulo, ao pé d'ella!...

(Continúa.)

OLIVEIRA RAMOS.

SECÇÃO LYRICA

A Nossa secção lyrica tem hoje a visita de dois litteratos de talento: Alexandre da Conceição e Eduardo de Araujo.

A poesia «Salva» foi composta com o fim de ser recitada por uma creança debil e fraca que a medicina disputou gloriosamente á morte, que *sahiu envergonhada* da contenda, para nos servirmos da expressão pittoresca do poeta.

As quadras de Eduardo d'Araujo foram recitadas pelo primoroso e sentido lyrico no sarau ultimamente dado no theatro Academico a favor da Sociedade Philantropica. Tão simples como formosas!

SALVA

A onda do destino
Sobre a praia da vida
Depoz, concha partida,
Meu ser leve e franzino.

Flôr melindrosa e branca,
Que ao frio desfallece,
Que a luz amarellece
E o vento esfolha e arranca,

Eu, pomba perseguida
Pelo falcão da morte,
Tinha perdido o norte,
Voava entontecida.

Da lucta no paroxismo,
Ferida, extenuada,
Arveloa fulminada,
Ia cahir no abysmo

E pallida e sombria
A morte — a mim, tão nova! —
Apontava-me a cova
Humida, negra e fria.

Em volta do meu leito
Os meus, postos de bruços,
Fundiam em soluços
Os ais presos no peito

E branco de luar
Um rosto magoado
Das sombras do passado
Fitava-me a chorar.

Então uma alma forte
Um anjo, um salvador
Mandou calar a dôr,
Mandou sahir a morte

E a morte, fulminada,
Baixou os olhos baços,
Deixou pender os braços,...
Sahiu envergonhada.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

QUADRAS

I

APAGANDO-SE o disco resplendente,
Sobre as ondas do mar o sol desmaia;
Uma a uma rolando docemente
Vem as ondas bater d'encontro á praia.

Como o sol desmaiando sobre as aguas,
Como as ondas rolando pelo chão,
Mergulha o nosso amor n'um mar de maguas
E as maguas vêem bater no coração.

II

O vento está carpindo amargamente
Queixas talvez d'algum astro proscripto,
D'algum astro perdido no infinito
Destinado a chorar eternamente.

Na carreira veloz de fugitivo
Que procura recondita paragem,
N'um soluçar pungente e convulsivo
Arranca as folhas verdes da ramagem.

Como o vento cruel despe o arvoredo,
Ó desalento, de arrancar não canças
Illusões que arreigamos em segredo,
Folhas verdes das nossas esperanças.

III

De um templo derrocado nas ruinas
Brotam flôres de face contristada:
Lirios brancos d'alvura immaculada
Entre as côres modestas das boninas.

E na ruina do esplendor d'outr'ora
É cada flôr agreste que brotou
A perfumada lagrima que chora
Lembranças da grandeza que passou.

Se as nossas esperanças já murcharam,
Brotam n'alma saudades do passado,
Como as flôres agrestes que brotaram
Nas ruinas do templo derrocado.

EDUARDO D'ARAUJO

AS BELLEZAS DA SCIENCIA

O SOL, ORIGEM DA VIDA

(Continuação)

NO inverno, quando a familia se agrupa em volta do fogo na doce placidez das conversações intimas, emquanto as creadas mordem o linho e ateiam as brazas, a chuva saltita pelos telhados em psicatos somnolentos.

É então que as beatas rezam pelos que andam sobre as aguas do mar e a ama conta as historias

ás criancinhas que as ouvem tremendo, abrindo uns grandes olhos limpidos, attentando na narradora, que as tem suspensas dos labios emquanto o vento assobia pelas fendas das janellas, soltando as notas agudas d'esse immortal concerto que a natureza faz variar constantemente.

Ouvem-se lá fóra os arrancos do arvoredo, torcido pelas nortadas, os gritos d'angustia do carvalho despedaçado pelo impulso gigante, e o do tufão, misturados, perdidos no confuso vozear dos elementos em lucta.

O rio, apertado no leito, morde a margem, ulula desesperado, espuma, revolve-se convulso, e juncta as suas notas violentas a este bramir ingente. Tem rugidos roucos, temerosos ao despenhar-se nos abysmos em cataractas nevadas, tem murmurios vingativos quando se contorce ao circumdar a rocha, que pouco a pouco vai alluindo, vai roendo até arrastal-a, precipitando-a no immenso pego que alli já cavára.

E d'esta queda resulta um novo accorde, das profundidades do abysmo sae um rugido enorme que o ar espalha confuso, repercutido, na vasta amplidão do espaço, augmentando esta catadupa de sons.

Dir-se-hia que a natureza teve uma crise nervosa. Agora é mais socegada; apenas de instante um estremecimento, um grande suspiro — mais uma lufada que açoutou os pinhaes, e recahe no silencio.

Apenas se ouve o susurro constante do rio a resvalar por entre a rocha, e o moinho a acompanhar em surdina, movendo-se sempre pelo impulso da agua que espadana nas palhetas e mais longe os martellos d'uma fabrica batendo o compasso ao *pirarem* a lã que revoluteia debaixo d'elles.

E em casa o lume começa a apagar-se, as fiandeiras começam a cabecear, a ama calou-se; e as creancinhas dormem com a cabeça descahida sobre as mãos ageitadas sobre o banco. Sonham com phantasmas, vão-se tornando medrosas, tem medo do demonio, que de pés farpados percorre os campos em noutes como aquella!

Agora que ellas dormem o pezado somno dos innocentes, crendo no que lhes disse a creada: «que o rio tambem dorme duas horas» não os accordemos; mas ámanhã, quando o sol entrar alegre pelas janellas, quando ellas alegres vão saltar para o campo, que parece mais novo, mais viçoso, dir-lhes-hemos, ao voltarem córadas, offegantes depois de correrem atraz das borboletas [1]:

Que se não fosse o ar ellas não podiam viver, morreriam afogadas como os que cahem n'um poço; mas que, se elle não fosse necessario para a vida, correriam mais depressa; porque o ar é um corpo que ellas tem de desviar para caminharem.

Demonstra-se-lhes isto fazendo-as agitar os chapeus para sentirem a resistencia e comparar esta com a que impede que agitemos um páu rapidamente na agua.

Embora o ar se não veja, comtudo é material, é pezado, que se sente quando está vento e quando vimos da rua e entramos n'uma sala agasalhada, aquecida pelo fogão acceso, alli a um canto.

Que o ar se compõe principalmente de dois gazes invisiveis — *Oxigenio* e *azote* e outros corpos taes como *acido carbonico* e *vapor d'agua,* de que mais tarde lhes mostraremos a utilidade. Tem em suspensão outros corpos solidos, visiveis n'aquelles raios de sol que entram nas casas de tecto esburacado. Apontam-se luminosos até se perderem na obscuridade, quando saem do traço direito que o sol descreve do orificio do telhado até ao circulo illuminado que brilha no sobrado.

Hontem quando ellas estavam ao lume, ouvindo as historias, decerto sentiram frio nas costas emquanto que o rosto se lhes afogueava, aquecido pelo fogo; e viram subir aquellas particulas de cinza, misturadas com o fumo.

É que o ar em contacto com o fogo aquecera, augmentara de volume, tornara-se mais leve e subira, emquanto que o ar vinha dos lados para o logar do que havia subido.

Este ar que vinha de fóra é que os fez sentir frio. O ar quente elevara-se, como se elevam os balões de papel que *deitaram* na festa. Sobem pela mesma razão que um páu mergulhado na agua vem á superficie. É mais leve do que a porção d'agua que desloca.

(Continúa.)

A. Rodrigues Nogueira.

[1] Guiamo-nos pelo que escreve A. Geikie, illustre vulgarisador inglez.

DA AGUA COMO AGENTE NATURAL, SUA INFLUENCIA PHYSICA, CHIMICA, ETC.

Entre a multidão dos objectos, que rodeiam o homem na ordem physica da natureza, a agua se lhe apresenta por todas as partes como um dos que mais desperta a sua attenção, excita a sua curiosidade e reclama o seu estudo.

Classificada entre os antigos no numero dos quatro elementos e assim considerada até fins do seculo XVIII [1], é um dos corpos mais profusamente espalhados na natureza; podendo com razão accrescentar-se que ella não é menos essencial á economia do globo, menos necessaria á existencia dos seres, do que o ar atmospherico, o calor, a luz e a electricidade.

Não ha mister de muitos conhecimentos geologicos e mineralogicos, de physica, de chimica e de historia natural, n'uma palavra não ha mister de professar as sciencias que estudam o mundo physico, para conhecer e demonstrar que as aguas têm tido maior influencia do que o fogo subterraneo nas modificações, mais ou menos profundas, que tem experimentado a camada superficial da terra. Sua acção se manifesta claramente e quasi por toda a parte, em quanto que a acção do fogo é limitada a certas regiões, e ahi mesmo apparecem provas incontestaveis da poderosa influencia das correntes. É por isso que Buffon dizia: «*Les eaux courantes, les fleuves, les ruisseaux, la fonte des neiges, les torrents, les gélées ont considérablement changé la surface de la terre.*» Tudo nos leva a crer que as aguas têm successivamente e por varias vezes occupado todos os pontos do globo,

É ás grandes revoluções, que esta incalculavel força tem effectuado sobre a crusta da terra, que se deve a formação dos deltas do Nilo e do Rheno, cobertos hoje de cidades e numerosas povoações. A Hollanda, a Zeelandia e muitos outros paizes, tanto no antigo como no moderno continente, surgiram do seio das aguas e outra origem não têm [2].

Cobre ella a maior parte do nosso planeta [3]; debaixo do nome de mares enche vastas bacias cujo destino é fornecer á atmosphera a humidade necessaria á producção dos differentes phenomenos meteorologicos.

Encontra-se em abundancia sobre a parte solida da terra; entrando pelos continentes, fórma grandes massas, que communicam com o reservatorio dos mares; occupa mais ou menos consideraveis extensões, que a terra circumda por todos os lados; despenha-se em torrentes, que se precipitam do cume das serras; abunda em fontes, que jorram nas faldas das montanhas, e se desenrolam em mais ou menos grossas correntes, que, como outras tantas veias, se repartem em toda a superficie dos valles, para lhes fornecer abundantes elementos fertilisadores; já se esconde em grossas toalhas no seio da terra, que a industria do homem sonda e chama á superficie; já se espalha por todo o globo, por meio de abundantes chuvas, que em todas as estações do anno se desatam da atmosphera, sempre mais ou menos carregada de vapores. É assim que as aguas formam, quando correntes, cursos, a que, em razão do seu maior ou menor volume, posição e força, se dá o nome de torrentes, regatos, ribeiras, rios, etc. Quando immoveis ou estagnadas tomam os nomes de lagos,

---

[1] A descoberta da decomposição da agua é uma das que mais honra fazem á intelligencia e ao assiduo trabalho de alguns distinctos genios. É um achado precioso, um dos triumphos mais brilhantes para a moderna sciencia chimica, que tão notaveis progressos tem feito n'estes ultimos tempos e que tanto tem concorrido para o desinvolvimento das artes, e que tantos segredos tem arrancado á natureza. N'esta importante descoberta trabalharam successivamente Newton, Cavandish, Monge, Lavoisier, Fourcroyt, Séguin, Gay-Lussac, Berzelius, Dulong e Humboldt, os quaes por suas repetidas observações e experiencias dotaram a sciencia com tão util conquista.

[2] *Hist. Natur.* de Buffon, tom. 2.°, pag. 241; Malte Brun *Géographie Universelle*, edit. de 1839, tom. 1.°, pag. 362; Chardon, *Traité du Droit d'Alluvion*, Introduct.; Comte de Portalis, *Cod. Civ. du Royaume de la Sardaigne*, Introduct. pag. 167.

[3] Segundo as observações e calculos astronomicos tres quartos do globo terrestre são cobertos pelo Oceano e suas ramificações com 1000^{m} de profundeza; esta massa enorme de aguas lançadas no espaço formaria só por si um planeta de 1400 kilom. de diametro (350 leguas). Charles d'Orbigny, *Dict. Universel d'Hist. Nat.*, vbo. *Eau*.

pantanos, tanques, etc.; e não é só á superficie do terreno, mas tambem nas suas profundezas, que estes phenomenos se realisam.

As variantes da temperatura dão tambem á agua diversos estados e variadas fórmas; mas, quer no estado solido, quer liquido, quer gazoso, é sempre este elemento de vida e fecundidade a surgir e a diffundir-se em todos os pontos, em todas as regiões do globo. É, como o calor, a electricidade e o magnetismo, uma das forças, que mantêm o equilibrio na ordem physica da natureza, base de existencia, elemento de conservação e desinvolvimento para todos os seres organicos e organisados.

No estado solido fórma um elemento importante na economia do globo; os gelos perpetuos dos polos são-lhe tão essenciaes como os granitos e outras rochas, que servem de base aos continentes e ás ilhas. No estado liquido bem demonstrada deixámos já sua poderosa acção. Os vapores, que debaixo de todas as latitudes e a todas as temperaturas se evolvem da superficie da terra, penetram entre as moleculas do ar como nos poros de uma esponja, produzem as nuvens, as chuvas e muitos outros meteoros aquosos.

Era de certo para muitas paginas o estudo e exame d'esta importante funcção, que a agua representa no nosso planeta, e a influencia, que exerce sobre todos os seres que o habitam. Bastam porém estas noções elementares, estas leves indicações, para conhecermos qual o destino que a natureza assignou ás aguas, para melhor comprehendermos como a sociedade as deve aproveitar, como a legislação se deverá haver com respeito a este precioso dom, que tanto nos prodigalisou.

DA AGUA COMO AGENTE INDUSTRIAL OU ECONOMICO

Considerada como agente industrial ou economico, nenhuma substancia ha mais digna de chamar a attenção do homem; nenhuma offerece mais variados e quotidianos usos.

Em relação á industria extractiva bastará dizer que é no seio das aguas onde crescem e se multiplicam essas raças innumeraveis de peixes, que formam uma das mais importantes fontes da alimentação publica para todas as classes da sociedade, desde o mais abastado até ao proletario mais indigente. Entre esses animaes aquaticos muitos, como a balleia, são colossos ao pé dos maiores, que habitam os continentes, e de seus despojos faz a industria variadissimos usos e uteis applicações. É na agua que se formam as perolas, o nacar, conchas de uma admiravel belleza, e uma infinidade de objectos, que, bem longe de nos serem indifferentes, são de consideravel valor, de preciosa utilidade e estimação[1].

Cresce em importancia, se a relacionamos com a industria agricola[2]; são incalculaveis os recur-

[1] «A pescaria tem até hoje merecido longas e bem fundadas recommendações. Ha mais de dois seculos que as nações maritimas abriram os olhos sobre este ramo de industria, tão interessante ao bem dos particulares, como ao geral da nação. Não precisa ter-se empégado em o estudo do commercio e da economia para entender quanto cumpre fomentar a pesca. Creadora como a agricultura, ella sustenta a pouco custo os artifices e demais obreiros das fabricas e officios, em que é preciso abaratar o trabalho por meio d'uma commoda subsistencia.» — José Bonifacio de Andrade e Silva, *Mem. Econ. da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 2.°, pag. 388. Sobre a decadencia das pescarias em Portugal póde ver-se a *Memoria* de Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Mem. Econ.*, tom. 4.°, pag. 312.

[2] É muito para ler-se nas *Mem. Econ.*, tom. 1.°, pag. 41, *o Racional Discurso sobre a Agricultura e a Propriedade da Provincia do Alemtejo*, por Antonio Henriques da Silveira; assim como o discurso pronunciado por occasião da inauguração do *Instituto Agricola de Lisboa*, em 1854, pelo nosso distincto agronomo, o Conselheiro José Maria Grande, do qual para aqui extrahimos a parte relativa ás aguas.

«*O desaproveitamento das aguas.* — É para deplorar o desleixo dos nossos agricultores no aproveitamento das aguas que devem servir á irrigação do solo. Ninguem ainda calculou os damnos que d'ahi provém á nossa agricultura. É por centenares de milhões, diz um grande agronomo de nossos dias, que os governos devem contar a perda, que resulta da massa d'aguas, que deixam correr descuidosos para o mar, sem tirar d'ella o menor proveito.

As aguas que se empregam na rega dos campos de Lombardia e do Piemonte produzem, segundo calculos, que

sos, que d'ella recebe, poderosissima a sua influencia na fertilidade do solo, no desinvolvimento da vegetação, na multiplicação dos animaes domesticos. A existencia de todos estes seres fôra impossivel sem este elemento, de que a natureza fizera depender a sua organisação e vida.

(Continúa.) M. Emygdio Garcia.

---

se reputam exactos, a renda de vinte milhões de cruzados, representando portanto um capital de quatrocentos milhões. As aguas do Pó, do Tessino e do Adda iriam sepultar-se improductivas no mar, sem essas famosas construcções dos lagos e canaes de irrigação, que as distribuem sobre o reino da Sardenha, e lombardo-veneziano, aos quaes communicam uma fecundidade, que todas as extorsões da guerra e da tyrannia ainda não poderam suffocar.

A energia vegetativa de qualquer paiz, e mui particularmente a dos paizes meridionaes, como o nosso, é um producto resultante d'estes tres factores — *agua, temperatura* e *adubos*. Com estes elementos podemos ter entre nós as producções rusticas de quasi todas as regiões agricolas.

Não precisamos sahir da nossa peninsula para observar o accrescimo de riquezas que podem resultar do aproveitamento das aguas. A *huerta de Valencia*, e os canaes de irrigação que a banham; as veigas floridas de Granada; as margens do Guadalquivir, principalmente desde Lara a Sevilha; as campinas de Murcia e Aragão dão um grande testimunho d'esta verdade. Os nossos campos do Minho, e de algumas bacias da Beira, os da Ponte do Sôr, do Cano, de Logomel, e de Portalegre, manifestam tambem, posto que em menor escala, o accrescimo de producção proveniente das irrigações, accrescimo que se traduz em termo medio n'um augmento de 10$000 a 15$000 réis de renda annual por geira.

Nós temos muitos rios, cujas aguas, inuteis á navegação, podem ser aproveitadas com grande vantagem pela agricultura. O Zezere, o Nabão, o Guadiana, o rio Ervedal, e muitas ribeiras suas tributarias, poderiam ser canalisados e derivados para as regas dos terrenos marginaes e circumjacentes.

As aguas pluviaes, e as dos terrenos pantanosos, tambem se poderiam aproveitar, recolhendo-as em reservatorios, taes como albufeiras, represas, e similhantes. A agricultura castelhana recorre frequentes vezes a estes meios, e tira d'estas construcções grossas vantagens. Na Andaluzia e na Extremadura é muito usado este systema dos reservatorios. Os mais famosos, porém, de toda a Hespanha são o de Orxeva, e o de Alicante, construido por Philippe II.

Na Prussia rhenana e em outros pontos da Allemanha utilisam-se aquellas aguas por um methodo ainda mais simples, e que deveria ser imitado entre nós. Os terrenos recebem, pela construcção de pequenas margens ou diques, uma disposição apropriada para reter durante algum tempo as aguas pluviaes, que para elles são encaminhadas. Estas passam muitas vezes, quando a inclinação o permitte, de uns para outros terrenos, fertilisando-se successivamente pelos sedimentos dos saes e detritos organicos n'ellas contidos. Este methodo recommenda-se pela sua simplicidade e proficiencia.

Os nossos agricultores do sul queixam-se geralmente da escassez de aguas e de estrumes, e attribuem a esta escassez o pouco desinvolvimento de certas culturas; mas se estes dois elementos de fertilidade não abundam nas provincias meridionaes, é por isso que se devem aproveitar cuidadosamente todos os que n'ellas existirem. Recolham, pois, os nossos agricultores as substancias fertilisantes, que os regatos e as ribeiras provenientes das chuvas acarretam comsigo, e aproveitem do mesmo modo os nascentes que abundam em muitas localidades, mesmo da mais arida de todas as nossas provincias, a provincia do Alemtejo, na qual comtudo existem muitos concelhos, que não cedem em abundancia de aguas á nossa provincia do Minho, como são os concelhos de Estremoz, do Cano, do Alandroal, das Galveas, de Portalegre, de Castello de Vide, de Marvão, de Niza, de Santiago de Cacem, de Montemór-o-Novo, de Villa Nova de Mil Fontes, e muitos outros; aproveitem, repito, estas riquezas perdidas, e verão o accrescimo de producção e a variedade de culturas que d'ahi lhes provêm.

Este importante objecto merece pois toda a attenção, tanto da administração como dos nossos lavradores, por isso que as regas multiplicam as producções do solo, mantendo-o em constante actividade; augmentam os trabalhos ruraes; estendem as culturas horticolas e pratenses; facilitam a estabulação; accrescentam a massa dos estrumes; e tornam os campos mais povoados, amenos e sadios.

Finalmente, sendo a agua a seiva da vegetação e o chilo da terra, é precisso espalhar á sua superficie, e profusamente, esta substancia nutritiva, que alenta a vida dos campos, e a de todos os seres organisados.»

Sobre a influencia da agua na vegetação e irrigações, póde consultar-se com proveito o *Man. de Droit Rural*, por Jacques Valserres, e tambem o *Cours d'Agricult.*, par M. Comte de Gasparin, principalmente no vol. 6.º

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

DECLARAÇÃO IMPORTANTE

Despeço-me hoje de director litterario do Panorama Contemporaneo. *Durante a minha direcção incompetente as paginas d'esta revista foram honradas com producções dos seguintes notaveis escriptores:—Alexandre da Conceição, Guerra Junqueiro, Luiz Osorio, Camillo Castello Branco, Leite de Vasconcellos, Martins Sarmento, Queiroz Ribeiro, Antonio Feijó, Costa Macedo, A. A. da Fonseca Pinto, Abilio Soeiro, Julio Moreira, D. Amelia Janny, Henriques da Silva, Gonçalves Vianna.*

Ouro de lei, como se vê; astros de primeira grandeza. A nullidade do meu nome não dava, entre esses nomes, os mais ligeiros signaes de vida. Pois bem: a despeito de tão selecta collaboração, não obstante os applausos da imprensa e a opinião favoravel dos entendedores, a despeito de tudo isso, os srs. proprietarios do Panorama Contemporaneo *reservavam-se o direito exclusivo, o original direito de estarem absolutamente descontentes com a parte litteraria da publicação. Que desejavam «litteratura amena» cousa leve, nada de massadas. Que por tal caminho os assignantes fugiriam de vez. Que d'esta fórma a indole da publicação fazia guerra aberta aos seus lucros. Que isso não tinha geito. Nada mais justo, se fosse verdadeiro. Comprehendi, porém, que a minha direcção estava, no seu entender d'elles, em antagonismo com os interesses financeiros da Empreza. Era dever meu sahir. É o que faço hoje, aproveitando o ensejo para agradecer cordealmente aos cavalheiros que me honraram com o auxilio valioso da sua illustrada collaboração, e á imprensa que tão lisonjeiramente acolheu o* Panorama Contemporaneo *e o meu nome. A esses cavalheiros e á imprensa devia eu estas explicações francas.*

Fazendo votos pelo progresso da publicação, termino inserindo aqui uma carta que dirigi ao sr. José Luiz da Costa, administrador da Empreza, a cujo convite eu acceitara a direcção do Panorama Contemporaneo.

Eis a carta e a resposta:

Ill.mo Sr. José Luiz da Costa:

Da sua consciencia e da sua franqueza peço uma resposta escripta a cada uma das duas perguntas que seguem:

1.ª—*É ou não verdade que em todos os meus actos ainda os mais insignificantes e em todas as minhas palavras verbaes ou escriptas tenho manifestado clara e exuberantemente o mais devotado interesse pelo progredimento do* Panorama Contemporaneo?

2.ª—*É ou não verdade que eu tenho applicado ao* Panorama Contemporaneo *todas as forças do meu genio e da minha intelligencia—tal como se a publicação fosse exclusivamente minha e só meus todos os lucros possiveis?*

Pela resposta concisa e consoante aos dictames da sua consciencia—exclusivamente da sua consciencia—muito grato lhe ficará o

Coimbra, 20 de janeiro de 1884.

Seu am.º e obgd.º
J. Trindade Coelho.

Resposta á 1.ª pergunta—*É verdade.*
Resposta á 2.ª pergunta—*É verdade.*

José Luiz da Costa.

E para apurar todas as responsabilidades, cumpre-me declarar porfim—expressamente, terminantemente—**que não tive a minima ingerencia na administração do jornal. A parte financeira e de expediente, ao contrario do que muita gente tem pensado, era-me completa e absolutamente extranha.** *Que isto fique bem assente.*

Coimbra, 29 de janeiro de 1884.

TRINDADE COELHO.

Esta declaração devia occupar a ultima pagina do n.º 5 do Panorama Contemporaneo. *Acontecimentos posteriores fizeram, porém, com que esse numero não sahisse já sob a minha direcção, e por isso resolvi mandal-a imprimir em folhas avulsas.*

O n.º 5, já quasi composto, continha artigos dos seguintes laureados escriptores:—dr. A. A. da Fonseca Pinto, dr. F. A. Rodrigues de Gusmão, dr. A. Mendes Simões de Castro, dr. José Frederico Laranjo, dr. Abilio Soeiro, Eduardo de Araujo, Silva Gayo e Leite de Vasconcellos.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE—1884

LISTA DOS CORRESPONDENTES

LISBOA: Viuva Bertrand & C.ª, successores, Carvalho & C.ª; José Antonio Rodrigues; Augusto Ferin; Antonio Maria Pereira, Augusto Ernesto Barata, Manuel José Ferreira, Lisboa & C.ª, Joaquim Antonio Pacheco e Mattos Moreira & Cardosos. — PORTO: A. R. da Cruz Coutinho; José Pinto de Sousa Lello; Clavel & C.ª; Viuva Jacintho; José Ribeiro Novaes Junior; J. E. Cruz Coutinho; Godinho de Castro; J. E. Gonçalves; Magalhães & Moniz; Mesquita Pimentel, e Ernesto Chardron. — AVEIRO: Mello Guimarães. — FIGUEIRA: Costa & C.ª — GUARDA: Joaquim Homem d'Almeida. — SANTAREM: Joaquim d'Oliveira Baptista. — VIZEU: José Maria d'Almeida. — PORTALEGRE: Dr. Adolpho Ernesto Motta. — ABRANTES: Antonio d'Almeida Frazão. — FELGUEIRAS: José de Magalhães. — MONFORTE DO ALEMTEJO: José da Graça Oliveira. — MONTEMÓR-O-VELHO: Paulo Coelho. — THOMAR: Viuva Campeão & Filhos. — MIRANDELLA: C. de Aguilar. — CONDEIXA: O ex.mo sr. Director do correio. — REDONDO: João Maria Alves. — MOGADOURO: Domingos Manuel Lopes. — TORRES NOVAS: Alfredo Duque Matta. — ALMADA: Antonio Branco de Carvalho. — FAMALICÃO: José Antonio Alves. — BARCELLOS: Antonio Gonçalves d'Oliveira. — FOZCOA: José Joaquim Henriques. — VIEIRA: Affonso Pereira.

ANNUNCIOS

PHOTOGRAPHIA SARTORIS

RUA DAS FIGUEIRINHAS, 47

E

RUA DO CORPO DE DEUS, 95 A 97

Chapas seccas instantaneas.

Retratos em todos os tamanhos perfeitamente acabados.

100 retratos a carvão (chromotypia) absolutamente inalteraveis, bilhete de visita, por 12$000 réis.

Amostras antes das encommendas.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS

DE

JÔÃO ANTONIO DE CASTRO JUNIOR

231 Rua de Ferreira Borges (vulgo Calçada) 237

COIMBRA

(Á Portagem em frente da ponte)

N'este estabelecimento encontra-se um completo e variadissimo sortido em fazendas do seu genero, taes como: pannos crus, patentes, familia de uma só largura para lençoes, abretanhados e em sarja. Chitaria, ramagens, bretanhas, flanellas, baetilhas, cotins, riscados, brins, barretes, lenços d'algodão, bretanhas de linho e seda. Cintas, mantas, laços de cambraia e seda. Roges, collarinhos, punhos, sombrinhas. Lãs, cachemiras e alpacas, camisolas, guarda-lamas, sapatos, meias, piugas brancas e de côres, cobertores, malhas, perfumarias, etc., etc.

Em tudo preços muito convidativos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

LOUÇAS E VIDROS NACIONAES E ESTRANGEIROS

DE

João Gomes da Silva

104 — RUA DO VISCONDE DA LUZ — 108

Deposito por junto e a retalho, serviços de louças para jantar, ditos para chá e café. Candieiros para cima de mesas, ditos de suspensão e de parede. Garrafas, copos, chaminés e vidraça de todas as qualidades. Grande sortido de vinho fino secco da Madeira, dito do Porto e muitos outros artigos que vende por preços reduzidos.

No estabelecimento se encarrega de pôr nos candieiros que tenham bocaes antigos, bocaes de fogo circular, os quaes produzem melhor luz e economia em chaminés.

MERCEARIA E TABACOS

4, 5 — Largo da Feira — 6

COIMBRA

Grande sortido em assucar, chá, café, arroz nacional e estrangeiro, massas de todas as qualidades, bolachas, chocolates finos, gommas finas de Lisboa, brancas e aniladas, sabão, azeite, papeis para escrever, vinhos do Porto, e muitos outros artigos que se vendem por preços commodos.